Diário de Lisboa

ANO 55.º/18 911 4$00

QUINTA-FEIRA 6 NOVEMBRO 1975

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

AVISO URGENTE

DÓLARES FALSOS (sete milhões)

Pág. 20

ENTRARAM PELO ALGARVE

TRABALHADORES AGREDIDOS NO M.C.S.

Violência policial abriu as portas a Ferreira da Cunha

Forças da P. S. P. e da G. N. R. invadiram esta manhã o Ministério da Comunicação Social e agrediram bárbaramente as centenas de trabalhadores que ali se encontravam para impedir a entrada naquele Ministério do tenente-coronel Ferreira da Cunha, actual secretário de Estado da Informação.

Após as denúncias das comprometedoras actividades do colaborador do ministro Almeida Santos, antes do 25 de Abril, os trabalhadores reunidos em plenário decidiram que hoje não lhe permitiriam a entrada, montando piquetes que logo de manhã estariam à porta do M. C. S..

Precisamente às 9 e 20, hora a que começariam os piquetes de trabalho, chegaram duas carrinhas da P. S. P. que se colocaram em frente à porta do cinema Eden.

Entretanto, os trabalhadores, à porta do Ministério, gritavam palavras de ordem como «O Ministério é do Povo, não é do capital», «Fascistas fora do Ministério», etc., e distribuiam comunicados em que explicavam as razões da sua luta. Uma hora depois, às 10 e 20, chegava mais uma carrinha da P. S. P. que estacionava à porta do Ministério. A tensão ali dentro aumentava, porquanto além deste cerco, foram entretando detectados ao longo da Calçada da Glória, 20 polícias. Os trabalhadores cercados começaram a ter dúvidas quanto à sua capacidade de defesa, visto que o Ministério tem dezasseis portas...

Eram 10 e 35 quando os polícias das carrinhas estacionadas no largo dos Restauradores, desceram à boa e velha maneira fascista, formando cordão, avançaram sobre os trabalhadores do M. C. S., empurrando-os para dentro do edifício.

Já lá dentro à cacetada e ao pontapé, fizeram vários feridos, que foram transportados para o hospital. Assim, ficaram muito maltratados, a trabalhadora Manuela Torres e o nosso camarada de profissão Fernando Valdez, da Agência Anop, que ali se encontrava em serviço de reportagem e que, ao dirigir-se a um polícia para lhe perguntar como poderia falar

Continua na pág. 2

SOARES E CUNHAL esta noite na TV

. . .Álvaro Cunhal e Mário Soares estarão logo à noite, lado a lado, no programa «Responder ao País» transmitido pela RTP desde os seus estúdios do Lumiar.

Trata-se de um acontecimento invulgar, é mesmo a primeira vez que os secretários-gerais dos partidos Socialista e Comunista aparecem somente os dois e juntamente num programa acessível ao telespectador português. Lembra-se que Cunhal e Soares apenas uma vez haviam participado num programa idêntico mas dessa feita para a O.R.T.F. e apenas para telespectadores franceses.

O programa começa às 22 horas e prolonga-se por tempo imprevisível. Não se sabe ainda quem serão os entrevistadores, mas parece de presumir que entre eles figurem nomes como José Carlos Megre, responsável pelo programa e César Oliveira, colaborador habitual.

FUZILEIROS EM FORMA

Reportagem na pág. 10

CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO:

SÓ PASSA À DISPONIBILIDADE QUEM O DESEJAR

. Os chefes dos três ramos das Forças Armadas, os comandantes das Regiões Militares de Lisboa, Sul e Centro e o comandante da Região Aérea, general Pinho Freire, reuniram-se ontem para debater a actual situação militar, revelou um porta-voz do Estado-Maior do Exército.

Aqueles elementos constituem a Comissão Militar do Conselho da Revolução e reuniram sem ter sido divulgada a agenda oficial dos trabalhos.

O mesmo porta-voz do Estado-Maior do Exército confirmou ainda que o general Carlos Fabião, chefe do Estado-Maior do Exército, se reuniu ontem de manhã com uma delegação do M.E.S., tendo sido trocados pontos de vista sobre a actual situação política do País. Esta reunião efectuou-se a pedido do Movimento de Esquerda Socialista.

Entretanto, a propósito da passagem obrigatória à disponibilidade de milhares de soldados, e de sargentos e oficiais milicianos, medida muito contestada pelos visados, parece conhecer-se uma nova fa-

Continua na pág. 13

2.ª EDIÇÃO

ANGOLA F.A.P.L.A. DESBARATAM MERCENÁRIOS NA FRENTE SUL

. LUANDA, 6 — (Do «Diário de Luanda» em exclusivo para o «DL») — Na frente Sul a situação alterou-se completamente, após as forças populares terem arrazado as forças mercenários que avançavam por duas frentes em direcção à cidade de Benguela, pela estrada que liga a capital da província a Sá da Bandeira, e por outro lado, pela estrada que liga Nova Lisboa ao Lobito, no intuito de se apoderarem do maior porto do país.

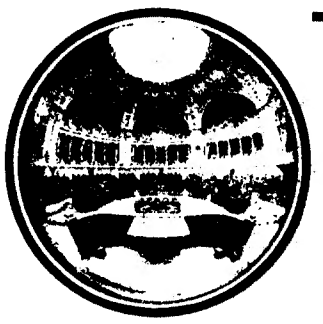
As forças populares, que adoptaram a táctica de deixar os mercenários e invasores até muitos quilómetros das suas bases logísticas, dando ao inimigo a impressão de que não ofereceriam resistência, emboscaram as duas colunas com um importante potencial de fogo: no paralelo de Catengue, junto à variante do Cubal, a coluna que avançava por Quilengues e nos morros do Baolombo a coluna que avança em direcção ao Lobito.

Estas emboscadas desbarataram completamente os mercenários e invasores que sofreram pesadas perdas (três blindados em cada frente e várias viaturas militares de transporte do Exército sul-africano) e material de guerra diverso.

SegundooEstado-Maior Geral

Continua na pág. 20

Nacional



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

O BAILINHO DA MADEIRA NO EQUÍVOCO DE S. BENTO

Foi uma sessão agitada, chama-se-lhe bailinho da Madeira, surrealismo madeirense, troca de galhardetes ou à viagem dos srs. deputados socialistas ao arquipélago uma incursão exótica no País de Alice. Culpado: Manuel Ramos, do P. S. que ontem conseguiu (finalmente falar. Telegrama de protesto houvera já à mesa da assembleia por tanto demorar a sua vez de subir os três degraus da tribuna. Ainda bem (quase se adianta) que M. Ramos só ontem pudesse falar. Falou e **valeu a pena**. Soubemos: 1.º — Que cerca de uma trintena de deputados do P. S. foi de visita (turismo e trabalho) à Madeira (com os seus familiares e à sua custa); 2.º — Que houve manifestação e comício com números polémicos de manifestantes; 3.º, — Que houve um auxílio ao turismo em crise; 4.º — Que a J. S. D., «uns rapazinhos», foi mal-criada e merece uma «valente surra», finalmente que publicou (a J. S. D.) um comunicado — «vómito nauseabundo» à partida da Embaixada P. S. no arquipélago.

Sururu na sala no espaço reservado ao P. P. D. A resposta de Manuel Ramos, pequeno, em sentido e vestindo camisola: «Não me atrapalho com pouco. Eu estou à vontade».

Mota Pinto do P. P. D., levanta-se, palavra pedida, palavra concedida e opina: «Considerações algo destemperadas» as do senhor deputado socialista. A propósito do comunicado da J. S. D.: «sempre a irreverência da juventude».

Manuel Ramos acusa o toque e usando do direito de resposta que lhe compete é peremptório: «Não reconheço a Mota Pinto qualidades para me dar lições de espécie alguma». Aplausos.

Coelho dos Santos (P. P. D.) entra em liça. De armas e bagagens pede explicações a Manuel Ramos. Sobretudo referindo-se à J. S. D. o deputado socialista a classificou como «prometedores militantes do P. P. D.». Manuel Ramos que tuteia Coelho dos Santos classificou a intervenção do seu colega do Porto, o deputado dos bês, como «um excesso de legítima defesa».

Tempo alto na Constituinte, a intervenção de Manuel Ramos com linguagem parlamentar da «belle époque».

O PLANO: AINDA

Regressou-se ao Plano, ao artigo 8. Aprovada a proposta do P. S.: «a estrutura do Plano compõe-se nomeadamente de»: Declaração de voto do P. C. face a uma «formulação inadequada». Aprovadas as alíneas **a** e **b** do n.º 2 segundo o texto da Comissão e a **c** segundo a proposta do C. D. S. que pela boca de Basílio Horta houvera de sublinhar: «O C. D. S. não é um partido capitalista como o P. S. não é um partido social-democrata». Na declaração de voto do P. C. foi lembrada a «existência imaginária de planos para fazer esquecer um Plano».

O número 3 do artigo 8 seria aprovado conforme o texto da Comissão. Classificaria Vital Moreira o debate que se prolongou até às 20 horas «de grande equívoco toda a discussão acerca da planificação». Um perigo à vista: que esta Assembleia Constituinte seja um equívoco da própria Revolução.

E o equívoco ficou aprovado por redacção do P. S.: Assim: **O plano deve garantir o desenvolvimento harmónico dos sectores e regiões, a eficiente utilização das forças produtivas, a justa repartição indivídual e regional do produto nacional, a coordenação da política económica com a política social, educacional e cultural, a preservação do equilíbrio ecológico, a defesa do meio ambiente e a qualidade de vida do povo português.** Número quarto do artigo oitavo.

R. R.

O ABRAÇO DE FRANCISCO MIGUEL

O prof. Henrique de Barros, presidente da mesa da Assembleia Constituinte vai encetar diligências junto do Presidente da República para que seja concedida nova prorrogação do período para a elaboração da Constituição cujo prazo, como se sabe, terminaria no próximo dia 2 de Dezembro. Se não houvesse prorrogação, não sendo portanto a Constituição totalmente elaborada, a Assembleia seria dissolvida sendo necessário recorrer a novas eleições. Só o P.C. e a U.D.P. puseram reservas em dar o aval às diligências do presidente da mesa da Assembleia. Primeiro terão de consultar as respectivas direcções do Partido e organizações.

Mas seria a intervenção de Augusto Seabra antes da ordem do dia a dar azo à cena maior de uma Constituinte que continua pequena nos ataques e no mais. Referindo-se sem especificar à intervenção do deputado socialista Manuel Ramos que ontem acendeu a Assembleia, Seabra apelou para que fosse prestada homenagem às organizações juvenis dos diversos partidos. E mais (já em período de dar esclarecimentos): pediu que o comunicado da J.S.D. fosse publicado no «Diário das Sessões». Então, Etelvina Lopes de Almeida, uma das visadas no referido comunicado da referida juventude defendeu-se e provou o seu passado antifascista e explicou porque bate tantas vezes palmas às intervenções dos deputados comunistas. Um verdadeiro socialista nunca é anticomunista como um verdadeiro comunista nunca é anti-socialista.

Aplaudida pelos elementos dos dois partidos, Etelvina Lopes de Almeida houve por bem lembrar a sua convivência com muitos dos deputados comunistas presentes, com menção especial para Francisco Miguel que fora aluno do seu pai. Enquanto de pé os deputados a aplaudiam, Francisco Miguel abandonou o seu lugar para lhe dar a força do seu abraço. Aquele abraço...

R. R.

VIOLÊNCIA POLICIAL

Continuação da pág. 1

com o comandante, foi brutalmente agredido na boca e pontapeado por uma série de elementos da P. S. P..

Segundo informação ali recolhida, por um nosso repórter, quem comandou a invasão policial contra os trabalhadores esta manhã foi o capitão Monteiro, encarregado por Almeida Santos da segurança do Ministério e chefe do Gabinete do Grupo de Coordenação e Divulgação do Ministério da Comunicação Social.

Também no momento em que a Polícia invadia o local, o chefe do Gabinete do ministro Alves Martins, exortava a Polícia a carregar sobre os trabalhadores, porque «esta malta precisa de trabalhar». Outra funcionária do Ministério, Inácia Cunha, aplaudia a carga da Polícia sobre os trabalhadores. Há testemunhas de que assim aconteceu.

Entretanto, chegaram mais camiões da G. N. R. que cercaram o edifício. A Comissão de Luta dos Trabalhadores emitiu um comunicado pedindo a concentração de trabalhadores junto ás instalações do M. C. S., enquanto várias organizações de base mobilizam os seus aderentes para esta luta de apoio aos trabalhadores do M. C. S. contra as forças da repressão. A cobro destas, Ferreira da Cunha, vaiado e insultado pelos trabalhadores e pelo povo que se encontrava à porta do Ministério acabou por ali entrar cerca das 11 e 30.

CÂMARA DO BARREIRO

Os trabalhadores da Câmara dos Serviços Municipalizados do Barreiro, em plenário muito concorrido, decidiram:

. «1) Repudiar a actuação direitista do VI Governo Provisório e concretamente a actuação chantagista do Ministério da Comunicação Social.

«2) Repudiar as tentativas de forças que se dizem maioritárias no sentido de controlarem os órgãos de Informação.

«3) Apoiar a luta dos trabalhadores do «Século» que combatem as manobras partidárias, oportunistas e divisionistas que pretendem evitar que o «Século» continue a ser um jornal ao serviço do povo.

«4) Apoiar a luta dos trabalhadores da «República» e da Rádio Renascença, uma vez que servem as classes trabalhadoras.

«5) Dar total apoio ao novo governador civil de Setúbal, Helder Madeira.»

ASSEMBLEIA DE GONDOMAR

..O Secretariado Provisório para a Organização da Primeira Assembleia Popular de Gondomar está a preparar a organização do Movimento Popular do Concelho, em que participam também as cooperativas. Na Freguesia de Rio Tinto, uma das mais populosas do concelho e da região do Porto, vão promover-se reuniões na Cooperativa Riocoop.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente N.º 49470, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE FUNGICIDAS PARA USO AGRÍCOLA, À BASE DE FOSFATOS DE AMINOALCOILO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, Ltd.ª. Patentes e Marcas. Rua Castilho, 201-3.º. Esq. LISBOA.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56565, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcoutim, de uma linha aérea a 15 kV com 176 m do poste n.º 230 da linha substação de Aldeia-Nova Alcoutim ao Posto de Transformação de Corte da Seda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento em 29 de Outubro de 1975.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56599, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de S. João dos Caldeireiros, concelho de Mértola, de uma linha aérea a 15 kV com 183 m do poste n.º 90 da linha Substação de Mértola Substação de Castro Verde ao Posto de Transformação de S. João dos Caldeireiros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Outubro de 1975.

Guilherme Martins

O Engenheiro Chefe

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do **Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37,** e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8/56300, arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Odemira, de uma linha aérea a 30 kV com 2166 metros do poste n.º 25 da linha para a Central e Substação da Bugalheira ao posto de transformação de Portelas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 23 de Outubro de 1975.

Guilherme Martins

O Engenheiro Chefe

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mértola em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8/56570, arquivo 5460 para o estabelecimento na freguesia de Alcaria Ruiva, concelho de Mértola, de uma linha aérea a 15 kV com 1689 metros do poste n.º 78 da linha Mértola-Algodor ao posto de transformação de Alcaria Ruiva.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

COLISEU

EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.)—TEL. 36 19 97

HOJE, «Matinée», às 16 h. (P/todos)

À NOITE, às 21.30 h. (M. 6 anos)

Companhia Internacional de CIRCO

TARDES: 5.ªs-FEIRAS, ás 16 horas

DOMINGOS: 2 «Matinées», 1.ª, 14.30 — 2.ª, 17.15

Nas «matinées», as crianças até aos 10 anos, devidamente acompanhadas têm entrada gratuita

BILHETES À VENDA

post scriptum

Sopa e um prato!

Aqui vai um apoiado à ideia apresentada no passado dia 28, nesse jornal, pelo sr. António Pacheco. Estou inteiramente de acordo com tal ideia e, no meu caso, como é a Caixa Geral de Depósitos que me faz o pagamento do subsídio de reforma, bastará que me desconte mensalmente os esc. 33$00, correspondentes a 2 por cento sobre 1650$00, não havendo necessidade de qualquer complicada fórmula para efectivar o desconto.

Passarei mais um dia por mês sem a respectiva sopa diária, mas estarei satisfeito por contribuir para a engorda das vacas magras, na esperança de que, quando houver tempo de vacas gordas, eu ainda seja vivo e me toque então para sopa e um prato.

Abílio Torres — Lisboa

Os padeiros e os outros

Dirigentes irresponsáveis têm, de algum tempo para cá, iludido e manipulado o cérebro da classe trabalhadora. O caso dos trabalhadores da panificação joga mais com represália do que com direito ao trabalho. Se aceitarmos que o padeiro não deve trabalhar à noite, outro tanto devemos pensar em relação ao médico que está de serviço nos hospitais, desde a urgência à cirurgia, dos enfermeiros ocupados em velar pelos que sofrem, dos bombeiros ocupando-se de todos, desde o salvamento de vidas até ao transporte de doentes e ao apagar de fogos. Se todos tentam falar nos direitos sem atender aos deveres dos homens da TAP e da CP prescindem do horário nocturno, fazendo o mesmo os homens da Imprensa, da Rádio, os polícias das ruas. Isto porque todos os trabalhadores têm os mesmos direitos que os da Panificação.

Ora, se ninguém se interessa por ninguém, vamos todos para casa cedo, deixemos amontoar o lixo nas ruas, invadidas de parasitas, deixemos os feridos perder sangue, etc. (...)

Para terminar pergunto: não foi durante a noite, pelos que estavam de serviço na Rádio que o País teve conhecimento da histórica data do 25 de Abril?

José Adelino Neves — Lisboa

Em força, pelo M. P. L. A.

Sei que não está esquecido o que pretendo lembrar nesta carta. Mas, porque o tempo passa velozmente e se aproxima a passos largos um dia altamente histórico para o Povo Português, que não só para o Povo de Angola, talvez não seja de mais lembrar. Esse dia é o 11 de Novembro, o dia da independência de Angola!

O que fundamentalmente gostaria de referir é o seguinte:

— por apelo dos órgãos populares de base, sindicatos, partidos políticos e outros órgãos de capacidade mobilizadora de massas, têm-se organizado variadíssimas manifestações, a favor ou contra os mais variados acidentes e incidentes do nosso processo revolucionário;

— quanto a questão de Angola, já algumas mobilizações foram feitas, mas todas elas de pouco peso, não conseguindo ser muito significativas;

— não havendo dúvidas que o desfecho da situação em Angola é importante para a revolução portuguesa e, atendendo a que o povo angolano está a ser massacrado por mercenários sem escrúpulos, que invadiram o seu território a partir de bases no estrangeiro;

— não havendo dúvidas de que o M. P. L. A. é o único representante legítimo do Povo Angolano, que luta contra um inimigo, que também é inimigo do Povo Português;

Porque será que esperam os órgãos de Poder Popular e os revolucionários portugueses para fazerem uma chamada para aglutinação do Povo Português, numa imponente manifestação de apoio ao M. P. L. A., para exigir ao Governo português que só transmita o Poder a este movimento, chamando a atenção do Mundo para as acções criminosas que do estrangeiro se desenvolvem contra o Povo Angolano? Que é o mesmo que dizer contra o Povo Português!

Mário Martins Pereira — Lisboa

Ao camarada general Otelo

Para quando, camarada general Otelo?

Sim. Para quando, camarada general Otelo, a concretização da declaração feita através da RTP, aquando da sua partida para a Suécia, em que foi bastante claro ao dizer que convocaria e armaria o Povo, se notasse alguma viragem à direita, isto quanto à acção do VI Governo?

Que mais será necessário para que o camarada general passe das palavras à acção?

Será que se torna necessário que o Povo, esse Povo que no 25 de Abril deu provas de unidade, unidade reforçada com o 1.º de Maio, que esse Povo, em nome de quem tudo se faz e tantas vezes vilipendiado, fique completamente dividido, como actualmente já se nota?

Sim! Efectivamente é o que pretendem uns certos partidos que se dizem progressistas, mas que mais não fizeram do que repartir entre si este já tão repartido País.

Camarada general Otelo! Quando o clarim soar a unir as massas, camarada general, gostaria de responder a esse apelo?

Artur Pimentel — Lisboa

CONTRADIÇÕES FINANCEIRAS E PERDA DE INDEPENDÊNCIA

Por Alexandre de Freitas

Os meses de Setembro e Outubro registaram, no complexo jogo da luta política, alguns episódios insólitos, com particular incidência no domínio da política financeira do País, e sobre os quais conviria reflectir.

É que a batalha da transição para o socialismo, em que estão empenhadas todas as forças progressistas, depende muito das opções que se vierem a tomar no domínio da política financeira externa do Estado.

Na fase final do V Governo começou a agitar-se o espantalho da bancarrota e, isto, apesar de Portugal dispor, para cobertura das nossas responsabilidades externas, de reservas em ouro, de valor superior a 100 milhões de contos, à cotação do mercado livre, e de divisas ainda suficientes para garantir a normalidade das relações económico-financeiras pelo menos durante cerca de 3 meses.

Curiosamente estas afirmações provinham de quadrantes políticos que sempre se escusaram a comprometer-se com uma política consequente de defesa da nossa balança de pagamentos e, nomeadamente, qualquer esquema de restrições quantitativas às importações.

Para já, teve-se a preocupação de, com o maior ênfase, acentuar o esgotamento das divisas e, simultaneamente, referir que o Governo teria de encarar a desmobilização das reservas de ouro da Nação, com vista à obtenção de meios de pagamento sobre o exterior.

Era importante obter dos portugueses um relativo cheque em branco para a negociação do ouro e, simultaneamente, imputar-se à conta de terceiros o ónus de tal processo.

Naturalmente que a persistência de elevados défices da balança de pagamentos corroborava, simultaneamente, o problema da «ajuda», a necessidade de empréstimos. Aí as coisas afiguravam-se, contudo, até certo limite, relativamente fáceis pois, ao longo dos meses, as forças sociais-democratas vinham preparando o terreno...

O défice na balança

Talvez valha a pena um esforço no sentido de entender alguns dos principais problemas da nossa balança de pagamentos. É questão fundamental e os trabalhadores não podem deixar essas coisas reservadas a alguns privilegiados. Se as reservas de um país se «consomem» a que se deve tal facto? O que é que isso tem a ver com o saldo negativo da balança de pagamentos?

Usando uma imagem do quotidiano poderíamos dizer que uma nação com uma balança negativa está na mesma situação de uma família que gasta acima do que ganha. Se nós compramos mais ao estrangeiro do que aquilo que vendemos, naturalmente a diferença terá que ser suportada por alguém.

Ora o que se verificou em Portugal no passado recente?

Em 1973, o défice da nossa balança comercial foi de cerca de 29 milhões de contos. Em 1974 quase duplicou. Importámos mercadorias no valor de 113 milhões de contos enquanto as nossas exportações não foram além de 58 milhões de contos. Tivemos um saldo negativo da balança comercial de 55 milhões de contos. Este aumento das «compras» resultou, em grande medida, dos acréscimos de preços do petróleo, das matérias-primas industriais e produtos alimentares, equipamentos e bens de consumo duradouros.

Para equilibrar as nossas contas, o ano passado contámos, principalmente, com as remessas de emigrantes, as receitas do turismo e algumas operações de financiamento normal junto das instituições financeiras que operam no mercado internacional. Mas, apesar disso, os meios de pagamento (divisas), que assim obtivemos, não foram suficientes para honrar os nossos compromissos externos. Faltou sensivelmente, o equivalente a 16 milhões de contos (défice da balança de pagamentos), pelo que tivemos de lançar mão das reservas do País.

O Banco de Portugal foi, pois, forçado a utilizar parte dos seus depósitos no estrangeiro, em dólares, marcos, libras, francos, etc., as reservas do País, de que em grande medida é depositário, para suprir o défice e pagar compromissos assumidos pelo País.

As reservas diminuíram assim, em 1974, ingloriamente, 16 milhões de contos. Simplesmente os portugueses, no imediato, não experimentaram qualquer tipo de privações. A existência de reservas permitiu, por exemplo, combater intensamente uma política séria e consequente de austeridade com o apoio das classes trabalhadoras.

No ano em curso, o défice da nossa balança de pagamentos deverá rondar entre os 25 e os 30 milhões de contos. De novo teremos de lançar mão das nossas divisas para regularizar não só o saldo resultante das aquisições de equipamentos, matérias-primas e produtos alimentares essenciais, mas também de múltiplos produtos supérfluos ou não essenciais.

A hipoteca das reservas

A continuarmos no esquema liberal de comércio que herdámos do fascismo, reproduzindo e ampliando o modelo de consumo que o capitalismo desenvolveu na nossa pátria, estamos a concorrer para o agravamento da dependência do nosso povo relativamente ao capitalismo e, objectivamente a apoiar as forças contra-revolucionárias.

Porque é importante perceber que, ao longo do complexo processo de transformação social que se tem vivido em Portugal, o elevado volume de reservas de que dispúnhamos à partida, tem-nos permitido vencer várias etapas sem que o imperialismo nos tenha conseguido asfixiar.

A liberdade de movimentos deste pequeno País, altamente dependente do bloco capitalista, decorre da solidariedade dos países socialistas e dos demais povos progressistas do mundo e da capacidade material de resistência que possuimos.

A História ensina-nos que o capitalismo não desarma com facilidade. É importante que as massas trabalhadoras e os patriotas não se deixem enlevar nos cantos de cisne.

A melhor maneira de defendermos a nossa Revolução é assumirmos, nós próprios, a sua defesa e não aguardarmos as «ajudas» do capitalismo. O socialismo constrói-se com a vontade férrea de um povo, com uma direcção política unificada e com a cooperação dos outros povos progressistas.

Enquanto a estratégia do capitalismo aponta no sentido de nos alienar a nossa margem de manobra, pela via do consumo das nossas reservas, os patriotas e os revolucionários terão de tudo fazer para evitar uma tal catástrofe.

Dentro de 2 meses talvez as nossas divisas se estejam a esgotar. Restar-nos-á um apreciável volume de reservas em ouro. E depois?

Ora, nos tempos actuais, o ouro não é um meio líquido, não se usa directamente na liquidação de operações correntes.

Haverá, por conseguinte, que transformar o ouro em meios líquidos, divisas, ou pelo recurso à venda progressiva no mercado livre ou através da realização de empréstimos junto das instituições financeiras internacionais, em que o ouro poderá ser dado de penhor.

No limite talvez tenhamos que fazer alguns destes tipos de operações, cujas consequências são muito mais gravosas no caso de empréstimos caucionados do que no caso da venda pura e simples.

Com efeito, o sector público assinou vários contratos a nível internacional e, por força da nacionalização de várias empresas, entretanto, o próprio Estado assumiu novas responsabilidades pela liquidação de alguns destes créditos.

Contendo os contratos de financiamento, como norma, cláusulas que prevêem o reforço de garantias, logo que as instituições financeiras internacionais tenham conhecimento ou participem em qualquer contrato com o Estado português, em que eventualmente, se ofereça como garantia de qualquer empréstimo-ouro, virão exigir, de imediato, idêntica garantia para os empréstimos já assinados. Uma operação deste tipo, pode determinar em cadeia que, sem qualquer acréscimo líquido de divisas, se tenha de dar como caução uma percentagem significativa das nossas reservas de ouro.

Como patriotas cremos que o complexo processo de dependência que é susceptível de forjar uma operação caucionada, impõe as maiores reservas à sua eventual consideração. Esta é a via acelerada de hipoteca do País ao imperialismo.

Por outro lado, mesmo a simples venda de ouro, pelo significado de que se reveste a prazo terá de ser encarada com a maior parcimónia e única e exclusivamente para efeitos de cobertura de necessidades absolutamente essenciais, e sem prejuízo de outros esquemas de cooperação, possíveis com os países socialistas.

Importa que as forças progressistas se mantenham extremamente atentas e denunciem a demagogia e os interesses de classe de todos aqueles que não querendo prescindir dos seus privilégios, estão apostados a reconduzir a nossa pátria à dependência total do capital monopolista nacional e internacional.

Nacional

SERVIÇOS DE APOIO DO C.R. CONTRA A COMISSÃO DE VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA

. O Secretariado Coordenador dos Serviços de Apoio do Conselho da Revolução enviou-nos, para publicação, a seguinte nota oficiosa:

. «Em nome de uma comissão que se diz revolucionária mas cujos membros, muito embora vivendo num processo revolucionário, se mantêm incompreensivelmente no anonimato, certos órgãos de Comunicação Social pretenderam insidiosamente fazer crer ao povo português que, entre outras entidades, também os Serviços Prisionais Militares estariam ligados à preparação dum golpe reaccionário a desencadear antes do próximo 11 de Novembro.

A inconfessabilidade dos objectivos de tais órgãos de Comunicação Social é bem patente ao publicarem um documento anónimo tão altamente injurioso, sem sequer terem procurado confirmar junto de fontes oficiais abalizadas as afirmações nele contidas.

Muito embora o povo português saiba distinguir por si só os seus inimigos e as manobras contra-revolucionárias por eles alimentadas, os Serviços Prisionais Militares consideram seu dever desfazer os mal-entendidos e calúnias propositadamente levantados pela dita Comissão Revolucionária, divulgando ao povo português a verdade a que tem direito:

. 1. Aos Serviços Prisionais Militares compete fundamentalmente velar pelo bom funcionamento técnico-administrativo dos presídios militares, sendo da responsabilidade dos Estados-Maiores dos três ramos, Copcon e GNR, a sua segurança, visto os SPM não possuirem quaisquer forças sob as suas ordens. Assim, qualquer fuga destes presídios só será possível se as forças militares ou da GNR que os vigiam forem incapazes de cumprir a sua missão.

2. No momento actual, apenas estão incluídos nos Serviços Presionais Militares os seguintes estabelecimentos:

. __ Caxias, à guarda do EME/Copcon; Alcoentre, à guarda do EMFA (após a fuga dos ex-PIDE/DGS); Peniche, à guarda do EME/Copcon; Penitenciária, à guarda da GNR.

Exclui-se, portanto, o forte da Trafaria, da responsabilidade exclusiva da Região Militar de Lisboa, cujo comandante é o comandante do Copcon.

3. A Direcção Geral dos Serviços Prisionais Militares está a cargo do comandante Xavier e, em particular, a dos presídios de Caxias, Penitenciária, Alcoentre e Peniche, respectivamente a cargo do cap. Palma, alf. Vinagre, cap. Manuel Marques e cap. Silva Carvalho. Desde a fuga dos ex-PIDE/DGS de Alcoentre, o Conselho da Revolução nomeou o tenente-coronel Costa Neves para superintender aqueles serviços, sem funções executivas específicas.

4. Após aquela data, o CR, e em particular os responsáveis máximos militares têm sido alertados frequentemente para a deficiente segurança dos presídios militares e para a falta de meios materiais e humanos de toda a ordem com que os serviços se debatem.

Os últimos apelos foram feitos nas reuniões do Conselho da Revolução de 23 e 31 do mês passado, focando-se em particular o perigo de tentativas de evasão.

5. A transferência dos detidos militares (incluindo o gen. Kaúlza de Arriaga) da Trafaria para Caxias e da inteira responsabilidade do comandante da Região Militar de Lisboa. Os Serviços Prisionais Militares limitaram-se a satisfazer o pedido de transferência, como se pretendeu fazer crer, estivesse realmente dentro dum plano contra-revolucionário, não caberia aos Serviços Prisionais Militares responderem por tal acto.

6. Também os Serviços Prisionais Militares nada têm a ver com as libertações quer de funcionários da ex-PIDE/DGS, quer de eventuais implicados no golpe de 11 de Março de 1975. Limitam-se apenas, como lhes compete, a satisfazer os pedidos de soltura emanados respectivamente da Comissão de Extinção da ex-PIDE/DGS ou seus superintendentes, quando existem, e Conselho da Revolução através do superintendente principal da Comissão de Inquérito do 11 de Março de 1975, almirante Rosa Coutinho. Após a libertação, o controlo dos movimentos e vigilância daqueles que se mantêm na situação de residência fixa, como é o caso da totalidade dos eventuais implicados no golpe do 11 de Março de 1975, cabe ao Copcon ou a quem ele determinar.

Os Serviços Prisionais Militares declinam portanto toda e qualquer responsabilidade quanto às actividades dos elementos citados após libertação dos presídios militares.

7. Por ser já motivo de especulação e ataque à direcção dos Serviços Prisionais Militares informa-se que o ex-evadido da penitenciária de Lisboa João Cruz, que tudo leva a crer ser o principal responsável pela fuga de dois elementos da ex-PIDE/DGS da cadeia Penitenciária de Lisboa, em 31 de Maio de 1975 e recapturado em 13 de Outubro de 1975, encontra-se novamente em liberdade sob a responsabilidade do SCDI. A superintendência dos Serviços Prisionais Militares que desconhecia esta situação anómala, aguarda do SCDI esclarecimento dos motivos que a geraram por não ter obedecido aos trâmites usuais.

8. Segundo os já citados órgãos de Comunicação Social, «causa a maior apreensão a transferência para Caxias» do ex-major piloto-aviador Mira Godinho e do ex-1.º tenente fuzileiro Benjamim, presos no passado dia 31 de Outubro em Braga.

Ainda que continuando a ser o Copcon e não os Serviços Prisionais Militares o responsável por essa transferência, não se quer deixar de afirmar que ela é absolutamente natural visto os dois ex-oficiais deverem ser entregues às ordens da Promotoria de Instrução do Tribunal Militar Revolucionário do 11 de Março, a eles devendo também ter acesso o SCDI e SPJM, todos funcionando em Lisboa. Obviamente economizam-se assim meios e o tão valioso tempo. Esclarece-se ainda que os ditos oficiais se encontram incomunicáveis.

9. No Regulamento Prisional Militar foi incluído, por decisão do Conselho da Revolução que os seus membros teriam livre acesso aos presídios militares e aos reclusos em regime prisional normal. Estão também previstas visitas extraordinárias aos reclusos neste regime, portanto sem prejuízo para as investigações a que estão a ser submetidos, desde que sancionadas pelo director dos Serviços Prisionais Militares. Não é pois, de estranhar que reclusos militares de Caxias sejam visitados por membros do Conselho da Revolução ou militares não fazendo parte das respectivas famílias. Este procedimento não constitui, porém, rotina, e muito menos põe em causa a segurança do Forte. Quanto à especulação que nagluns sectores, certamente mal informados, se tem vindo a fazer sobre entradas e saídas de militares fora das horas normais de visitas, esclarece-se que estas acontecem de facto mas não feitas pelos membros das comissões de inquérito, do SPJM, do TMR, do SCDI, do Copcon, enfim todos aqueles que pelas suas funções têm necessidade de contactar com os reclusos e evitam privá-los sempre que possível das visitas a que têm direito, ou cujos trabalhos os levam a permanecer naquele Forte para além do horário normal de funcionamento ao público.

10. As saídas extraordinárias dos majores Neto Portugal e Mensurado verificaram-se efectivamente. Sem escolta e sob palavra de honra. O primeiro por morte da mãe, o segundo para acompanhar, a conselho médico, duas intervenções cirúrgicas importantes a que foi submetida sua mulher. E regressaram a Caxias. Sem qualquer coacção.

Outros três reclusos militares relacionados, com o golpe do 11 de Março de 1975, estiveram em regime prisional especial, só após ter sido acordada a sua passagem à situação de «residência fixa» e enquanto a decisão respectiva não pôde ser assinada pelo almirante Rosa Coutinho, na altura ausente. Todos os outros reclusos, militares ou não, cumprem as regras prisionais estabelecidas.

11. As intenções pouco claras dos ataques agora desferidos contra os Serviços Prisionais Militares e seu superintendente são bem ilustradas pelo facto de neles não se ter referenciado, por exemplo, o regime prisional muito severo a que estão submetidos os reclusos de Alcoentre. É óbvio que se o tivessem feito a contradição seria nitida e o desmascaramento dos objectivos inconfessáveis imediato.

12. Os Serviços Prisionais Militares têm desde sempre franqueado as portas a todos aqueles que construtivamente o pretendem criticar. Foi o caso, entre outros, da Cruz Vermelha Internacional e da Comissão de Soldados e Furriéis antifascistas da responsabilidade do capitão Banasol. Mas a dita Comissão Revolucionária e os órgãos de Comunicação Social que deram cobertura a tão baixas manobras não têm com toda a certeza intenções construtivas. A destruição é o seu lema. E a destruição sem opção é contra-revolucionária. E a mentira também. E a insídia. Por isso a «Comissão de Vigilância Revolucionária» está a ser neste momento objectivamente contra-revolucionária.»

OFERECE-SE

Para escritório com curso completo de dactilografia

Telefone 77 51 60

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

COMUNICADO

Em reunião geral de sócios do sector da Construção Civil (zona Sul) realizada em 30/10/75 pelas 21 horas tendo como O. T.:

PONTO ÚNICO — Contrato Colectivo Vertical para o sector da Construção Civil, foi aprovado o seguinte:

1 — Que a discussão sobre o CCT seja articulada com o estudo das medidas a tomar contra o desemprego.

2 — Que desde já se realizem Assembleias de Trabalhadores em todas as empresas para discussão do CCT e da crise de emprego, de modo a serem estes a discutir e decidir as formas de luta necessárias.

3 — Que se realize um Plenário de Delegados Sindicais e Comissões de Trabalhadores de todas as empresas da Construção Civil tendo como objectivo:

a) Discutir e votar as várias propostas apresentadas pelos trabalhadores nas suas empresas.

b) Mandatar a Comissão Negociadora dos Sindicatos depois da discussão do projecto da Portaria do Ministério do Trabalho.

4 — Que fique neste Plenário explicito o apoio dos T.D. ao evoluir do contrato e que a Direcção proponha aos Sindicatos subscritores do CCT formas de luta que atendam aos pontos 1, 2 e 3 da proposta.

Por proposta da mesa foi aprovado que fossem publicados nos meios de informação os pontos atrás aprovados.

Lisboa, 4 de Novembro de 1975

A DIRECÇÃO

Contra o julgamento de ocupantes

. «Casas, sim, barracas, não. Por uma habitação digna. Pela organização da autodefesa da população contra a burguesia.»

. Com estas palavras de ordem, apela o Secretariado das Comissões Revolucionárias Autónomas de Moradores e Ocupantes de Lisboa e Arredores, num comunicado, para que todos os inquilinos (ocupantes ou não) comuniquem urgentemente a sua situação quanto a julgamentos, acções de despejo, repressão dos senhorios ou da Polícia para a sede provisória do Secretariado, na Avenida Almirante Reis, n.º 12. Esta iniciativa do Secretariado deve-se ao facto de a justiça burguesa que ainda vigora no nosso País ter começado a julgar ocupantes de casas.

De facto, além de alguns julgamentos já efectuados, mais quatro se preparam para amanhã em Cascais, estando em curso outros, conforme se afirma no comunicado do S. C. R. A. M. O. L. A. Considerando além disso que se trata de «uma manobra repressiva da burguesia reaccionária contra os explorados e oprimidos a pretexto de uma disciplina e ordem burguesas», as comissões revolucionárias autónomas reunidas em plenário decidiram que de futuro «tudo farão para que mais nenhum julgamento se faça contra a vontade popular».

CONTRA O VI GOVERNO

Os moradores do Bairro do Rego (Freguesia de N.ª Sr.ª de Fátima, de Lisboa) aprovaram, em plenário, uma moção em que exprimem o seu desacordo pela participação no Governo do P. P. D. pelas suas posições e acções contra-revolucionárias. Exigem que sejam respeitadas as conquistas revolucionárias dos trabalhadores e manifestam a firme determinação de, juntamente com os outros órgãos de vontade popular e em estreita aliança com os militares revolucionários, continuarem a luta em defesa da Revolução.

Noutra moção, os moradores do Bairro do Rego afirmam o seu total apoio aos soldados, sargentos e oficiais progressistas e revolucionários e protestam contra a discriminação de que a esquerda militar é alvo ao nível do Conselho da Revolução.

Foi também enviada ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ao Conselho da Revolução uma moção de solidariedade para com as bases do Quartel de Beirolas e de apoio aos soldados, sargentos e oficiais e pessoal militarizado na luta revolucionária.

A moção é subscrita pela Comissão de Moradores de Moscavide, Associação de Moradores do Casal dos Marcos, Associação de Moradores da Azinhaga Jogo da Bola, Seminário e Junta de Freguesia de Moscavide.

As comissões de Bairro da Quinta da Lomba, Telha Nova, 25 de Abril, Torrão, 1.º de Maio, Vale do Trabuco e Telha Velha decidiram repudiar numa moção a atitude reaccionária do actual ministro da Justiça, por este não autorizar a transferência da verba de cerca de vinte mil contos inicialmente destinada ao Palácio da Justiça, e mais tarde canalizada para melhoramentos no tribunal e para equipamentos públicos.

A transferência, sugerida pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Barreiro e exigida pela população da freguesia de Santo André do Barreiro, fora autorizada pelo Gabinete do Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves.

Reunidas em plenário no Teatro São Luís, as freguesias dos concelhos de Lisboa, Vila Franca de Xira, Loures, Cascais, Alenquer e Oeiras, as comissões administrativas das câmaras municipais de Abrantes, Chamusca, Benavente e Cartaxo, o Secretariado das Reuniões Intercâmaras de Santarém, os secretariados concelhios das freguesias de Oeiras, Alenquer, Lisboa, Cascais, Loures e Santarém, várias comissões de moradores e de trabalhadores e ainda a União dos Sindicatos de Lisboa aprovaram uma moção de repúdio pelos saneamentos à esquerda de civis e militares e responsabilizaram o Governo por todas as medidas contrárias aos interesses do povo.

COMISSÃO DE MORADORES DA PÓVOA DE VARZIM

Um grupo de moradores da Póvoa de Varzim promove esta noite, às 21 e 30, no Sporting Clube da Póvoa, uma assembleia de moradores para discussão e eleição da comissão de moradores daquela vila. O grupo promotor da iniciativa convoca toda a população local a participar na assembleia. Foram feitos contactos com o M. F. A. e Junta de Freguesia de S. Martinho do Bispo (Coimbra) no sentido de enviarem delegados à reunião.

A comissão promotora da Comissão Instaladora do Infantário e Jardim de Infância de Oliveira de Azeméis convida toda a população deste concelho a participar no plenário convocado para o próximo sábado, às 15 horas, na Escola Industrial e Comercial de Oliveira de Azeméis, a fim de eleger a Comissão Instaladora do Infantário e Jardim de Infância.

Efectua-se no próximo domingo, às 9 horas, na Sociedade Musical Odivelense, a Assembleia Popular da Freguesia de Odivelas, em que participarão o Conselho de Moradores, comissões de trabalhadores, delegados sindicais, delegados das Assembleias de Unidade (ADU's) e outras organizações populares.

Nacional

Da resistência de "O Século" a um combate perdido

. Pedradas, tiros, mangueiradas e pauladas — aí está a manifestação de ontem junto a «O Século». Manifestação em vários tempos. Em jeito de apanhado, aí vai o que estes, que a terra há-de comer, viram espantados na noite de ontem.

Primeiro contacto: algumas (poucas) centenas de pessoas encabeçadas por um cartaz e um megafone que gritava «O Século» é do povo não é de Moscovo», subiam a Rua da Rosa em passo decidido. Rua estreita, fila longa.

Segunda imagem: em frente de «O Século», enquanto trabalhadores se mantinham coesos protegendo a entrada do jornal, os manifestantes ficavam, respeitosamente, a alguns metros. Madureira, um dos suspensos subiu ao muro. Megafone em punho, microfone na boca, falou à multidão. Demorou pouco: foi apeado por um «camarada» mais violento. Registei o seguinte diálogo: «Sai daí, camarada. A gente não está aqui para meiguices. Isto tem de ser resolvido já.» «Camarada? Que é isso? Não te conheço. O Sindicato dos Jornalistas é que organizou a manifestacão. Não saio!» «Sais, sim senhor. Estas pessoas que aqui estão não podem ser enganadas. Vamos a isto.»

. Adriano de Carvalho, presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas, assistiu a tudo, impávido, vermelho e sereno. Madureira foi apeado, o camarada que não conhecia subiu à tribuna de pedra e os ânimos aqueceram um bocado. Não o suficiente, porém, para se tentar a entrada nas instalações do matutino.

Terceira imagem: uma senhora, meio loura e de meia-idade, na primeira fila dos manifestantes: «Quem não for trabalhador do «O Século» que saia da frente. Isto é uma questão entre trabalhadores do «Século». Saiam daí que não têm nada a ver com isto.»

Pergunta uma voz:

«E essa gente que está por aí, tem?». Fora de si, nervos explodindo, a dama, meio loura e de meia-idade, invectivou os seus companheiros: «Ah se eu fosse homem! Vocês estão para aí a falar, a falar e não fazem nada. Vamos entrar, caramba».

Entre os manifestantes, contudo, havia quem pedisse calma, travando o passo a alguns provocadores nítidos (bem jovens, bem jovens) que também queriam tentar romper as filas de homens calmos que protegiam o edifício do jornal.

Quarta visão: Roby Amorim, sem tremer, em cima do muro e com megafone. Explicou aos presentes que a luta não se limitava a duas facções de trabalhadores do jornal. Não: era muito mais do que isso. A luta — disse — era a de todo o povo português, por uma informação livre e não manipulada. Pediu calma aos seus amigos e anunciou que os suspensos do «O Século» iriam entrar no jornal serenamente, para exigir a reposição da verdade do referendo.

Quinta parte: ao fim de quase uma hora ainda ninguém tinha entrado. Um «jeep» da P. M. passara entretanto. Na noite fria, não se sabe como, começou a ouvir-se, meigamente, alguém que assobiava a Internacional. O coro de assobios meigos aumentou. Em instantes, os trabalhadores que defendiam o edifício do «O Século» cantavam a canção-símbolo a plenos pulmões, punho erguido bem lá no alto.

À esquerda defende-se, à direita ataca-se

. Militantes do M.R.P.P. apuparam então, com toda a genica possível, a Internacional. Apuparam ainda mais. E, de repente, uma pedrada no charco: isto é, uma pedrada, sequida de dezenas de pedradas, atingiu os vidros de «O Século» e os homens e mulheres que estavam de braço dado em frente do edifício.

Sexto tempo: foi tudo sincronizado — as janelas abriram-se e mangueiras bem afinadas deram um banho geral nos manifestantes em fuga. Os trabalhadores deixaram de dar os braços uns aos outros, alguém gritou «vamos a eles» e foi um ver se te avias. Num ápice, de manifestantes, nem sombras. Molhados com a água das mangueiras e aquecidos com as pauladas dos até aí calmos defensores do jornal que «é do povo e não é de Moscovo», os manifestantes foram jantar que já eram horas.

Parte final: ainda se ouviram uns tiros. Militares chegaram para montar um serviço de guarda. Alguém numa das janelas de «O Século» veio falar à pequena multidão que deu vivas à classe operária. Eu fui-me embora e não vi mais nada.

Nota: neste pequeno contributo para a história do que foi a «manif.» de ontem, um pequeno pormenor: o João Carreira Bom, um dos suspensos de «O Século», depois das pedradas terem começado e o alarido se ter feito sentir pelo Bairro Alto, aproximou-se, vindo da Calçada do Combro. Dirigia-se, afoito, para as instalações de «O Século». Avisei-o, honestamente, do que se estava a passar. «Mas quem é que está ali?» (O ali era o largo fronteiriço a «O Século»). Disse-lhe: «Olha, João, quem está ali são os trabalhadores que defenderam «O Século» dos manifestantes.

«Estão furiosos, têm paus e têm punhos. Os teus amigos fugiram. Faz o que quiseres, mas se fosse a ti não ia para lá. Eles conhecem-te. É um aviso.»

João, bem educado, agradeceu. E com mais dois amigos virou costas e desapareceu.

R.C.

Em ABRANTES o DIARIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca Martins, Lda. Praça Visconde de Abrancalha

à meia volta

Sr. Primeiro-Ministro

A. PEREIRA DA SILVA

Talvez o sr. Primeiro-Ministro experimentasse um vago gesto de conter a palavra de ordem imunda gritada em Faro por uma parte da manifestação bipartidária que o apoiou. Vimos ontem na TV: enquanto a numerosa claque do P. P. D. gritava (o que fez muitas vezes) «Cunhal para a Sibéria», o almirante Pinheiro de Azevedo acenava e ria. Gesto infeliz, sr. almirante, visto por milhões de portugueses. Tanto mais que, logo a seguir o chefe do Governo definiria em termos correctos o que se pretende conquistar, o socialismo. E. V. Ex.ª disse o mesmo que o grande antifascista, Álvaro Cunhal, está farto de apregoar, há muitos anos. Dito por V. Ex.ª, tal definição mereceu as palmas em redor de quem não está minimamente interessado em construir esse socialismo. Dito por Cunhal, isso corresponderia a que o convidassem a ir para a Sibéria. Tudo foi visto por milhões de portugueses, sr. Primeiro-Ministro.

Ao ver na TV esta cena, com que amargura recordei aquela primeira reunião da Junta de Salvação Nacional, na Cova da Moura, horas passadas sobre o Movimento de 25 de Abril. Ali, em diálogo com José Tengarrinha, o almirante Pinheiro de Azevedo foi o primeiro, no meio de declarados anticomunistas, a garantir que o P. C. P. era considerado indispensável à Revolução. Lembra-se? Cunhal regressaria pouco depois. E tanta coisa mudou neste país.

C. V. R. denunciam manobras de cúpula

Comités de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas publicaram hoje um comunicado em que denunciam a existência de manobras da cúpula político-militar, no sentido de se conseguir uma recomposição de forças dentro das estruturas de Poder e que poderiam estar relacionadas com a reunião de hoje do Conselho da Revolução.

O comunicado refere a existência dessas manobras, e de um novo «documento» (como o dos Nove e o do Copcon) salientando que *ao confiar a solução da crise político-militar aos mesmos homens que têm conduzido o processo no sentido que tem aberto cada vez mais ao avanço do fascismo, subitamente redimidos e reconciliados, não se está a fazer mais do que afirmando defendê-las, abrir as portas a uma definitiva destruição das verdadeiras estruturas populares, que só elas serão capazes de assumir até ao fim o processo revolucionário.*

Referindo-se depois a tentativas em curso no sentido de resuscitar o M. F. A., como vêm defendendo algumas personalidades, afirma-se no comunicado do C. V. R. F. A.:

. «Ao procurar de novo, e numa situação de cada vez maior agudização da luta de classes e de profunda crise económica, ressuscitar o M. F. A., conciliando os «nove» com outros oficiais, e ao reduzir toda a manobra às cúpulas dirigentes e sobejamente ultrapassadas pelo processo revolucionário, mais não se está a fazer do que o jogo da direita e do reformismo.»

A seguir referem-se pontos particulares do documento que hoje deverá ser apresentado ao Conselho da Revolução, afirmando-se nomeadamente que ele pretende voltar a instaurar a disciplina militarista dentro das unidades militares, de modo a abrir caminho a uma repressão à esquerda:

«Aponta-se no sentido de reestruturação do Exército português e da subsequente e óbvia adopção da disciplina militarista para impor a ordem aos partidos o que não é mais do que apontar para a suspensão da liberdade de acção dos partidos de esquerda que têm vindo a lutar pela transformação real dos conceitos de disciplina e de ordem social quer na sociedade civil quer nas F. A.»

O comunicado refere depois os termos em que o documento que será discutido pelo C. R. se refere aos partidos, apontando para a marginalização do P. P. D. e do C. D. S.

«Ameaça-se muito pouco veladamente reduzir as forças de esquerda à situação de clandestinidade, compensando-as com a passagem da direita e os fascistas ao estatuto de «oposição»: «Nestes termos o C. D. S. e o P. P. D. teriam que receber definitivamente o estatuto de partidos da oposição. Receberiam tratamento idêntico os partidos da chamada extrema-esquerda, depois de cuidada e criteriosa análise às suas linhas programáticas.»

. O comunicado dos C. V. R. F. A. continua, denunciando as referências do documento aos membros dos «nove», que teriam ainda segundo o documento a apreciar no C. R., um papel benéfico para o futuro da Revolução.

O comunicado, a que nos temos vindo a referir, denuncia depois o facto de se avançar com medidas económicas que vão no sentido da reconversão do capitalismo, mantendo e reforçando a exploração da classe operária.

Os C. V. R. F. A. terminam o seu comunicado referindo que esta «manobra» liberta a direita e os fascistas para se organizarem à vontade, ganhando tempo para a reestruturação do aparelho repressivo do Estado, que conduzirão, aliado às medidas económicas, à aniquilação da organização dos trabalhadores e dos partidos que defendem consequentemente o avanço para o socialismo, apelando, por isso, para o desmascaramento destas actividades.

«A classe operária, o povo trabalhador, os soldados, marinheiros e oficiais revolucionários não admitirão mais manobras nas suas costas que só favorecerão o fascismo e travam o avanço dos trabalhadores para a conquista do Poder.»

CAMPANHA ANTIFASCISTA

Realiza-se hoje às 19 e 30 uma reunião no Depósito Geral de Adidos, para discussão e planificação de uma campanha anti-imperialista e antifascista, a lançar pelas comissões de soldados e marinheiros, de trabalhadores e de moradores. A reunião e convocada pela intercomissões de Soldados e Marinheiros e pretende responder, de modo eficaz, à repressão da burguesia «contra o avanço do movimento popular»:

. O comunicado que convoca esta manifestação enumera quais têm sido os alvos da burguesia na sua actual ofensiva.

Para a reunião, que hoje decorrerá no Depósito Geral de Adidos, são convocadas todas as comissões de soldados e também, os soldados eleitos delegados às A.D.U., nas unidades onde não existam comissões de soldados, bem como soldados e marinheiros das unidades onde não exista qualquer estrutura representativa.

U.R.A.P. LUTA CONTRA O FASCISMO

Conhecidos resistentes antifascistas fundaram a União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (U.R.A.P.), que tem como principal objectivo «o combate contra aquilo que foi e ainda é o inimigo comum e principal de todos: o fascismo». A U.R.A.P.: considera que o fascismo não está completamente derrotado em Portugal, e, por isso, é necessário que a luta prossiga sem transigências. Para que isso aconteça os membros da U.R.A.P., dentre os quais se destacam Ramon de la Feria, Rui Cabeçadas, o coronel Varela Gomes e Cecília Simões Ariosa Feio, consideram fundamental levar ao conhecimento de amplas camadas da população que vêm agora à vida política, aquilo que foi a resistência antifascista e aquilo que o fascismo continua a significar de opressão para os povos.

A sede da U.R.A.P. é na Rua Alexandre Braga, 6-1.º-Esq.º, T. 537621.

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

EDITAL

VIAÇÃO RURAL

CONCURSO

Pelo prazo de quinze dias a contar do dia imediato ao da publicação do primeiro anúncio:

a) Caminho de acesso ao edifício Escolar de Vendas Fase única. Sem base de licitação

b) E. M. 532 de Senhora do Verde à Arrojeira de Cima (limite do Concelho de Portimão) 3.ª Fase Terraplenagens e Obras de Arte previstas, no troço entre o P. O (Moinho Novo) e P. 282, na extensão de 5.622,45 metros. Sem base de licitação.

Dispensado o depósito provisório. Condições patentes na Secção de Obras da Câmara Municipal de Portimão. Propostas a apresentar em separado por cada obra.

Abertura das propostas: primeira reunião da Câmara após terminado o prazo do concurso.

Paços do Concelho de Portimão, aos trinta e um dias do mês de Outubro de 1975.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Rogério Jorge Castelo

Nacional

REFORMA AGRÁRIA EM PORTALEGRE

A reacção marcou um ponto

No distrito de Portalegre, onde a organização sindical e política dos trabalhadores rurais se ressente de uma certa fraqueza, talvez por ser uma zona com menos tradições de luta, a reacção investe de uma maneira descarada. Tentou um ataque frustrado à sede do Partido Comunista, latifundiários combinam em reuniões frequentes a estratégia que lhes permita continuarem a explorar o operariado agrícola. Abrem fogo sobre trabalhadores rurais. Com a conivência de alguns comandos reaccionários das Forças Armadas despendem todos os esforços para travar o avanço da Reforma Agrária.

Aproveitam-se do descontentamento real e justo dos pequenos agricultores para os manipularem lançando falsas acusações contra os trabalhadores rurais.

Neste momento considera-se que tal campanha marcou um ponto no distrito de Portalegre. Conseguiu o afastamento do director e do subdirector do Centro da Reforma Agrária, respectivamente dr. Pedro Hespanha e dr. Raul Caixinha, que foram transferidos para os serviços centrais do IRA, em Lisboa. Esta atitude do Ministério da Agricultura levantou uma onda de protestos. Sobre este assunto o Ministério em questão mandou publicar uma nota oficiosa («DL» de ontem) em que refuta a conclusão do Plenário realizado em Elvas onde estiveram presentes cerca de 6 mil trabalhadores rurais. Começando por referir as «especulações nos habituais órgãos da Comunicação Social particularmente bem definidos onde os clamores de saneamento à esquerda se tornaram um monótono lugar comum» o Ministério da Agricultura pretende «repor a verdade dos factos». Dá a sua versão. Que por acaso não coincide com a dos trabalhadores rurais nem com a dos técnicos progressistas do Centro da Reforma Agrária. Considera o Ministério que o dr. Pedro Hespanha e o seu camarada «cometeram faltas deontológicas graves e assumiram pesadas responsabilidades quanto ao desenvolvimento de todo o processo no distrito». Cita como uma das tais faltas graves o facto de «terem permitido a realização de um plenário durante as horas normais de serviço e nele terem participado». Afirma ainda o Ministério que «não tolerará que os seus funcionários atropelem as leis revolucionárias que têm por obrigação cumprir e fazer respeitar». Portanto o Ministério entende como revolucionário as pessoas aguardarem as ordens e as decisões vindas dos gabinetes, fazendo tábua rasa de toda uma realidade concreta que no seu quotidiano se lhe depara.

O plenário dos trabalhadores, gerador de toda esta controvérsia debruçou-se sobre a política do Governo e do Ministério da Agricultura em relação à Reforma Agrária, a situação interna no Centro de Elvas, o avanço das forças fascistas contra a Reforma Agrária, a tentativa de lançar os pequenos agricultores contra a luta dos camponeses e a posição das forças militares e militarizadas no processo. Foram aprovadas moções entre as quais destacamos aquelas que exigiam «a prisão imediata» dos conspiradores fascistas, o inquérito e saneamento do comandante militar de Évora e a suspensão do jornal «Linhas de Elvas», órgão ao serviço dos grandes agrários.

Entretanto várias comissões de trabalhadores e moradores, associações de estudantes, cooperativas e outras estruturas progressistas manifestam o seu apoio à luta dos operários agrícolas. Assim os trabalhadores da Pre-Cooperativa Agrícola de Alcafozes perante o saneamento dos dois técnicos de Elvas contesta mais este saneamento à esquerda e acrescentou: «chamamos a atenção de todas as cooperativas, que os saneamentos só se devem concretizar a pedido dos próprios trabalhadores e não por aqueles que nunca trabalharam ao lado deles». Numa outra passagem do texto os cooperadores de Alcafozes salientam em relação ao Centro de Reforma Agrária de Castelo Branco que «não admitem qualquer saneamento feito pelo Ministério da Agricultura nesse organismo; pois nós é que podemos avaliar se os técnicos servem ou não servem visto que somos nós que trabalhamos com eles».

Por outro lado os trabalhadores da Pre-Cooperativa da Quinta da Vargem, de Unhais da Serra, manifestam também a sua desaprovação perante o saneamento dos dois funcionários. Os trabalhadores da Fábrica de Óleos e Rações de Évora (FORE) aprovaram uma moção em que oferecem toda «a sua solidariedade à luta heróica dos operários agrícolas, pequenos e médios agricultores no sentido do avanço da Reforma Agrária, pela posse colectiva das terras». Resolveram porém ir mais longe do que a palavra. Por isso acham que devem pôr a sua empresa, transformadora de produtos agrícolas, ao serviço daqueles com que se solidarizaram.

REUNIÃO DE PEQUENOS AGRICULTORES EM BEJA

No decurso de um plenário convocado pela Liga dos Pequenos Agricultores, em Beja, aprovaram-se moções que exigem a entrega imediata das direcções dos ex-Grémios da Lavoura aos trabalhadores rurais e que as Ligas sejam reconhecidas através da promulgação de lesgislação adequada, que as Ligas se façam representar por um associado nos Centros da Reforma Agrária, que se estimule o associativismo entre os pequenos e médios agricultores, que seja assegurada aos pequenos agricultores e seus familiares todas as regalias da previdência.

O plenário que reuniu umas centenas de pessoas repudiou as manobras do dia 24 de Outubro quando um grupo de agricultores manipulados por agrários conhecidos pelas suas posições reaccionárias e liderados pelo regente agrícola Joaquim Fialho, activista do PS, selaram as instalações da Liga. Os pequenos agricultores repudiaram ainda os ataques caluniosos dirigidos contra o Governador Civil, major Brissos de Carvalho que esteve presente na reunião. Usaram da palavra, além dos pequenos agricultores que apresentaram os seus problemas, Tibério Ventura membro do Secretariado da Liga, eng.º Saramago de Brito, director do Centro da Reforma Agrária e José Soeiro, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Distrito de Beja.

O CRRA DE ÉVORA

O Conselho Regional da Reforma Agrária dos distritos de Évora decidiu em reunião que não será concedido qualquer auxílio económico às ocupações para a formação de unidades colectivas de produção que contenham propriedades que pelas suas dimensões não sejam abrangidas pelas leis da Reforma Agrária.

Esta medida insere-se nas garantias que se torna necessário e urgente dar aos pequenos e médios agricultores, alarmados por boatos e notícias tendenciosas, que ultimamente têm vindo a público e inseridos numa campanha de separação dos mesmos operários agrícolas.

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

Teve já início uma campanha, que deve terminar no dia 20, de apoio à Reforma Agrária, levada a cabo pela Associação Académica de Coimbra. Pretendem os estudantes desencandear uma série de iniciativas entre as quais uma recolha de fundos para as organizações camponesas.

Consideram os estudantes que existe um boicote à Reforma Agrária «por parte de um vasto leque de forças políticas que vão desde a direita fascista até à social-democracia». Referindo-se à vasta campanha desenvolvida no Norte do País «que visa dificultar a organização dos camponeses em Ligas e Cooperativas», os estudantes no seu manifesto alertam para o reforço «das posições sociais-democratas no aparelho de Estado».

HOJE À TARDE NO PORTO

"Manif" de esquerda com larga adesão de intelectuais

PORTO, 6 — A manifestação marcada para hoje ao fim da tarde, na Praça Humberto Delgado, no Porto, recebeu já a adesão de grande número de organizações populares, sindicatos, dezenas de comissões de moradores, cooperativas, associações recreativas, comissões sindicais e de trabalhadores, além do apoio de 180 intelectuais de várias profissões e correntes políticas.

A manifestação, iniciativa das comissões de trabalhadores das empresas «Seca» e «Aluminia» e da Comissão de Rendeiros de Rio Tinto, é dirigida «contra a viragem à direita, contra a política seguida pelo Ministério do Trabalho, contra o patronato, pela realização da Reforma Agrária e o cumprimento da lei do arrendamento e apoio aos justos objectivos da luta dos soldados».

Em conferência de Imprensa dada pelos promotores da manifestação, que teve lugar na sede do Grupo dos Modestos do Porto, foram referidos os múltiplos aspectos em que se traduz a viragem à direita na vida política portuguesa, e concretamente, na cidade do Porto (investida das forças conservadoras que encontram apoio em medidas tomadas pelo governador civil, dr. Cal Brandão, tentativa de pôr na Câmara uma comissão administrativa cozinhada nas costas do povo, entraves às comissões de moradores e ao processo Saal-Norte, não aplicação das verbas orçamentadas para obras nos bairros camarários, etc.), além da repetição dos saneamentos à esquerda, dificuldades na concessão de créditos, da entrega de lugares administrativos a personalidades «bem vistas» pelo regime deposto em 25 de Abril de 1974, dificuldades à Reforma Agrária, etc., foi ainda particularmente focada a política seguida pelo Ministério do Trabalho do actual Governo Provisório (caso dos contratos colectivos) e as tentativas para fazer regressar os exploradores às empresas de onde foram expulsos por sabotagem económica (caso da Facar).

O Sindicato dos Trabalhadores Gráficos dos distritos do Porto, Bragança e Vila Real enviou-nos também um comunicado de apoio à manifestação unitária de amanhã, de acordo com uma moção aprovada em reunião de delegados sindicais.

Tarde de convívio para comemorar a Revolução Russa

O 58.º aniversário da Grande Revolução de Outubro, a primeira revolução socialista da História, será comemorado em todo o mundo. Afastado dessas comemorações durante os 48 anos do regime fascista, o povo português pode hoje festejar à luz do dia a data gloriosa que constituiu um marco decisivo na evolução da história humana.

A «década da URSS» é um dos pontos fundamentais do programa das comemorações. Outros estão igualmente previstos, como a tarde de convívio que, no dia 8, é promovida pela Sociedade de Amizade Portugal-URSS (a primeira do género que as organizou no nosso país) e que terá início às 17 horas na sede daquela organização, Praça da Alegria, 58-4.º G.

Em comunicado distribuído aos órgãos de Informação, a Sociedade de Amizade Portugal-URSS congratula-se pelo facto de recebermos nó nosso país «grandes figuras da cultura soviética», de entre as quais destaca a doutora Elena Volf, dado o seu valioso trabalho no estudo e difusão da língua portuguesa na URSS.

Elena Volf foi a orientadora do grupo de professores que elaborou o «Diccionário Inverso da Língua Portuguesa», única no género publicada até hoje, e que contém 40 mil vocábulos.

Infelizmente essa obra, que constitui, além do mais, um trabalho de investigação científica muito importante para a nossa língua, é muito pouco divulgada entre nós, havendo apenas a assinalar um artigo publicado em Janeiro de 1973 pelo jornal «A Capital». Quanto ao dicionário propriamente dito, existem em Portugal uns escassos exemplares dessa obra.

A Sociedade de Amizade Portugal-URSS saúda especialmente a professora Elena Volf «fazendo votos para que a sua visita ao nosso país contribua para estreitar e fortalecer a amizade que nos une».

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 56922, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DUMA COMPOSIÇÃO FARMACÊUTICA OU VETERINÁRIA CONTENDO DERIVADOS DE INDOL».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, Ltd.ª. Patentes e Marcas. Rua Castilho, 201-3.º, Esq. LISBOA.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente N.º 56771, para «NOVO FILTRO ANTI-NICOTINA E ANTI-ALCATRÃO PARA CIGARROS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, Ltd.ª. Patentes e Marcas. Rua Castilho, 201-3.º, Esq. LISBOA.

TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE DESEJOU SABER SOBRE O SEXO MAS TEVE VERGONHA DE PERGUNTAR!!!

UMA COMÉDIA FABULOSA!

escrita, realizada e interpretada por

WOODY ALLEN

O ABC DO AMOR

"EVERYTHING YOU ALWAYS WANTED TO KNOW ABOUT SEX BUT WERE AFRAID TO ASK"

Lynn Redgrave, Burt Reynolds, Gene Wilder, John Carradine, Lou Jacobi, Louise Lasser, Anthony Quayle, Tony Randall

United Artists

SÃO JORGE 25 ANOS

SENSACIONAL

ESTREIA, HOJE, ÀS 21.15

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

FINS-DE-SEMANA

ALGARVE — LAGOS

Hotéis	A.P.A.	M/Pensão	P/Completa
S. CRISTÓVÃO	220$00	340$00	440$00
MEIA PRAIA	—	350$00	450$00
GOLFINHO	—	400$00	500$00

Preços por pessoa c/taxas incluídas

Jantar na 6.ª feira, até almoço no Domingo

— DESCONTO 50 %, para crianças até 12 anos, dormindo no quarto dos Pais.

— GRÁTIS: Piscinas, Ténis e Ping-Pong.

— ENTRADA LIVRE: Boite do Hotel Golfinho, sem consumo obrigatório.

— Utilização de qualquer Restaurante destes Hotéis.

Informações e Reservas — TORRALTA

Av. Duque de Loulé, 24 — Telef. 571748 — LISBOA

APÓS CONTACTOS OFICIAIS

MEMBROS DA LIGA NACIONAL AFRICANA REGRESSAM A LUANDA DESCONTENTES

Regressaram a Luanda ontem à tarde, os quatro elemenos da Liga Nacional Africana que vieram a Portugal manter contactos com entidades oficiais no sentido de que, no próximo dia 11, Angola surja como um novo país sob a direcção exclusiva do verdadeiro Movimento de Libertação e legítimo representante do Povo Angolano, o M. P. L. A.

Germano Gomes, Avelino Passos, Domingos Kioza e António Macedo, durante a permanência em Lisboa, encontraram-se com o ministro da Cooperação Vítor Crespo, Primeiro-Ministro, Pinheiro de Azevedo e Presidente da República, Costa Gomes.

Antes de partir, em conferência de Imprensa na Casa de Angola, falaram sobre os encontros e as conversações então encetadas.

«Foram afáveis no trato, mas não encontramos a abertura que julgávamos necessária e possível. As palavras foram ambíguas. Tortuosas. Vítor Crespo queria-nos mentalizar, dizendo que o M. P. L. A. era uma «invenção» do almirante Rosa Coutinho».

Visivelmente insatisfeitos com os resultados obtidos, os representantes da L. N. A. dizem: «parece que se joga qualquer coisa pelas costas do Povo Angolano» e manifestam sérias dúvidas quanto à futura amizade e cooperação entre os dois povos, «por causa da ambiguidade do Governo português».

Mas, ao lado da insatisfação, revelam determinação, ao afirmarem que «há muitos interesses em jogo. Não esperávamos que o Governo português não cedesse aos interesses do Povo Angolano. Entretanto quer queiram, quer não, contra tudo e contra todos, o dia 11 é o dia da independência».

OS CONTACTOS

Germano Gomes sintetizou cada um dos três encontros oficiais mantidos durante a visita:

. «No primeiro deles, com o ministro da Coordenação, Vítor Crespo, começamos por colocar os problemas que seriam criados, a nível de coordenação, perante as palavras do ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, major Melo Antunes. Mas o almirante Vítor Crespo sempre fugiu à resposta directa. Falou em cooperação num sentido muito vago. De todas as entidades com quem contactámos, foi esta a que deu respostas mais vagas, falando em boas intenções e em perigos de secessão, quando a secessão lamentavelmente já se deu, por culpa da retirada de tropas portuguesas que guarneciam as fronteiras. E estamos convencidos que esta retirada não foi por acaso».

Referindo-se ao encontro com Pinheiro de Azevedo, diz Germano Gomes: «Foi a pessoa mais aberta e mais franca diante dos problemas que foram-expostos. Disse que lamentava muito as dificuldades, que reconhecia estas dificuldades, mas que estávamos a atacar injustamente o seu Governo, quando a descolonização é assunto directamente afecto à Comissão de Descolonização do Conselho da Revolução e à Presidência da República. Entretanto, veio com as mesmas ideias sobre Rosa Coutinho e o M. P. L. A., parecidas com a do almirante Vítor Crespo».

Quanto ao encontro com o presidente da República, Germano Gomes disse que este também foi vago, embora fizesse notar que a posição portuguesa estava sensível à posição da O. U. A.

. O general Costa Gomes disse ainda que a grande possibilidade era a de conciliação entre o M. P. L. A. e os outros dois movimentos. Dizendo que quanto à interferência do E. L. P. «não havia informações seguras», mencionou também o perigo da secessão e trouxe à discussão o caduco acordo do Alvor.

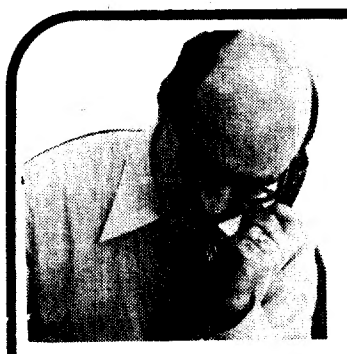
CARTA A COSTA GOMES

Formalizando a sua presença em Lisboa, a Liga Nacional Africana, instituição fundada legalmente em 1930 — mas que funcionou com uma Comissão Administrativa por 17 anos, até o 25 de Abril — entregou ao general Costa Gomes uma carta na qual define as suas posições.

Após dizer que, até há bem pouco tempo absteve-se de tomar posição por qualquer dos movimentos mas que agora já não poderá ficar indiferente às manobras e aos acontecimentos que contra o Povo Angolano se constatam afirma que cedo começou a verificar graves desvios. E estes desvios, somam 11 ítens: o aparecimento dos primeiros sintomas da reacção interna perante a passividade ou a cumplicidade das autoridades portuguesas; invasão do Norte de Angola por parte do Zaire, a coberto da U. P. A. / F. N. L. A., antes de qualquer acordo de cessar-fogo, facto que era do conhecimento das autoridades portuguesas; a constatação que tal invasão se enquadrava em acordos estabelecidos entre Spínola e Mobutu; intenção de afastar o M. P. L. A. do processo, o que não foi possível por causa da implantação do Movimento, demonstrada pelo ministro Almeida Santos e no funeral das vítimas da reacção fascista; mais violências com a chegada das delegações da U. P. A. / F. N. L. A. e da U. N. I. T. A.; a prematura caída em desrespeito do acordo do Alvor perante as arbitrariedades e o canibalismo da U. P. A. / F. N. L. A. e a «neutralidade activa» do Governo Português; a guerra que se prolongou, mês a mês, com todas as suas atrocidades; com a violação de todos os acordos por parte da U. P. A. / F. N. L. A. e da U. N. I. T. A. e da parte portuguesa que não manteve a integridade territorial; a constatação de que a U. P. A. / F. N. L. A. é uma força invasora imperialista e que a U. N. I. T. A. — formada à base da P. I. D. E. / D. G. S. está aliada a grupos imperialistas tais como o Zaire, a África do Sul, etc.; as recentes posições do ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Melo Antunes, em assembleias internacionais.

Diante de todas essas razões, a Liga Nacional Africana exige da Presidência da República o reconhecimento imediato, público e internacional, do M. P. L. A. como único representante do Povo Angolano, que a independência a ser proclamada em 11 de Novembro o seja por este Movimento, e que Portugal apoie a entrada de Angola no concerto das Nações.

No final da carta, lembra a L.N.A.: «Informamos V. Exa. que não será difícil a aceitação das nossas exigências, porquanto a bandeira portuguesa, neste momento, apenas flutua e o Governo existe, por compreensão, honestidade e tolerância, nas zonas militarmente defendidas pelo M. P. L. A.»



O repórter de serviço

Pedro Alvim

Angola em silêncio após o café das 11 e 30

O meu camarada Eugénio Alves, neste momento em Angola, é homem de poucas palavras. Senta-se aqui, à minha beira, secretária com secretária — e ei-lo todo caído sobre o trabalho, os dedos nas teclas, a síntese nos olhos castanhos.

Lá para as onze e meia, mais minuto menos minuto, distende-se na cadeira, atira os ombros para trás, a recuperar do esforço, e atira com esta para quem está presente

«Quem vem tomar uma bica»?

..Vai um, vai outro — e eu também vou. Descemos as escadas, no ar cansado de todas as manhãs e lá vamos até ao balcão da leitaria do sr. João.

«Ora bom dia!»

«Ora viva!»

«Então como vai o negócio?»

Chegam as bicas, tiradas pelo Alfeu, um fumozinho castanho a pedir o açúcar branco dos pacotinhos de papel. Bebemos as bicas como quem se chicoteia, outro ânimo nas veias — e mais uma vez subimos as escadas que levam à Redacção, e na Redacção entramos, e ocupamos, um a um, as secretárias. A nossa frente — as teclas implacáveis...

Vai daí, começo a bater com grande força nas letras, tac! tac! tac!,o o café a sair-me pelos dedos, a brotar-me dos pulsos, a explodir, enfim, de coisas novas. E o Eugénio, o meu camarada Eugénio Alves, diz-me então assim:

«Pareces uma G-3! Faz pouco barulho, para que eu ouça o silêncio de Angola... A paz, enfim, e a vitória também».

NO PORTO

RETORNADOS MANIFESTAM-SE

..PORTO, 6 — Promovida por um grupo de cem retornados, vai efectuar-se amanhã, às 15 horas, na Praça General Humberto Delgado, uma manifestação-comício para análise de vários problemas. A agenda dos trabalhos inclui: alimentação, subsídios, levantamento de bagagens, secção do I. A. R. N., deslocações a Lisboa, etc.

..Os manifestantes dirigir-se-ão depois ao Governo Civil e ao quartel da Região Militar do Norte.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO, SUL E ILHAS ADJACENTES E MOAGENS DO CENTRO E SUL

SEDE: Campo dos Mártires da Pátria, 50-2.º D.
Telef. 5 89 34 — LISBOA

HORÁRIO

SECRETARIA		9 às 13 horas e 14 às 18 horas
APOIO A SÓCIOS E DEL. SIND.	I Turno	de 2.ª a 6.ª feira — sábado: 9 às 13 horas e 14 às 18 horas — 9,30 às 12 h.
	II Turno	de 2.ª a 6.ª feira — sábado: 11 às 13 horas e 14 às 20 horas — 9,30 às 12 h.
CONTENCIOSO		11 horas às 13 horas e 14 horas às 20,30 horas
DELEGAÇÕES	Amadora, Sacavém, Alverca	2.ª a 6.ª feira das 14 às 21 horas. Sábado das 9,30 às 12 horas

OFERECE-SE

Operador com prática de Camions e tractores. Serviços públicos com mais de 4 anos. Reportagem Fotográfica, etc. Conhecimentos de soldaduras a electrogéneo.

Telefone 77 51 60

Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul

Convocatória

Convocam-se todos os trabalhadores representados por este Sindicato para uma Reunião Geral de Sócios na Voz do Operário (Rua Voz do Operário n.º 13 — Lisboa) no próximo dia 9 — domingo, pelas 14.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — PLANO DE OFIR
2 — CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES TÊXTEIS
3 — SECRETARIADOS REGIONAIS
4 — FUNCIONAMENTO DA DIRECÇÃO
5 — OUTROS ASSUNTOS

NÃO FALTES!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

Lisboa, 5 de Novembro de 1975

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a continuação da Assembleia Geral em sessão Extraordinária iniciada em 31/10/75, a realizar sexta-feira, dia 7 de Novembro de 1975, pelas 21 horas, na Inatel, Rua António Granjo, 6, em Coimbra.

Ordem de Trabalhos:

2 — Análise Sindical.
a — Sectores de intervenção.
b — Nivelamento.
c — Previdência-Assistência médica e medicamentosa.

3 — Lei dos Despedimentos.

Coimbra, 3 de Novembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Álvaro Ribeiro

NOTA: Nos termos do Art.º 26.º a Assembleia terá início à hora marcada com qualquer número de Sócios.

Trabalho

NO MINISTÉRIO

Entraram G.N.R. e P.S.P. sairam os trabalhadores

«Terá o ministro (do Trabalho) medo de falar com os trabalhadores?» — é uma das perguntas que se fazem num comunicado distribuido pelos 50 trabalhadores do Sindicato dos Rodoviários que, ontem, depois de tentarem ser recebidos pelo capitão Tomás Rosa, e perante a sua recusa, ocuparam o 16.º andar do edifício do Ministério do Trabalho, obrigando à intervenção (sem confronto) de forças da P. S. P. e da G. N. R. para desalojamento dos ocupantes.

Quando abandonavam o edifício cerca das 20 horas, altura em que se obteve um acordo entre os trabalhadores, o subsecretário de Estado do Trabalho e o comandante das forças da G. N. R. e da P. S. P. que tinham intervindo a pedido da autoridade ministerial, afirmavam os trabalhadores: «Não queremos mais nada com este Ministério, que não é do Trabalho nem das Corporações, mas sim, um grémio de patrões».

Os trabalhadores que queriam ser recebidos pelo ministro Tomás Rosa, tinham-se dirigido ao Ministério no intuito de entregar uma moção de repúdio pelos recentes saneamentos à esquerda naquele Ministério, nomeadamente o afastamento de dois membros da Comissão de Saneamento e Reclassificação, considerados dos mais progressistas.

No entanto, o ministro recusou-se a receber a totalidade dos trabalhadores, presentes, aceitando que fossem cinco ou seis à sua presença. A recusa dos trabalhadores veio com um «já estamos fartos de ouvir proclamar que os representantes dos trabalhadores são apenas minorias manipuladas pelo partido A, B, ou C.».

Ao começo da tarde, segundo uma informadora do gabinete do ministro este teria saído por uma porta lateral para assistir a uma reunião do Conselho Económico. Por isso, os 50 trabalhadores resolveram certificar-se entrando no gabinete do ministro. Confirmada a ausência foi resolvida a ocupação do 16.º andar (átrio do gabinete).

Seguiu-se a entrada das forças para-militares cerca das 17 e 30, que culminaria com a saída, por acordo, cerca das 20 horas. Isto depois de ter sido impedida a entrada a toda a gente fosse sob que pretexto fosse.

Mais uma passagem do comunicado distribuido na altura em que os trabalhadores abandonaram o grande edifício da Praça de Londres: «Ao senhor ministro não convém que os trabalhadores tenham conhecimento da forma arbitrária e contra-revolucionáriacomodirige o Ministério do Trabalho, sabotando as lutas dos trabalhadores, fazendo saneamentos selvagens à esquerda, readmitindo e promovendo reconhecidos fascistas e lacaios do regime deposto, que tinham sido saneados ou estavam em vias disso».

MINISTÉRIO «DIXIT»

No Ministério do Trabalho foi escolhido o subsecretário de Estado, Daniel Amaral, para divulgar a posição oficial sobre os incidentes.

De acordo com essa posição, os trabalhadores invadiram o gabinete ministerial, «remexendo em documentos e processos, alguns confidenciais e afixando autocolantes de apoio à Reforma Agrária e ao «companheiro Vasco». A intervenção das forças policiais ficou a dever-se à «posição irredutível dos trabalhadores».

Para o Ministério existem mais dois pontos: «não pode o ministro do Trabalho sujeitar-se a pressões de ordem política sempre que altera quadros do seu Ministério»; esta acção dos trabalhadores que se insere no movimento mais amplo em organismos públicos, visa o derrube do VI Governo, e insere-se na actual campanha contrarevolucionária.

As contas em dia

"Amanhã anda a roda"

Quando entrei na carruagem do «metro» o homem gritava: «e amanhã anda à roda». Mas não vendia cautelas, nem sequer a banha da cobra.

O homem agitava na mão, um papel e descrevia o motivo da sua indignação: reformado, tinha ido nesse dia receber a sua reforma. «E ainda me descontaram dinheiro, vejam só isto». As pessoas olhavam-no com desconfiança. Mas ele, no auge da sua indignação, não fazia caso: «Andei a descontar durante quarenta anos e agora nem recebo tanto como um retornado...». Voltava depois à sua: «Amanhã anda à roda».

«Não deixa de ter a sua razão, o homem...», pensei para comigo. Claro que os retornados, todos os retornados que precisem, devem ter o apoio que lhes for possível dispensar. No entanto, convém aqui alertar que determinadas situações que parecem de privilégio, e toda a gente as toma como tal, podem provocar reacção da parte de muitos sectores da população.

Porque estas linhas saem numa página de trabalho, não queremos deixar de chamar a atenção para aquilo que nos tem sido denunciado como uma situação de desigualdade entre o desempregado que sempre trabalhou em Portugal, e o desempregado que tem a etiqueta genérica de «retornado». Tal como no caso dos reformados. Por exemplo.

R.V.

APROVACÃO DO CONTROLO OPERÁRIO

— comunicado da Intersindical

O Secretariado da Intersindical Nacional ao tomar conhecimento pelo Conselho da Revolução da aprovação do decreto-lei do Controlo Operário da Produção, emitiu um comunicado em que salienta mais «esta grande vitória das massas trabalhadoras e que vem no seguimento da luta que estas têm desenvolvido, a todos os níveis, contra a sabotagem económica e pelas profundas transformações da economia, para a colocar ao serviço da grande maioria da população».

«Assim, e em várias ocasiões — prossegue o comunicado — teve o Secretariado da Intersindical a oportunidade de chamar a atenção do Governo para o problema do controlo operário, tão importante e crucial para os trabalhadores no quadro do processo revolucionário». A Intersindical anuncia que irá desenvolver uma campanha a nível nacional para que o controlo operário possa efectivamente tornar-se uma realidade.

SINDICATO DOS PROFESSORES

(Zona da Grande Lisboa)

HORÁRIO DE ABERTURA

A partir do próximo dia **3 de Novembro** o horário praticado nos serviços do Sindicato, quer para o Ensino Oficial quer para o Ensino Particular passa a ser o seguinte:

Todos os serviços excepto o **Contencioso** funcionam de 2.ª a 5.ª-**feira**.

1) Serviço de **Informações** (apoio a sócios)	Local: Rua das Gaivotas, **6** (ao Conde Barão) Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 22.30 **horas**
2) Serviço de Pré-Contencioso	Local: Rua do Conde Redondo, 22 1.º Horário: das 10.30 às 13 e das 15 às 19 horas
3) **Serviço de Contencioso**	Local: **Rua do Conde Redondo, 22, 1.º** Horário: **3.as e 6.as-feiras das 19 às 21 horas**
	Nota: Só mediante credencial do Pré-Contencioso poderão os sócios ser atendidos neste serviço.
4) **Tesouraria**	Local: Rua do Conde Redondo, 22, 1.º Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 18 horas
5) Serviço de **actualização** de Ficheiros e Emissão de cartões	Local: Rua das Gaivotas, 6 (ao Conde Barão) Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 18 horas

NOTA IMPORTANTE

Se é a primeira vez que se dirige ao seu Sindicato com uma certa questão, deverá apresentá-la no **Serviço de Informação.**

Os funcionários deste serviço verão depois a melhor forma de tratar o problema e porão o sócio em contacto com o serviço mais adequado.

Pel'A COMISSÃO DIRECTIVA

NOTA OFICIOSA

Do Ministério do Trabalho recebemos a seguinte nota oficiosa que temos de publicar ao abrigo do Decreto-Lei n.º 15 da Lei de Imprensa:

«Tendo em vista manter o público correctamente informado dos assuntos que, pela sua importância ou especial caracterização podem ter repercussões na opinião pública e evitar especulações infundadas por parte de quem mesmo estando de boa-fé não têm conhecimento exacto dos factos, entende o ministro do Trabalho comunicar o seguinte:

1. Por despacho ministerial de 3 de Outubro corrente foi solicitado da Comissão Ministerial de Saneamento e Reclassificação (C.M.S.R.) na parte que agora interessa salientar, o envio de um relatório das suas actividades acompanhado de quadro sinóptico dos processos terminados e respectivos despachos finais e ainda a indicação dos processos pendentes.

2. Da exposição apresentada pela C.M.S.R. no dia 22 de Outubro, no seguimento do citado despacho, não consta qualquer informação dos processos pendentes, tal como havia sido solicitado.

3. Uma leitura atenta da exposição e do relatório nessa data apresentado leva à conclusão fácil de que a omissão é intencional.

Por outro lado, e na sequência das instruções do chefe de gabinete transmitidas no cumprimento de indicação expressa do ministro, no sentido de ser comunicada a lista dos funcionários com processo de saneamento pendente:

a) Já remetido à Comissão Interministerial de Reclassificação (C.I.R.);

b) Ainda em curso.

A resposta entregue pela C.M.S.R., em 27 de Outubro foi de recusa formal em cumprir os citados despachos com fundamento na rigorosa confidencialidade dos processos relativamente a terceiros, conceito em que incluia o ministro.

No início das suas funções, o ministro pretendeu inteirar-se do volume de trabalho produzido pela C.M.S.R., por conseguinte, da profundidade e extensão do saneamento do sector do aparelho do Estado corporizado no Ministério do Trabalho e, a partir das conclusões a tirar da informação da C.M.S.R. introduzir ou não modificações no funcionamento da mesma. Tem de considerar-se que, neste ponto o solicitado foi satisfatoriamente executado.

4. No entanto pretendeu-se saber ainda a identificação dos funcionários sobra os quais recaía processo de saneamento em curso, tendo em vista saber se em alguns casos seria possível acelerar o andamento dos respectivos processos — atentas as consequências que, não raras vezes, recaiem sobre os agregados familiares dos respectivos funcionários, não deveriam ser objecto de escolha para cargos que implicassem um maior grau de confiança pessoal ou política. Trata-se de um objectivo inteiramente legítimo que, por consequência legitima as ordens transmitidas.

5. Ao pretender apoiar a determinação de não cumprir os despachos ministeriais no disposto no n.º 1 do art.º 16 do Decreto-Lei n.º 123/75, de 11 de Março, que estabelece que «os processos instaurados por aplicação deste diploma são rigorosamente confidenciais em relação a terceiros». A C.M.S.R., transmite uma falsa ideia do cuidado que certamente tem posto na interpretação e aplicação dos textos legais que regem a sua actividade.

Na verdade, e para encurtar razões, o ministro do Trabalho não pode ser considerado «terceiro» porquanto:

a) O ministro, enquanto tal, é membro componente de um órgão de soberania do Estado, o qual, no âmbito das suas atribuições, elabora e aprova a legislação por que se rege a actividade de saneamento, a cargo das respectivas comissões ministeriais. É este órgão (colegial) que estabelece os poderes e deveres dos órgãos encarregados de aplicar a legislação prevista para a consecussão de certos objectivos.

b) No âmbito das suas atribuições é o Conselho de Ministros quem delibera sobre a composição e funcionamento das respectivas comissões de saneamento que, precisamente, as colocou na dependência dos respectivos ministros, aos quais terão de prestar contas da sua actividade.

c) Por sua vez, o próprio Conselho de Ministros prevê (artigo 3.º do D.-L. 123/75, de 11 de Março) que na aplicação da medida de transferência estabelecida no artigo 2.º seja, em certos casos, ouvido previamente o ministro respectivo.

Como se compreenderá, as razões de confidencialidade dos processos, se não existem para o caso da aplicação da medida de transferência, também não ocorrem quanto às medidas de demissão, aposentação compulsiva, ou suspensão.

d) É ainda de referir que o artigo 12.º atribui competência ao Conselho de Ministros para conhecer, em certos casos, dos recursos interpostos de sanções aplicadas ao abrigo do Decreto n.º 277/74, de 25 de Junho.

e) O conceito de «terceiro» engloba todo e qualquer sujeito estranho à relação jurídica processual, que compreende, como é óbvio, todos os intervenientes na instrução e apreciação, em muitos casos decisiva, das medidas punitivas a aplicar.

Ora, como resulta dos artigos 3.º, n.º 1, e 10.º, n.º 1, do Decreto-Lei n.º 123/75, é da competência ministerial a apreciação das medidas previstas no artigo 2.º, bem como a suspensão de funcionários submetidos ao regime de saneamento, pelo que é inconcebível considerar o ministro como «terceiro».

A mesma conclusão resulta das disposições legais que atribuem competência para a aplicação de sanções e ainda de todas as que se referem ao funcionamento das C.M.S.R., no âmbito do gabinete do ministro de que se salientam as nomeações e exonerações por despacho ministerial.

6. Em consequência dos factos que se acabam de expor, cessaram as suas funções de vogais na C.M.S.R. os licenciados Maria Célia Ramos e Álvaro Carneira, por despacho do ministro do Trabalho de 31-10-75.

Aos mesmos funcionários foi instaurado processo disciplinar fundamentado na recusa ilegal de cumprimento de ordens superiores legítimas.

7. Aproveita-se a oportunidade para informar que o presidente da futura C.M.S.R., inexistente neste momento será nomeado pelo Conselho da Revolução, nos termos da legislação em vigor.

Igualmente se informa que na nomeação dos vogais da futura C.M.S.R. se pensa propor aos trabalhadores do Ministério, se assim o entenderem, a eleição de pessoas de entre as quais serão feitas as nomeações para os cargos dos já referidos vogais da C.M.S.R.

Idêntico procedimento se pensa ser de adoptar relativamente ao pessoal adstrito à C.M.S.R. para apoio técnico e administrativo que, eventualmente, se mostre necessário afectar à C. M. S. R. nada impedindo que os actuais colaboradores desta comissão sejam eleitos pelos trabalhadores.

Trabalho

FINALMENTE

Trabalhadores dos T.L.P. saneiam os ex-administradores

A administração assinou. Os cinco ex-administradores, saneados há meses pelos trabalhadores dadas as suas implicações com o regime fascista, foram demitidos sem ter direito a qualquer indemnização. Os trabalhadores desocuparam o Palácio dos Correios. Termina, assim, um conflito que já se arrastava há bastante tempo.

A ocupação do Palácio registou-se ao meio-dia de ontem, por decisão aprovada em plenário, a qual adiantava que a administração só poderia dali sair após aceitar as reivindicações dos trabalhadores.

E por que lutavam os trabalhadores dos T. L. P.? Por aumento de salário? Não senhor. Apenas exigiam que os administradores saneados não recebessem mais os ordenados. Os administradores em questão, eng.º Severo da Cunha, director-geral eng.º Alberto Eduardo Pais Cardoso, Planeamento e Instalações, eng.º Oscar de Oliveira Vaz Osório, director de exploração, dr. Joseh Guilherme Melo Portugal, o secretário-geral e dr. Kemehl Douglas Cosmeli Carnall, director da coordenação. Pois estes ex-administradores já receberam desde a sua suspensão, já lá vão dez meses, já receberam no conjunto mais de 1.500 contos, dado que os seus vencimentos nunca deixaram de lhe ser pagos.

Compareceram no local, quando da ocupação, elementos da Polícia Militar, que, após terem sido postos ao corrente do que se passava pelos trabalhadores, e terem contactado com a administração, se declararam solidários com a luta que estava ali a decorrer.

Também os trabalhadores dos T. L. P. alcançaram uma outra vitória significativa: a equiparação salarial dos guarda-cabos, guarda-fios e telefonistas a camaradas de outros sectores.

Um dos pontos que não ficou bem decidido, segundo nos informou um elemento da direcção do Sindicato dos Telefonistas, foi o caso do eng.º Fernando Castanheira Francisco. Fotocópias provam que ele foi proposto e aceite para professor de Psicologia Judiciária da «P. I. D. E.». As tentativas de reintegração deste elemento, os trabalhadores têm-se oposto frontalmente. Este ponto parece não ter sido suficientemente debatido. O que também não é importante. Os trabalhadores já decidiram que não haverá reintegração. Nem que para isso tenham de utilizar novos processos de luta.

NO SÁBADO

Comissões de trabalhadores discutem na Siderurgia

O secretariado provisório das Comissões de Trabalhadores e de Moradores da Cintura de Lisboa promove um plenário que se efectua no sábado, a partir das nove horas, nas instalações da Siderurgia Nacional e no qual deverão estar presentes elementos de cerca de 300 daquelas organizações.

Os objectivos deste plenário, que se segue a uma manifestação efectuada no dia 18 de Setembro, são de arranjarem um programa de luta para fazer face ao avanço da direita, visando ainda a consolidação das conquistas já alcançadas e consolidação do processo revolucionário.

De acordo com o testemunho de dois dos elementos daquele secretariado, o plenário de què sairão projectos de actuação imediata, a serem posteriormente submetidos à discussão e ratificação das bases, faz parte de uma tentativa de aglutinação da força dos trabalhadores, independentemente de actuações partidárias.

Consequentemente, o secretariado não actuará paralelamente às estruturas sindicais existentes, mas sim de modo a poder coordenar superiormente problemas que são postos quer pelas comissões de trabalhadores quer pelas de moradores, na sua condição de organizações populares e enquanto apartidárias.

O plenário a efectuar no sábado na Siderurgia Nacional funcionará por secções, a saber: controlo operário; nacionalizações; reforma agrária (papel da classe operária na luta dos camponeses); desemprego; reivindicações (aspectos sociais, de transportes, saúde, salários, etc.); organização e coordenação das comissões de trabalhadores e de moradores; e papel das assembleias populares.

Recordamos alguns pontos aprovados na manifestação de 18 de Setembro a que já fizemos referência, e que eram tidos na moção respectiva, «como objectivos imediatos da nossa luta»:

— defesa das liberdades democráticas, através da salvaguarda das liberdades políticas e sindicais em todo o País, do fim dos saneamentos à esquerda e a expulsão dos reaccionários dos quartéis, pela reconstituição do MFA como movimento progressista desempenhando o papel de vanguarda revolucionária das Forças Armadas;

— a defesa intransigente das nacionalizações, com a sua consolidação e prosseguimento, nomeadamente com a homologação imediata da nacionalização da CUF e da indústria cervejeira;

— apoio total às lutas dos camponeses, fazendo avançar a Reforma Agrária, com castigo severo para os agrários criminosos e a concessão, subsídios e créditos imediatos às herdades colectivizadas ou geridas pelos trabalhadores.

MEDICINA DO TRABALHO

..PORTO, 6 — De 15 a 30 do corrente, estão abertas as matrículas para o curso de Medicina do Trabalho, que será ministrado na delegação do Instituto Nacional de Saúde desta cidade.

..Este curso é de frequência limitada e destina-se a indivíduos habilitados com a licenciatura em Medicina. O critério de selecção será oportunamente estabelecido pela secção regional do Porto da Ordem dos Médicos.

..Os interessados deverão dirigir-se à secretaria da delegação do Instituto Nacional de Saúde, ao Largo 1.º de Dezembro, no Porto.

CRIADO UM NÚCLEO DE INTERVENÇÃO NO SECTOR TÊXTIL

Do Ministério da Indústria e Tecnologia recebemos o seguinte comunicado sobre a situação e iniciaticas no sector da indústria têxtil:

«A indústria têxtil tem, entre nós, um relevo proeminente no contexto das actividades industriais, quer pela sua contribuição para o produto nacional bruto, quer ainda, pelo valor das suas exportações, a nível de emprego (cerca de 300 000 pessoas). A importância do sector têxtil é ainda acrescida pelas implicações regionais de que se reveste, dado, que nas regiões em que se encontra implantada, constitui largas vezes a única actividade produtiva e, consequentemente, a principal fonte de subsistência da população.

Mesmo antes do 25 de Abril já eram visíveis os sintomas abertos de uma crise que se viria a agravar posteriormente. Pode afirmar-se que a partir de 1973, ano em que a ilusão de um espectacular aumento de produção e vendas (e dos preços e lucros também) pode camuflar os males estruturais já então bem profundos, tudo se conjugou para que o sector caminhasse, rapidamente, para a grave situação de crise que hoje o caracteriza.

Um sucinto diagnostico dos vários sub-sectores que integram a indústria têxtil revela-nos o seguinte:

No sector algodoeiro, a par com um numero restrito de empresas de grande dinamismo e com condições de competitividade nos mercados interno e externo, detecta-se um conjunto de empresas de dimensão média com necessidade de modernizar o equipamento e racionalizar a gestão. No entanto, a maioria das empresas, sobretudo de tecelagem, é constituída por pequenas unidades de material obsoleto e métodos de gestão rudimentares. No sector dos lanifícios e malhas, as deficiências mais relevantes, situam-se ao nível do subdimensionamento de grande número de unidades, bem como de métodos de gestão inadequados, equipamento muito antigo, baixos níveis de produtividade e comercialização pulverizada.

Por último, o sector do vestuário apresenta algumas empresas bem dimensionadas e rentáveis e um grande número de pequenas unidades, a maior parte das quais com métodos de gestão deficientes.

Em Julho deste ano, e na sequência do Primeiro Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais do Sector Têxtil, as Federações dos Sindicatos Têxteis apresentaram uma proposta no sentido de «iniciar a reconversação do sector». Dessa proposta podem destacar-se os seguintes pontos:

— Criação de um organismo de planeamento e reconversão do sector

— Racionalização do comércio interno e externo

— Racionalização da produção

— Política de crédito.

Actualmente, e no prosseguimento de várias reuniões destinadas a encontrar soluções para o sector têxtil, soluções essas que não passam apenas pelo Ministério da Indústria e Tecnologia, (como pretendeu, por exemplo, o deputado Kalidas Barreto, do Partido Socialista, numa alocução à Constituinte em 24.10.74), realizou-se uma reunião interministerial que aprovou uma proposta de criação imediata de um núcleo de intervenção no âmbito do Ministério da Indústria e Tecnologia, com os objectivos de salvaguardar o emprego e promover o aproveitamento coordenado dos recursos disponíveis no sector.

Este núcleo deverá incluir representantes dos Ministérios da Indústria e Tecnologia, Finanças, Comércio Externo, Comércio Interno, Trabalho e representantes dos trabalhadores.

O núcleo deverá dispor dos meios financeiros que lhe permitam recrutar o pessoal de apoio necessário, organizar-se de modo a responder de imediato às solicitações quer regionais, quer sectoriais e desenvolverá a sua acção nomeadamente nos domínios do apoio financeiro e técnico.

Por último encontra-se já elaborada uma proposta de criação de um organismo de planeamento e reconversão do sector.

NA FÁBRICA

Contra as manobras militares

Os trabalhadores da Sorefame, reunidos em plenário, «vigilantes e atentos perante indicios de que a extrema-direita prepara uma poderosa acção contra-revolucionária visando o retorno ao fascismo que mergulharia o País num mar de sangue, exigem de imediato que não se realizem, nos tempos mais próximos, quaisquer manobras militares já que estas poderão ser utilizadas como capa para esconder uma acção contra-revolucionária e sejam tomadas medidas enérgicas para combater os terroristas do E. L. P.-M.D.L.P. que têm trazido o País em sobressalto».

PORTARIA EM APLICAÇÃO

Depois dos trabalhadores da Salvador Caetano é a vez dos operários da empresa Aníbal H. Abrantes da Marinha Grande de obrigar os patrões a cumprir a portaria dos metalúrgicos.

Sabendo que a entidade patronal estava em reunião, os trabalhadores impediram a sua saída até à resolução final do conflito. Após algumas diligências, a administração concordou em pagar de acordo com a portaria, envio imediato dos quadros de pessoal para a delegação do Ministério do Trabalho em Leiria e aumento do capital da empresa, há muito prometido pela Administração.

Por outro lado, mantém-se a greve na Metalúrgica Duarte Ferreira S. A. R. L., em consequência da comissão administrativa não cumprir a portaria. Os 547 trabalhadores aguardam os resultados das conversações que os seus representantes estão a efectuar no Ministério do Trabalho e da Indústria.

SIMPÓSIO SOBRE COOPERATIVISMO

Com a presença de representantes de mais de cem cooperativas de vários pontos do País, vai realizar-se em 8 de Novembro próximo, na Biblioteca Nacional, um simpósio sobre cooperativismo.

Esta reunião, que tem como lema «o papel do cooperativismo na economia de transição» é promovida pela Federação da área urbana de Lisboa do P. S. O prof. Henrique de Barros, presidente da Assembleia Constituinte, participará nos debates.

Geral

SOB O SOL DA ARRÁBIDA

Fuzileiros em forma apuram técnica de combate

Sob um sol quente deste Verão de S. Martinh meia dúzia de pessoas preguiçam nas esplanadas do Portinho da Arrábida, descansando a vista nas águas tranquilas. Envoltas numa ligeira bruma que o calor do sol vai desfazendo, distinguem-se ao longe as instalações da Torralta, agora ocupadas por retornados, e onde o E. L. P. se tem movimentado com certa facilidade. Em direcção à praia do Portinho, àquela hora deserta, avançam duas barcaças de desembarque cujas silhuetas são fáceis de reconhecer por todos quantos passaram pela guerra colonial. Agora a sua missão é outra — defender a revolução e a integridade do País. Em poucos minutos as lanchas tocam a praia. Homens armados saltam para a areia e tomam posições de combate, rastejando em direcção a um objectivo que se encontra para lá das casas, oculto pelos arbustos dos morros. Daí partem os primeiros tiros que em breve se transformam numa pequena fusilaria. Os atacantes progridem no terreno por lanços e em breve tomam as posições. O exercício termina, reunem-se na praia, embarcam novamente nas lanchas e repetem a operação.

Estes atacantes são fuzileiros que nos últimos três dias têm efectuado naquela zona treinos de desembarque e outros exercícios. Não se trata de manobras ou qualquer outro tipo de operações militares, mas simples exercícios para apuramento da técnica de desembarque, patrulhas motorizadas e táctica de combate de infantaria com carros de assalto. Diga-se no entanto que as movimentações dos fuzileiros não causam apreensões a ninguém. Os «fusos» são um dos grandes baluartes da revolução e quando as colunas passam na estrada a população da outra banda saúda-os com amizade, digamos mesmo com familiaridade.

NOVAS TÉCNICAS

Durante os longos anos da guerra colonial o treino de combate dos fuzileiros, bem como de toda a outra tropa especializada, foi dirigido com vista a condições operacionais específicas. Neste momento verificam-se importantes alterações no tipo de preparação e adestramente técnico dos fuzileiros. Alguns dos exercícios ontem efectuados, embora constantes de tácticas já existentes há longo tempo, são para os nossos fuzileiros inteiramente novos pois não eram aplicados em África.

Um destes exercícios, realizado já em plena serra da Arrábida era o ataque a um objectivo com apoio de carros de combate, neste caso chaimites.

Os combatentes estendem-se por uma longa frente e aproximam-se do objectivo precedidos pelos blindados que na fase final avançam em velocidade e vêm integrar-se no ataque. Em zonas não sujeitas ao fogo inimigo, para uma progressão mais rápida, o pessoal é transportado sobre os blindados.

EMBOSCADA

Um outro exercício bastante espectacular consistia no avanço de uma coluna com emboscadas previstas. Este exercício desenrolou-se numa área com zonas densamente arborizadas alternando com clareiras. As viaturas da coluna avançam guardando as distâncias tacticamente aconselháveis e precedendo a viatura de reconhecimento. A emboscada dar-se-á obviamente numa zona densa da mata. Os primeiros tiros partem de um lado mas a verdadeira emboscada está noutro ponto. Os fuzileiros saltam lestos das viaturas procurando abrigar-se do fogo «inimigo» até poderem embrenhar-se na mata, enquanto os condutores protegem as viaturas. À medida que avançam aumenta o fogo (são utilizadas munições verdadeiras) e durante alguns minutos ouve-se um intenso tiroteio na mata mas dificilmente se pode ver um alvo. Integrados por elementos muito experientes, alguns com várias comissões em África, os fuzileiros constituem uma tropa experimentadíssima com elevado grau de preparação técnica.

DISCIPLINA E ESPÍRITO DE CORPO

Um dos aspectos que mais impressiona nos fuzileiros é sem dúvida o seu espírito de corpo e a disciplina e coesão. Claro que não é uma disciplina militarista mas baseada numa hierarquia de competência em que oficiais, sargentos e praças confiam mutuamente uns nos outros, estabelecendo um tipo de relações exemplar onde ninguém comanda com os ombros! No entanto os fuzileiros são inteiramente livres de discutir os seus problemas, de se reunirem sempre que o desejarem, de efectuarem sessões para esclarecimento sem estarem sujeitos a qualquer tipo de enquadramento paternalista por parte dos oficiais. E o orgulho com que uma praça nos refere estes promenores da organização dos fuzileiros é igual ao orgulho com que um oficial os confirma. Tudo isto faz com que os fuzileiros constituam uma força altamente eficiente do ponto de vista operacional, mas simultaneamente possuidora de um grau de consciencialização política e esclarecimento que a tornam um importante pilar na defesa de uma revolução neste momento ameaçada em todas as frentes.

Texto de AUGUSTO VILELA

Fotos de HERNANDO DOMINGUES

O «desembarque» no Portinho

O envolvimento

CÓNEGO RAYMOND GOOR A

Não fa

O cónego Raymond Goor é um amigo de sempre do po o português e uma vez mais teve a ocasião de o provar. A sua visita a Portugal não passou despercebida. A Imprensa portugu sa deu largo destaque à sua resposta, durante uma conferência de Imprensa do Conselho Mundial da Paz, à pergunta de um jornalista que queria saber se «armar o povo para salvar a Revolução, constituiria uma ameaça para a paz?» A resposta do cónego não se fez esperar: «Existem momentos e circunstâncias em que o povo não pode actuar de outra maneira que não seja o recurso à violência, mesmo armada, para escapar a outra violência.

Integrado na delegação do Conselho Mundial da Paz, esteve em Portugal o cónego Raymond Goor, presidente do Comité Internacional pela Segurança e Cooperação Europeia e também laureado com o Prémio Lenine Internacional da Paz.

«É lamentável e é necessário rezar para que isso nunca aconteça, mas há momentos em que as circunstâncias nos obrigam a abandonar a reza para nos voltarmos para a prática verdadeira do amor ao próximo, do amor ao seu povo, da defesa verdadeira dos pobres, dos oprimidos e dos explorados.

«Existem circunstâncias nas quais se justifica, quando não se pode actuar de outra maneira, que o povo pegue nas armas mesmo se estas se resumem a flechas, a pedras ou a barricadas.»

«DL» — Sendo um eclesiástico como encara o «dossier» Rádio Renascença?

..Cónego Raymond Goor — Eu só conheço o «dossier» Rádio Renascença através da Imprensa ocidental e, como não tenho nenhuma confiança nessa Imprensa, — na medida em que ela mente em relação à situação política portuguesa, insultando o povo português —, o «dossier» Rádio Renascença é-me desconhecido na sua realidade concreta. A Revolução do 25 de Abril não agradou à Imprensa da Europa Ocidental, na medida em que ele criou, no seio da Europa, algo que pode meter em causa muitos interesses e muita coisa... Repito-lhe uma vez mais que, francamente, e sem nenhuma espécie de diplomacia, nada lhe posso dizer sobre a Rádio Renascença porque pouco ou nada conheço de concreto no que diz respeito a esse assunto.

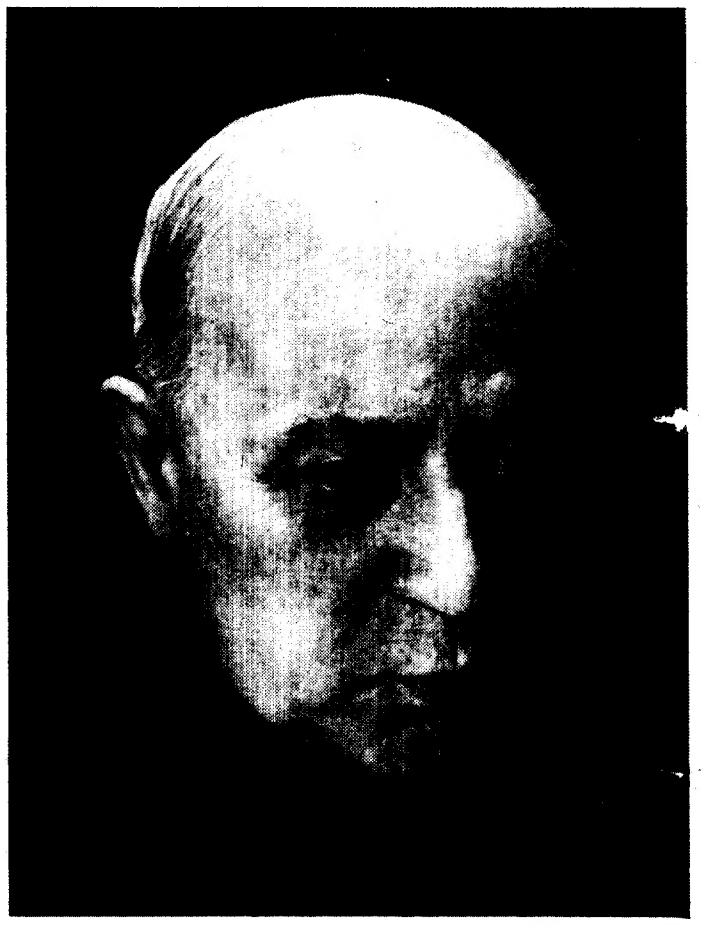
«QUANDO SE PASSOU FOME...»

«DL» — Existe em Portugal uma palavra de ordem que diz que «Portugal não será o Chile da Europa». Outros pensam o contrário. Qual a sua opinião?

..C.R.G. — Não falarei como um profeta. Não sou profeta, mas considero-me uma pessoa que estuda e que observa e que, consequentemente tira conclusões sobre as situações que lhe são dadas observar. Falando com a maior objectividade, não acredito que Portugal possa vir a ser o Chile da Europa.

A unidade das forças da esquerda continua ainda bastante forte apesar das lamentáveis divisões que em parte se criaram no seu seio. Lembro-me que o ano passado, quando aqui vim após o 25 de Abril, assisti a uma exuberância, a uma alegria e a uma unidade que, infelizmente hoje já não existe no contexto político português. Esses sentimentos deram lugar ao medo, à desconfiança e à tensão.

As razões desta situação são, no fundo, humanas, lógicas e compreensíveis. Os homens quando se encontram em certas situações exaltantes e completamente novas sabem perfeitamente aquilo que de-

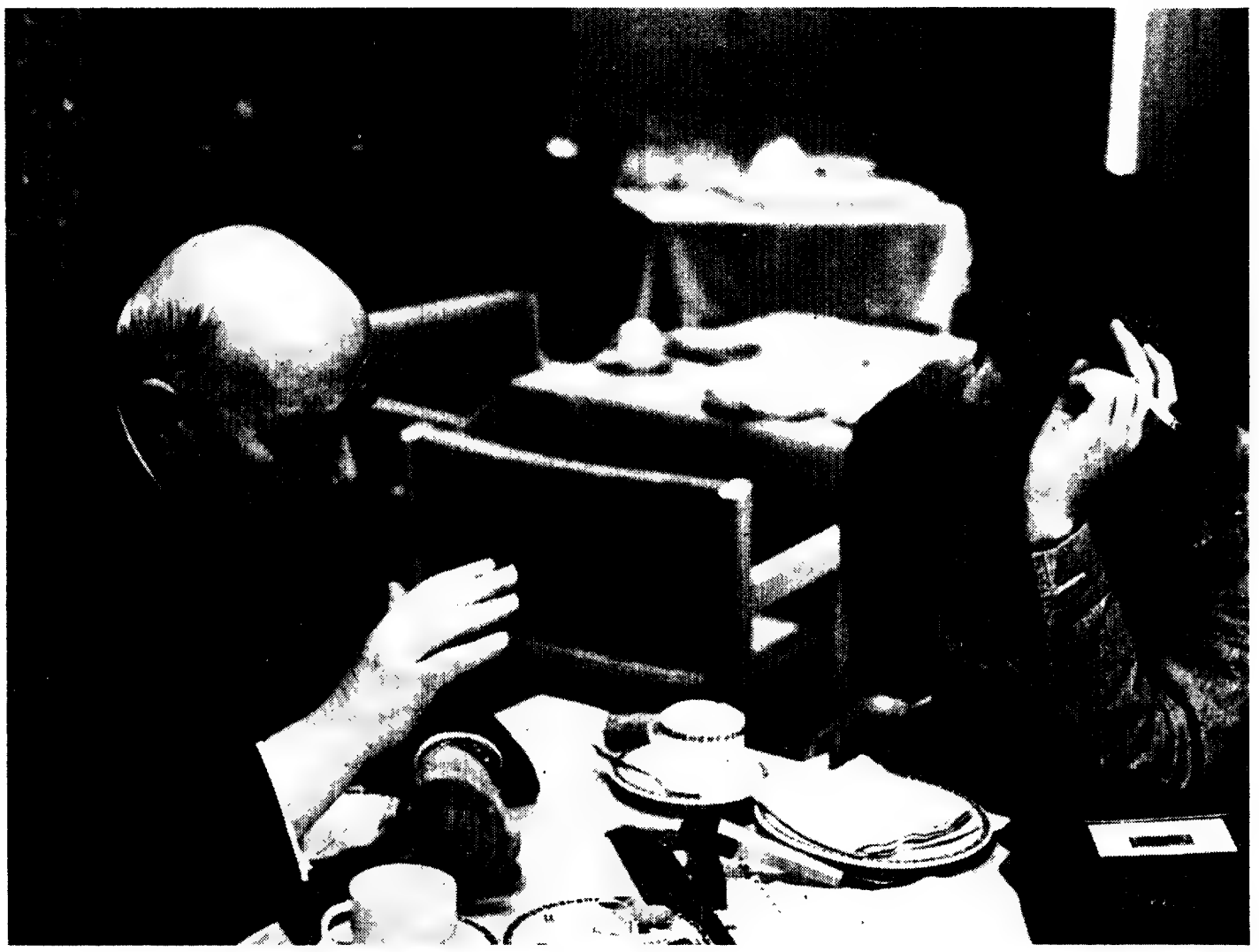


«O fascismo fará tudo para regressar»

O "D.L."

Entrevista de MANUEL ANTA

larei como um profeta, mas...

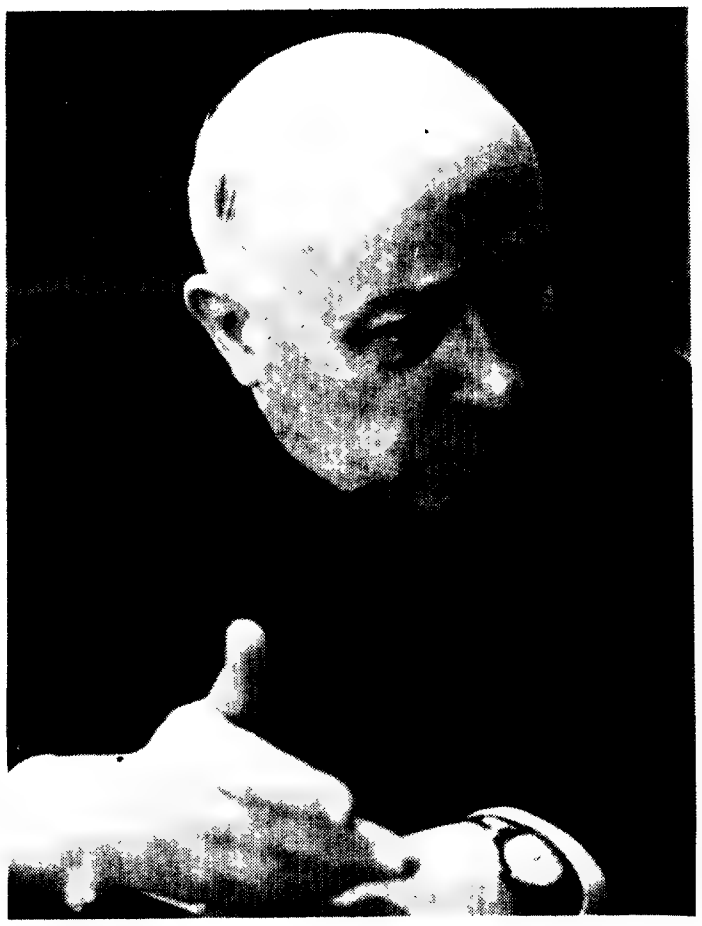


vem e têm que fazer e, também, qual o caminho a trilhar.

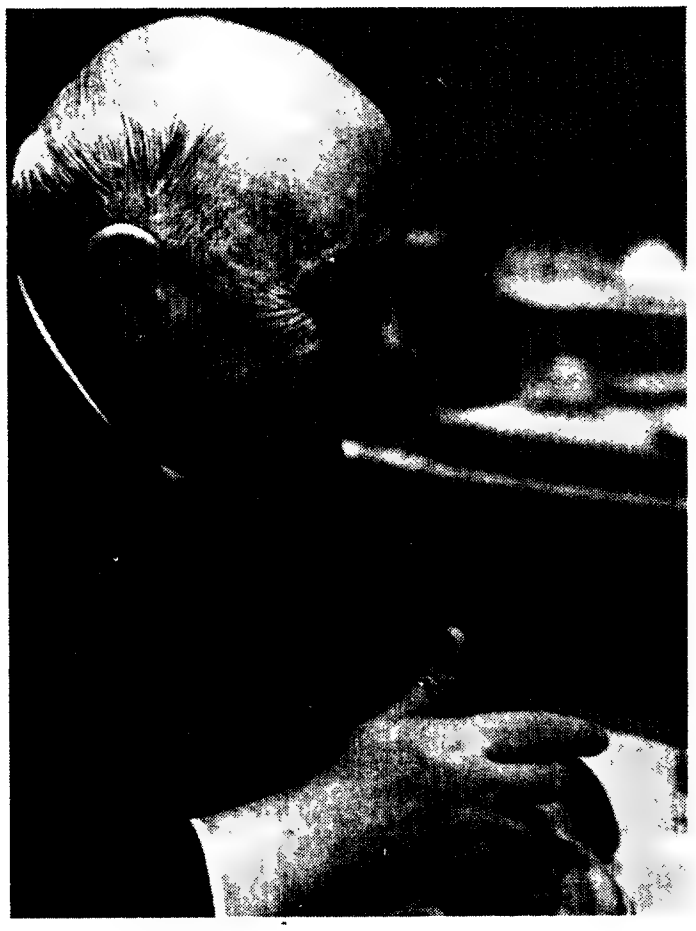
O povo português sabia muito bem, após o 25 de Abril, que a unidade das esquerdas era a solução que permitiria que Portugal nunca mais voltasse ao tempo do fascismo. Porém, quando se trata positivamente de construir e de edificar, então as contradições surgem e agudizam-se.

Voltando à comparação Chile-Portugal, devo dizer que o Chile tinha conhecido, antes da chegada ao poder da unidade popular uma democracia burguesa que apesar de tudo, dava um certo grau de liberdade à população. Pode-se concluir que o povo chileno, por intermédio desse factor, estava de uma certa maneira menos preparado a enfrentar o fascismo que o povo português que conheceu durante quarenta e oito anos uma ditadura desse tipo. Quando se viveu um período de fome é lógico que não se queira viver mais sem pão... O povo português teve uma experiência que lhe fecundou o desejo e a força de lutar para que o passado não se actualize.

É evidente que o fascismo vai fazer tudo para regressar, mas penso honestamente, que a mobilização consciente do povo português impedirá esse regresso. Por outro lado, eu veria ainda uma outra diferença fundamental entre a situação chilena e a situação portuguesa ao nível do Exército dos dois países: No Chile, sempre houve, no seu conjunto, um Exército reaccionário. Aqui em Portugal, penso que é visível que o Exército português tem uma grande base democrática. Isso para o povo português, é um trunfo considerável e, automaticamente, uma grande força. Não, Portugal não será o Chile da Europa porque a grande maioria da população portuguesa está suficientemente esclarecida e prevenida para impedir o regresso vitorioso do fascismo.



«A base democrática das F. A. é grande»



«Portugal não será o Chile da Europa»

«NÃO É COM A DIREITA...»

«DL» — Considera que seja possível, aqui ou noutro país, construir o socialismo com a direita e com a social-democracia nos órgãos do poder?

..C.R.G. — É evidente, e o contrário seria de espantar, que não se pode construir o socialismo com a direita no poder. Não vejo como se poderia construir uma sociedade que dê realmente o acesso ao poder às massas, que permita que o povo trabalhador assuma o seu papel soberano — não só por intermédio do voto mas também por intermédio de uma acção efectiva — com a direita nos postos de comando.

Para mudar a sociedade capitalista, a sociedade liberal e a sociedade opressora, é necessário que o povo, através das comissões de moradores, das comissões de trabalhadores e dos órgãos de vontade popular, tome em mão os seus próprios interesses até à sua tomada do poder. Obviamente, não é um regime de direita que poderá assumir este papel...

«REVIVER INTENSAMENTE»

«DL» — Para terminar quereria perguntar-lhe-ia se em qualidade de amigo do povo português tem alguma mensagem a transmitir-lhe?

..C.R.G. — Que o povo português não se deixe dividir e que reconstrua o espírito solidário que se viveu aqui em Portugal após o 25 de Abril. Que ele reviva essa fraternidade que ligava as massas trabalhadoras o ano passado. Urge que o povo português reviva intensamente esse período de unidade a fim que a Revolução portuguesa não deixe de ser uma realidade. É necessário que dentro de um espírito fraterno as massas trabalhadoras continuem a criar e a fortalecer as suas estruturas de poder popular não esquecendo que sem unidade pouco ou nada se poderá criar e guardar.

ARREMATAÇÃO

DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO

Faz-se público que no dia 26 do corrente, pelas 10 horas, na Rua dos Fanqueiros, n.º 312-2.º, desta cidade, se há-de proceder à arrematação, em hasta pública, pelo maior lanço oferecido sobre a base de licitação, que é de Esc. 122 000$00, do direito ao trespasse e arrendamento do estabelecimento de «Relógios-Importador e Exportador», sito naquele local, penhorado à firma Pires & Martinho, Ld.ª, por dívida de Contribuição Industrial, Imposto Complementar, Imposto de Transacção e multas, no qual se compreendem os seguintes mobiliários: uma secretária para máquina de escrever e cadeira giratória; outra, com cadeira giratória, com 7 gavetas; dois maples forrados a napa; uma vitrine com portas de vidro de correr e duas vitrines-expositoras, pequenas com 3 compartimentos.

Ficam por este meio citados quaisquer credores desconhecidos, bem como os sucessores de credores preferentes, para deduzirem, querendo, os seus direitos no prazo de 10 dias, a contar da arrematação.

Repartição de Finanças e Juízo Fiscal do 3.º Bairro de Lisboa, 3 de Novembro de 1975.

O escrivão,
Manuel Alves Valente

O Juiz-auxiliar,
Norton Tapada Borges

PROFESSORES DE HISTÓRIA

O Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, tendo em conta a necessidade de pessoal docente para assegurar o funcionamento do curso, aceita curricula de candidatos a professores dos seguintes temas:

História Económica e Social
— Epistemologia das Ciências Sociais
— Introdução ao Estudo do Portugal Contemporâneo
Introdução à História Metodologia e Crítica

a fim de serem apreciados pelo Conselho Pedagógico deste Departamento com vista à apresentação de proposta oficial.

Pel'O CONSELHO
PEDAGÓGICO E CIENTÍFICO
Helena Barata Moura
(B. I. n.º 1308816 de Lisboa)

Estrangeiro

ALEMANHA FEDERAL

CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE COOPERAÇÃO COM PRETÓRIA

DANIEL VERNET

BONA — Segundo as declarações oficiais, o caso da cooperação nuclear germano-sul-africana tem dimensões anodinas. Numa circular enviada às suas embaixadas africanas, o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Bona fixou-lhe os limites: não há cooperação nuclear entre os Governos da República Federal e da República Sul-Africana, há simples contactos entre sociedades privadas. A Kraftwerkunion, filial da Siemens e da AEG participa num apelo internacional para a construção de uma central nuclear na África do Sul. Mas ainda não foi tomada nenhuma decisão, nem do lado sul-africano (atribuição do mercado), nem do lado alemão (crédito para a exportação).

O «Caso Rall» foi arquivado em consequência da reforma antecipada do general. Não há «Caso Leber» porque, segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o embaixador de Pretória em Bona, Sole, reconheceu ter informado mal o seu Governo, quando lhe escreveu dizendo que falara com o ministro da Defesa alemão (do Oeste) acerca da viagem à África do general Rall. A embaixada da África do Sul dá, em todo o caso, uma versão sensivelmente diferente das palavras ditas por Sole ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. A sua carta não seria consequência de um «erro» mas de um «mal-entendido». A «nuance» tem certa importância.

É a primeira contradição num caso que tem muitas outras.

Se os alemães tivessem querido esconder qualquer coisa, não teriam agido de modo diferente. Mas fizeram-no com tal falta de habilidade que ao mesmo tempo pode perguntar-se se a vaga de especulações não é simplesmente devida à acumulação de imperícias.

Todo o caso começou pela publicação cuidadosamente doseada de documentos retirados da embaixada da África do Sul, em Bona. Estes textos, cuja autenticidade já ninguém contesta, tendem a provar que há no seio das camadas dirigentes da Alemanha do Oeste, pessoas dispostas a uma cooperação total com a África do Sul.

É porco verosímil que Sole, diplomata conscienciosо, tenha enganado o seu Governo. Não foi de certo por acaso que Pretória enviou a Bona um antigo membro do Conselho de Vigilância do Ministério sul-africano da Energia Atómica, que também foi seu representante na Agência Internacional da Energia Atómica, em Viena. É mais provável que Sole se tenha sacrificado para salvar a cooperação germano-sul-africana. Porque as duas partes sempre desejaram que os seus contactos no domínio da energia atómica fossem rodeados da maior discreção. Numa carta do seu sucessor, o antigo embaixador em Bona aconselhava-o a não abandonar esse assunto quando da entrega das credenciais: **«Quanto menos se falar em público das nossas relações, mais se pode contar com o êxito nos bastidores»**.

As acusações feitas pelo movimento nacional ANC (African National Congress) são muito precisas.

Não basta insinuar, como o fazem os alemães, que se trata de uma **«fonte pouco clara, inspirada pelos comunistas»**, para as refutar. A ANC acusa a República Federal de ter cedido à África do Sul o seu processo de enriquecimento do urânio, desenvolvido no Centro de Investigações Nucleares de Karlsruhe, pelo professor Becker (processo de separação isotópica através de tubo), de formar investigadores sul-africanos e de participar na construção de uma fábrica de enriquecimento do urânio na África do Sul, permitindo assim a Pretória construir uma bomba atómica. Em Bona desmentem-se oficialmente estas afirmações.

UMA MISSÃO DE TÉCNICOS

Reconhece-se, no entanto, que alguns técnicos da STEAG, sociedade com participação do Estado, que obteve autorização para explorar o processo Becker, se encontram há já ano e meio na África do Sul a fim de **«efectuar um estudo comparativo sobre a rentabilidade dos processos alemão e sul-africano»**. Os sul-africanos são muito avaros e com razão, mesmo durante as conferências científicas internacionais, de indicações concretas acerca do seu processo, que estaria muito próximo do processo Becker. Certos observadores não excluem com efeito, que os sul-africanos tenham obtido o processo Becker por outros caminhos, sem autorização do Governo federal alemão.

Os «contactos» feitos pela sociedade nuclear são simplesmente um dos aspectos da cooperação entre a RFA e a União Sul-Africana. A Alemanha do Oeste é o primeiro parceiro comercial da África do Sul e o primeiro investidor estrangeiro. **«Para os sul-africanos, os períodos da história alemã, como o Império ou o III Reich, são recordações agradáveis»**, escreve o quotidiano económico «Handelsblatt». **«Hoje são os Volkswagen, os Mercedes ou as máquinas fotográficas que criam a imagem da Alemanha»**.

A RFA obtém 40% do seu urânio natural da África do Sul, e a sociedade para pública Urangesellschaft, de Francfort, participou directamente na exploração de uma mina de urânio na Namíbia, e continua, apesar das decisões das Nações Unidas, a participar indirectamente nessa exploração. Os países exportadores de urânio que negoceiam actualmente com a Alemanha Federal, espantam-se com os baixos preços consentidos pelos sul-africanos. Eles perguntam se não se tratará de uma compensação para serviços tecnológicos, militares. As relações RFA - África do Sul são multiformes nos domínios político, económico e cultural. Os países africanos queixam-se de Bona continuar, mesmo por outros caminhos, a entregar armas à África do Sul, apesar do embargo decidido em 1963. Na Namíbia (antigo Sudoeste Africano, que foi uma colónia alemã), a RFA é o único país ainda com consulado. Claro que dois terços dos habitantes brancos do território, são cidadãos alemães ou de origem alemã. Mas ao não dar actuação às decisões da ONU, Bona dá a impressão de apoiar a política de Pretória.

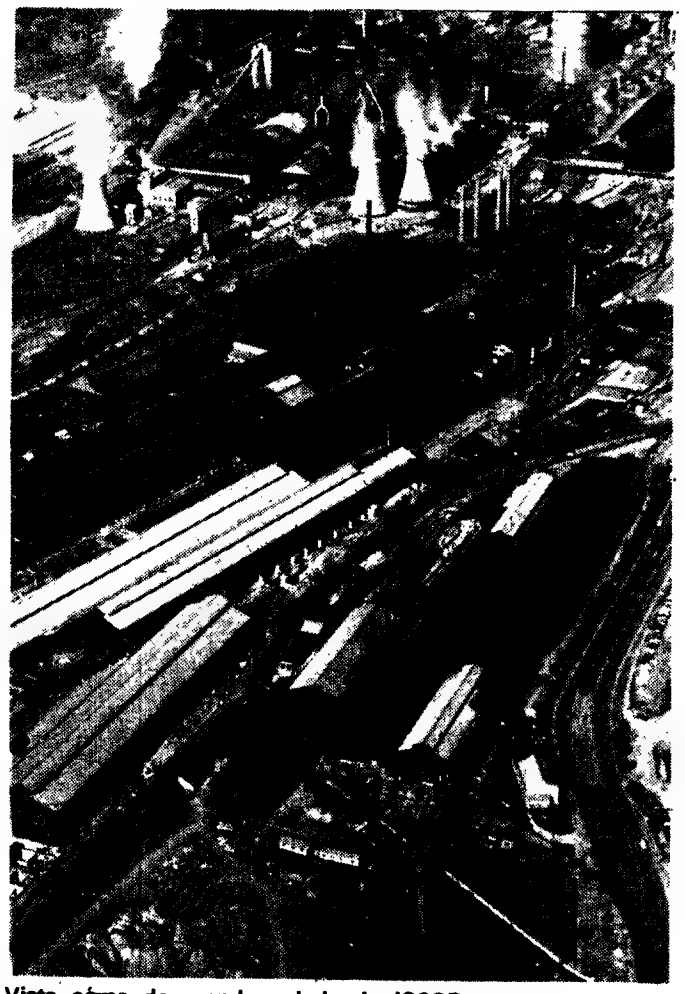
O Ministério dos Negócios Estrangeiros sente-se um pouco incomodado com essas estreitas relações, que entravam o desenvolvimento de uma política africana mais activa. Mas não basta afirmar que Bona utiliza as suas boas relações com Pretória para **«levar esta a rever a sua política racial»**, para resolver profissões de fé anti-«apartheid» e uma cooperação concreta com a África do Sul.

Nas camadas dirigentes oeste-alemãs, industriais e políticas, há, na verdade, grupos interessados que vêem com bons olhos o desenvolvimento das relações entre os dois países. Alguns «antigos» são talvez arrastados por uma nostalgia ideológica por esse país da discriminação racial; outros pensam em termos estratégicos e acham que apoiar a África do Sul é **«trabalhar pela estabilidade e pela segurança, não só em África mas também na Europa»**.

É certo que o Governo de Pretória tentou por vezes com êxito cortejar os políticos alemães. É possível que graças a acordos como os feitos com o Brasil ou os que poderiam ser feitos com a África do Sul ou o Irão, os políticos alemães realizassem projectos organizados nos anos 50 por Strauss, então ministro dos Assuntos Atómicos e depois da Defesa.

O Brasil, a África do Sul, o Irão, desejam conseguir o domínio total da energia atómica. A Alemanha Federal, que desde os acordos de Paris em 1954, se comprometeu a não fazer no seu território investigações nucleares de carácter militar, tem meios financeiros e técnicos para os ajudar. Daí a ideia de uma cooperação triangular.

«Le Monde»



Vista aérea da grande aciaria da ISCOR, perto de Pretória, onde os interesses oeste-alemães são relativamente transparentes

A IMPRENSA DA U.R.S.S. E O PROBLEMA ANGOLANO

— «Novoe Vremia», «semanário dos sindicatos soviéticos — especializado em política externa, publicou um comentário da redacção intitulado «Angola em Chamas».

«Vendo que a «FNLA» e a «UNITA» não conseguem, com as suas forças, vencer o «MPLA», os inimigos de Angola resolveram mobilizar novas reservas» — afirma o comentário.

«A isto se deve a invasão de Angola por tropas sul-africanas.

Outra força de choque do imperialismo são as brigadas de mercenários belgas, brasileiros e zairenses.

«Eles». Diz o comentário «naturalmente que não lutam por ideias mas, em troca de um grande soldo».

«É caso para perguntar: quem paga às forças invasoras? Vale a pena atentar, a propósito, para a notícia divulgada pelo «Washington Post», em 25 de Outubro, acerca do propósito do Pentágono de conceder uma ajuda militar, no valor de 19 milhões de dólares, a um país vizinho de Angola».

«Vários observadores receiam que esta ajuda se desvie, de facto para os inimigos de Angola».

«O «Novoe Vremia» afirma que a reacção imperialista subestima evidentemente as forças dos patriótas angolanas, que já contam longos anos de luta armada contra o colonialismo».

«O imperialismo esquece-se, também, de que o povo de Angola conta com a solidariedade internacional».

O comentário conclui: «as forças que, mal tendo saído do «tunel vietnamita», se lançam agora na sua «continuação angolana», só têm pela frente novos revezes e derrotas».

POLÍTICA DA CHINA

A política chinesa em África foi severamente condenada pela «Pravda», ao afirmar que, longe de apoiar os países em vias de desenvolvimento do continente, a direcção maoísta mantém em Africa uma estreita aliança com «o neocolonialismo e o imperialismo».

Em artigo intitulado «Quem é ajudado em África por Pequim?», o órgão do Partido Comunista Soviético revela que diversos jornais africanos publicaram recentemente fotos de instrutores militares chineses nos campos de Holden Roberto, «traidor do povo angolano», a quem «a China fornece armas e munições».

«Preparando os soldados da FNLA para o vergonhoso papel de estranguladores da liberdade do povo angolano, os instrutores militares chineses trabalham para Holden Roberto, lado a lado com os conselheiros da CIA» a «Pravda».

O jornal acusa Pequim de «manter contactos, intensificando nomeadamente as relações económicas e comerciais com os regimes racistas da África do Sul e da Rodésia», o que — segundo a «Pravda» — «está em desacordo com as habituais e grandiloquentes condenações a estes regimes», feitas pela China.

COLÉGIO SECUNDÁRIO DE LOURES

LEILÃO

Por ter cessado a actividade docente particular e ter sido adquirido pelo Estado, será realizada a venda PELA MAIOR OFERTA

AMANHÃ, 6.ª FEIRA, DAS 15 ÀS 19 HORAS

de todos os bens dispensados das Secções de: **Secretarias e escritórios** c/ bom mobiliário metálico e máquinas; **Cozinhas e lavandarias** c/ maquinaria própria; **Internato; Mobiliário e material didáctico; Salão de recreio** c/ jogos, etc. Mobiliário das salas e todas as utilidades respeitantes ao fim

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 HORAS

AFRAFILHOS, LDA

DIRECTOR DA "PIDE" CHILENA NOS E.U.A.

As relações íntimas existentes entre a sinistra Direcção de Investigação Nacional do Chile (DINA) e o governo dos EUA foram postas em relevo recentemente com a viagem do chefe desse organismo, coronel Manuel Contreras Spúlveda, a Washington.

Esta viagem que decorreu com a maior discrição foi revelada pelo jornalista norte-americano Jack Anderson, na sua coluna do «The Washington Post».

Segundo Anderson, «antes de se deslocar à capital federal, o representante da Junta esteve nas Nações Unidas, e procurou convencer alguns funcionários da Organização de que não seria permitida a entrada no Chile do grupo ad hoc, encarregado de investigar a violação dos direitos humanos, por ser constituído por «marxistas, esquerdistas e agitadores».

«Contreras foi depois para Washington onde as suas idas e vindas foram consideradas tão secretas que nem a própria embaixada chilena teve conhecimento delas» — acrescentou o jornalista.

Anderson salientou que «segundo as minhas fontes, Contreras Sepulveda fez escala nos escritórios da Agência Central de Inteligência (CIA), onde se avistou em privado com o número dois dessa entidade, general Vernon Walters».

Acrescentou que oficiosamente «foi solicitado ao Departamento de Estado norte-americano sugerir algumas pessoas com quem Contreras Sepúlveda deveria avistar-se durante a sua estadia na capital federal dos EUA».

«O Departamento — disse Anderson — recomendou que o coronel se avistasse com alguns membros do Congresso que têm mantido uma posição crítica para com a Junta».

Anderson indicou igualmente que «pelo menos mais duas altas figuras da Junta fascista chilena fizeram viagens recentemente à capital norte-americana» e citou o caso do ministro da Justiça, Miguel Schweitzer, e do secretário da Imprensa, Federico Willoughby».

«Durante a sua estadia de dez dias, Willoughby visitou a CIA, o Departamento de Estado e vários membros do Congresso» — indicou Anderson.

Segundo as informações citadas pelo jornalista, o senador democrata Edward Kennedy informou a Comissão Senatorial sobre a CIA acerca da visita de Contreras Sepúlveda e pediu que se realizasse uma investigação a seu respeito.

A DINA, o organismo encabeçado pelo coronel Contreras Sepúlveda, figura em lugar destacado na informação preliminar do grupo ad hoc sobre a violação dos direitos humanos no Chile, tornado público na ONU.

«As actividades da DINA parecem encaminhar-se não só para a obtenção das informações, mas também para difundir o terror entre as pessoas suspeitas de oposição ao presente governo do de simpatia pelo regime anterior» — refere o citado documento, acrescentando: «Essa entidade representa o símbolo do terror que alastra pelas ruas chilenas como um alucinante pesadelo».

Geral

MARCHA SOBRE O SARA

Tropas espanholas preparam-se para repelir os marroquinos

EL AAIUN, (Sara Espanhol), 6 (R) — Tropas espanholas preparam-se hoje para repelir caminheiros marroquinos que tentem avançar além de uma zona-tampão, a 30 quilómetros adentro do Sara Espanhol.

«Seja o que for que aconteça defenderemos o nosso território nacional», disse a jornalistas o governador militar Federico Gomez de Salazar, após se inteirar que o rei Hassan de Marrocos ordenara que comece hoje a «marcha verde» de 350 000 voluntários civis, destinada a apoiar a reivindicação marroquina de soberania sobre a área.

Antes, o governador militar afirmara que, se os marroquinos tentassem penetrar nas linhas do Exército espanhol, encontrariam campos de minas «e as consequências seriam terríveis».

O general Gomez de Salazar, governador militar da última colónia da Espanha em África, acrescentou: «O Exército não permitirá que os caminheiros avancem um metro além das posições militares. Se o Exército marroquino avançar, estamos preparados para isso».

Estrategistas espanhóis criaram uma zona-tampão dentro da fronteira, de forma a que os caminheiros possam fazer uma «ocupação simbólica» da terra que reivindicam — disseram fontes bem informadas.

As tropas espanholas, incluindo efectivos da Legião Estrangeira em que o generalíssimo Franco prestou outrora serviço, retiraram para uma «fronteira militar» nas terras altas que dominam um grande vale através do qual os caminheiros entrariam no Sara Espanhol — notaram essas fontes.

Segundo os relatórios dos serviços secretos, os 350 000 caminheiros terão de passar ao longo de uma estrada má e estreita desde o seu ponto de encontro em Tarfaya, a 25 quilómetros do posto fronteiriço de Tah.

Entretanto, continua a evacuação de civis europeus de El Aaim, a capital do território, a 70 quilómetros da raia.

A cidade encontra-se quase deserta, sob o recolher obrigatório. Polícia territorial paramilitar patrulha as ruas poeirentas na ausência de tropas regulares, que guarnecem as posições perto da fronteira.

Cerca de 500 europeus partiram ontem para as Canárias a bordo de um navio especial de evacuação. De uma colónia de 13 000 europeus, apenas cerca de 2000 homens ficaram e mesmo esses deverão partir antes do fim da próxima semana.

SÓ PASSAM Á DISPONIBILIDADE

Continuação da pág 1

se, pois o general Fabião, depois de ter regressado da Alemanha Federal emitiu uma mensagem determinando que essa passagem fosse facultativa — isto é, só passaria à vida civil quem o desejasse. No entanto, segundo uma fonte muito ligada aos centros de decisão político-militar com quem contactámos esta manhã e nos confirmou a existência dessa mensagem, muitos dos militares interessados em permanecer nas fileiras já tinham saído... obrigatoriamente. O problema da passagem à disponibilidade tinha sido posto há tempos no Conselho da Revolução, ficando decidido que o general Fabião, juntamente com os comandantes das Regiões Militares, decidisse as medidas a tomar. Ao que nos informaram, Fabião, depois muito pressionado, acabou por aceitar tal medida, que foi posta em execução logo de seguida. Ao regressar da Alemanha, porém, e em face da reacção generalizada a tal medida, surgiu a referida mensagem. Ainda segundo a mesma fonte a passagem obrigatória à disponibilidade nesta altura, não passa de uma medida administrativa tendente a limitar os S.U.V. e minar a sua base de apoio. De resto o recurso a medidas administrativas tem sido — e pelos vistos ainda vai continuar a ser — a táctica utilizada por certa facção político-militar que embora se encontre no poder não tem a força que julgava (e queria ter) para poder concretizar todas as medidas que decreta.

A SEGURANÇA PRISÕES

A segurança das prisões, que ultimamente tem sido muito discutida, parece ter sido encarada a fundo na última reunião do Conselho da Revolução, onde o general Otelo leu um relatório sobre o que se passa em Caxias — ao que nos afirmaram verdadeiramente impressionante, tais as enormidades que por ali se verificam. Assim, e uma vez que há dicifuldade em conseguir forças que montem um esquema de segurança verdadeiramente eficaz, foi sugerido que as duas companhias de ex-comandos (militares licenciados recrutados em condições muito vantajosas) que estão já em formação fossem utilizadas nessas tarefas, uma vez que não irão já para Angola cobrir a retirada das nossas forças, como inicialmente se previra. Esta sugestão encontrou resistência, mas o general Costa Gomes depositou nas mãos do conselheiro Costa Neves, uma directiva nesse sentido — e segundo tudo leva a crer será esse o destino dessas duas companhias de ex-comandos, a última das quais acabou de ser formada há dias e está já em intensa preparação.

REUNIÃO CONJUNTA

O Conselho da Revolução está reunido com o Governo, desde as 15 e 30. Esta reunião conjunta é decorrente da deliberação do último Conselho de Ministros, que a solicitou àquele órgãos político-militar «para discussão da crise de autoridade a todos os níveis» e ainda para informação ao Governo das posições e medidas concretas que o C.R. tenciona tomar, destinadas a resolvê-las. Recorda-se que o comunicado final do último Conselho de Ministros apontava a necessidade de «garantir a eficácia à determinação do Conselho da Revolução no sentido de imediata entrega, voluntária ou compulsiva de armas de guerra ilicitamente detidas por indivíduos ou grupos armados», afirmando também que «a exiquibilidade compulsiva das leis que vota ou das resoluções que aprova dependem das forças militares e paramilitares». O C.R. deve debruçar-se ainda sobre os acontecimentos desta manhã no inistério da Comunicação Social, onde forças para militares (P.S.P.) agrediram várias pessoas, entre elas funcionários do Ministério envolvidts na luta «Ferreira da Cunha-C.D.I.» e um jornalista que ali se encontrava em serviço de reportagem. A questão de Angola, julga-se, será igualmente objecto da análise dos conselheiros.

Socialistas espanhóis pedem acção conjunta

MADRID, 6 — (ANOP/R) — Socialistas espanhóis pediram uma acção conjunta de grupos políticos democráticos e de sindicatos para acabar com a ditadura do generalíssimo Francisco Franco, agora agonizante.

Num comunicado emitido ontem, à noite, pediram um sistema político democrático, a libertação de presos políticos e maior autonomia para minorias.

A comunicação seguiu-se ao que fontes socialistas disseram ser a primeira conferência em Espanha efectuada, durante o fim-de-semana pelo Partido Socialista Espanhol, proibido no país.

Essas fontes acrescentaram que a comissão nacional do partido se reunira em sessão em local não revelado e analisara a nova situação política em Espanha e a transferência de poder do Caudilho para o príncipe Juan Carlos, o seu herdeiro escolhido.

ESTUDANTES DETIDOS

Setenta e cinco estudantes da Universidade de Madrid foram entretanto detidos pela polícia espanhola e colocados à disposição da direcção de segurança.

Segundo as autoridades, a acção policial foi levada a cabo depois de se ter comprovado que no interior de diversos edifícios universitários se efectuavam reuniões «ilegais» e eram colados cartazes nas paredes, sendo distribuída simultaneamente propaganda «subversiva».

Entretanto, a polícia de Barcelona anunciou também a detenção de nove socialistas catalães acusados de ligações com a organização separatista basca ETA e com o grupo nacionalista União do Povo Galego.

O generalíssimo Franco continua agonizante

MADRID, 6 — (R.) — O generalíssimo Franco continua hoje agonizante, não se tendo registado qualquer mudança no seu estado geral desde que foi submetido, na segunda-feira, à noite, a uma delicada operação ao estômago.

O último boletim médico, emitido às 7 e 30 de hoje, dizia que o velho ditador passara uma noite sossegada e que não se verificara alteracão no seu estado pós-operatório. Outro boletim será divulgado ainda hoje.

Ontem, numa série de boletins médicos, afirmou-se que o prognóstico continua a ser «muito grave», quase três semanas depois do Caudilho, de 82 anos, ter adoecido com uma ataque de gripe.

A capacidade de Franco em sobreviver durante tanto tempo a uma série de ataques cardíacos, doenças de estômago e outros males graves tem espantado a maioria dos espanhóis.

Políticos oposicionistas aguardam a sua morte como o sinal para o que esperam ser uma nova era na vida política em Espanha, após quase 40 anos de ditadura.

A agência noticiosa Europa Press, citando fontes afectas à família de Franco, disse que o generalíssimo conseguiu, com ajuda, sentar-se ontem no leito, por duas vezes, embora parecesse, a maior parte do tempo, estar a dormir e ter murmurado apenas algumas palavras.

Um especialista de doenças pulmonares foi chamado ontem ao Palácio do Pardo para ajudar a debelar complicações que se registaram após à operação a que Franco foi submetido à cavidade peritonar à volta dos pulmões do doente.

Um boletim dizia que o seu estado cardíaco melhorara, embora continuasse a haver sintomas de coágulos de sangue na coxa direita, causados por flebite. O tratamento normal da flebite é feito com anticoagulantes, mas fontes médicas notaram que tal seria incompatível com as intermitentes hemorragias internas que o ditador sofre.

Figuras destacadas da vida pública espanhola continuam a afluir ao Palácio do Pardo, nos arrabaldes de Madrid. Entre as que se deslocaram ontem, à noite, à residência da família de Franco encontravam-se o primeiro-ministro Carlos Arias Navarro e outros membros do seu gabinete.

Outro visitante foi Nicolau Franco, de 84 anos, o irmão mais velho do Caudilho, que chegou acompanhado da mulher.

O príncipe Juan Carlos, que assumiu o cargo de chefe de Estado interino, há uma semana, não se achava entre as individualidades que visitaram ontem o Palácio do Pardo.

Novo presidente do Bangla Desh

LONDRES, 6 (R) — O presidente do Supremo Tribunal de Justiça, juiz-conselheiro Abu Mohammad Sayem, prestou hoje juramento como novo presidente do Bangladesh, segundo anunciou Rádio Dacca.

A emissão, captada em Londres, seguiu-se à demissão do presidente Khondker Mushtaque Ahmed e à comunicação da rádio do Bangladesh de que o país seria administrado por um conselho revolucionário de dez homens.

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro, Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul

MOÇÃO

Os trabalhadores da Empresa UPI A de Leiria reunidos em Plenário no dia 25/10/75 manifestaram-se solidários com a justa luta dos trabalhadores agrícolas do Alentejo.

Amigos a vossa luta é a nossa.

Avante pela Reforma Agfaira que desejamos se consolide o mais rápido possível.

Esta moção foi aprovada por unanimidade.

Propomos que esta moção seja divulgada nos órgãos diários de Informação.

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro, Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul

MOÇÃO

Os trabalhadores da Empresa Baquelite Liz, Lda. de Leiria reunidos em Plenário no dia 25/10/75 manifestaram-se solidários com a justa luta dos trabalhadores agrícolas do Alentejo.

Amigos a vossa luta é a nossa.

Avante pela Reforma Agrária que desejamos se consolide o mais rápido possível.

Esta moção foi aprovada por unanimidade.

Propomos que esta moção seja divulgada nos órgãos diários de Informação.

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro, Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul

Camaradas:

A situação dos trabalhadores dos sectores das Moagens, Farinhas, Massas Alimentícias, Bolachas, Chocolates e Descasque de Arroz ainda não está resolvida, embora para isso se tenham feito os máximos esforços por parte da Direcção com o apoio dos trabalhadores dos sectores referidos.

Como deve ser do vosso conhecimento estão convocados plenários dos trabalhadores dos citados ramos de actividade durante o decorrer desta semana para serem tomadas decisões concretas quanto a medidas a tomar por parte dos trabalhadores.

Nestes plenários contamos com a presença de todos os trabalhadores e apelamos para a sua participação activa.

A classe dos químicos não se podia alhear desta luta dos trabalhadores dos sectores das Moagens, Farinhas, Massas Alimentícias, Bolachas, Chocolate e Descasque de Arroz pelo que ao apelo feito de um abaixo-assinado, a resposta foi praticamente geral e maciça.

Os delegados sindicais, legítimos representantes dos trabalhadores, serão os fiéis portadores da vontade destes, expressa pelos abaix-assinados, ao Ministro do Trabalho.

As justas reivindicações dos trabalhadores têm de ser ouvidas pelo Ministro do Trabalho e as aspirações de melhores condições de vida irão ser directamente expressas pelos trabalhadores na entrega dos abaixo-assinados com milhares de assinaturas.

O povo trabalhador português tem de tomar conhecimento da vontade dos trabalhadores das Moagens, Farinhas, Massas Alimentícias, Bolachas, Chocolate e Descasque de Arroz, pelo que se convocou uma conferência de Imprensa para o próximo dia 7 às 9 h 30, na sede do Sindicato onde serão relatados os pormenores de toda a luta dos trabalhadores dos sectores de actividade designados.

Lisboa, 5 de Novembro de 1975

A DIRECÇÃO

Espectáculos

TEUC E CÉNICO: "ARRAIA MIÚDA"

O Teatro dos Estudantes de Coimbra e o Cénico . Grupo de Teatro Popular de S. Pedro do Sul, dois agrupamentos, cada um no seu campo específico, que deram que falar, ainda no tempo do fascismo, preparam um novo espectáculo, que tem por base um texto escrito pelo dramaturgo Jaime Gralheiro intitulado «Arraia Miúda».

O Cénico, de S. Pedro do Sul, numa cena da «Sapateira Prodigiosa», de Lorca, um espectáculo que o fascismo proibiu à sétima representação...

Tanto quanto sabemos, esta nova peça de Jaime Gralheiro foi escrita entre 15 de Agosto e 30 de Setembro do corrente ano. O seu tema é a Revolução de 1383.

De um «recado» que o autor deixou nas primeiras páginas do original que poderá vir a ser editado pelo FAOJ (segundo consta) pode ler-se: **Ao escrevê-la (a peça) pensava na luta que o Povo português tem vindo a desenvolver pela sua libertação ao longo de quase novecentos anos de nacionalidade; pensava, também no pouco que tem conseguido e no muito que terá de fazer para jogar fora a canga que lhe puseram e à qual (ás vezes) parece já se ter habituado; pensava, ainda, no ranço deste caldo cultural em que sempre tem vivido, todo ele feito de paternalismos senhoriais, medos míticos, crendices sacralizadas, obscurantismos cultivados; pensava, finalmente, companheiro, em ti e em todos aqueles que se deixaram crucificar por multidões alienadas, na esperança de que a dor se faça murro, grito ou chama, capaz de sacudir, acordar e abrir caminhos...**

Jaime Galheiro

Segundo nos informam, é uma peça terrivelmente actual, violenta e desmistificação das engrenagens do poder e da luta de classes.

Aguardemos a sua publicação e os espectáculos anunciados.

"MOKIMPOTE" NO INSTITUTO ALEMÃO

RUI MENDES FALA DA PEÇA

«Mokimpote», a peça de Peter Weiss que o **Grupo 4** apresenta no Instituto Alemão (dia 8: último dia), foi encenada por **Rui Mendes**. Trata-se da sua primeira experiência como encenador. Por isso quisemos saber o que significou para si essa experiência e que resultados obteve, no concreto. Disse-nos:

. **A peça foi deliberadamente escolhida por nos parecer que poderia vir a ter uma grande comunicação com largas camadas de público. A encenação foi feita no sentido de sublinhar essa característica que o texto de Peter Weiss tem, Peter Weiss fala de Teatro de feira, de circo, de teatro de fantoches.**

A experiência que fizemos em «tournée» (quase três meses) pelo Centro e Sul do País, desde casas de espectáculos a praças públicas, jardins, fábricas, herdades ocupadas por trabalhadores, etc, deu ao grupo 4 a confirmação daquilo que pensava sobre a peça e a mim, particularmente, a grande satisfação de ver o nosso espectáculo e o meu trabalho e o de todos os que colaboram no espectáculo compreendido, com uma quase completa aceitação, por parte de diversos tipos de público, principalmente em sítios onde trabalhámos para gente que ainda não tinha ido ao teatro.

«Mokimpote», a peça que **Rui Mendes** encenou para o **Grupo 4,** está em cena no Instituto Alemão, diariamente, pelas 21 e 30, até ao próximo sábado inclusivé. As entradas são gratuitas.

ÁGUA-PÉ, CASTANHAS E TOUROS

. Diz a tradição que a temporada tauromáquica referente a cada ano, tem início no domingo de Páscoa, no Campo Pequeno, e encerrará suas portas no dia 1 de Novembro no Cartaxo. Presentemente tal não acontece e segundo fontes dignas de crédito teremos ainda este ano touros na Feira de S. Martinho, que se realiza na Golegã, e no próximo dia 16 no Campo Pequeno está prevista uma corrida de beneficência, tendo em vistas os trabalhadores alentejanos que têm a seu cargo a realização da Reforma Agrária.

No passado sábado o povo do Cartaxo comeu castanhas assadas, bebeu a primeira água-pé desta colheita e foi aos touros, apesar da chuva que caiu pouco antes da hora anunciada para o espectáculo.

Lidaram-se seis touros de António Cabral d'Ascensão, pequenos, sem peso, indignos de uma corrida de touros e com a agravante de pertencerem a essa conceituada ganadaria, embora a raça estivesse presente, na bravura mostrada por alguns dos hastados.

Mestre Baptista, toureiro cujo valor não se pode pôr em causa, teve de chamar a si, todos os seus conhecimentos, para se impor a um novilhote, com um andamento diabólico. Vulgar nos compridos, Baptista mudou de cavalo, e nos curtos esteve francamente bem, sendo de realçar um sesgo a dobrar para dentro e um «piton» contrário à sua boa maneira. No seu segundo novilho, cravou ferros compridos bastante maus, com o cavalo saindo sempre atravessado das «sortes». Pediu para mudar de cavalo, e no seu velho «Palha», surgiu o triunfo, com ferros colossais, sempre bastante aplaudidos.

Alfredo Conde, a quem coube lidar um novilho sem força, esteve vulgar, abrindo muito os quarteios, tirando assim emoção ás «sortes». Teve entretanto bons pormenores de brega. Na segunda parte do espectáculo, Conde continuou vulgar nos compridos, deixando a ferragem mal colocada. Nos curtos melhorou sensivelmente e acabou a sua actuação com dois ferros de palmo bem executados.

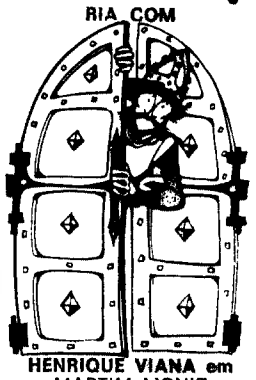
A Correia Lopes, o mais novo dos nossos cavaleiros, coube-lhe em sorte os dois novilhos mais pesados da corrida. O cavaleiro lidou-o com acerto, bregando sempre muito bem e entrando recto, cravou ferros que o público muito aplaudiu. No seu segundo, embora mais manso, Correia Lopes esteve bem, pela maneira como sempre pisou os terrenos do adversário, conseguindo assim ferros de mérito.

Os novilhos foram pegados sem dificuldade pelo grupo de Salvação Barreto. De salientar uma extraordinária pega de cernelha executada por Horácio Lopes e Domingos Barroca.

Dirigiu com acerto Augusto Gomes.

MOITA DA CRUZ

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca e Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançalha

É SÓ BRONCAS!
NO
ADOQUE
grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Telef. 87 42 80
HOJE, às 20.30 e 22.30 h
UMA
REVISTA À PORTUGUESA
PARA O
POVO PORTUGUÊS!
A.C.I.A. DOS CARDEAIS
★3.° MÊS!★
RIA COM

HENRIQUE VIANA em
•MARTIM MONIZ•
UM NÚMERO
QUE É UM ENTALANÇO!..
num teatro COMPLETAMENTE
REMODELADO. Bilhetes desde
30$00!
(Não acons. men. 18 anos)

teatro
do bairro
alto
Rua Tenente Raul Cascais,
1-A, 1-B (ao Largo do Rato)
Telefone 66 15 15

teatro da Cornucópia
Pequenos Burgueses
de Gorki
3.ª a Sábado, 21.15
Domingo às 18.30 h.
Não é permitida
a entrada depois do
início do espectáculo
Não ac. men. 13 anos

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

UMA MÁQUINA DANADA

GOLPE BAIXO
Título original. Mean Machine
Realização: Robert Aldrich, 1974 (EUA)
Argumento: Tracy Keanan Wynn, segundo Albert S. Ruddy;
Fotografia (Technicolor): Joseph Biroc;
Cenários: James S. Vance;
Música: Frank De Vol;
Montagem: Michel Luciano;
Intérpretes: Burt Reynolds Eddie Albert, Ed Lauter, Michel Gonrad, Jim Hampton, Harry Cesar, Jhon Steadman, etc...
Distribuição: Sonoro Filme.
Estreia: Cinema Eden

Pode dizer-se que o último grande êxito de Robert Aldrich, pelo menos num plano comercial, foi **Os Doze Indomáveis Patifes**, obra de indiscutível maestria técnica, mas ideologicamente pelos menos bastante controversa. E inesperada, vinda do autor que anteriormente rodara **Vera Cruz, Ataque, No Reino da Calúnia**, entre algumas outras obras de grande significado no panorama da cinematografia norte-americana de fins dos anos 50, princípios dos de 60.

Em 1974, sobre um argumento de Tracy Kennan Wynn, Aldrich tenta reeditar o sucesso de **Os Doze Indomáveis Patifes**, dirigindo **Golpe Baixo** (Mean Machine) que, mantendo o mesmo clima de violência e brutalidade repisando alguns pontos da fórmula (um grupo de condenados que colectivamente empreende uma acção que acabará por sublinhar o seu passado funcionamento como catarse) jogando com um humor adequado às situações acaba por justificar um certo interesse.

A ideia é portanto nova: Paul Crewe, um antigo jogador de futebol americano, que acabara precocemente a sua carreira ao ser descoberto num caso de suborno, vai parar à prisão, depois de um período de vadiagem, sobrevivendo como «chulo», permanentemente embriagado. Na prisão, o director, usando da chantagem e da força do poder que detém despoticamente, obriga-o a treinar uma equipa de reclusos para defrontar a equipa de honra dos guardas. Esta, pois, a situação inicial, dado que o filme centra-se fundamentalmente no que acontece daí em diante: o recrutamento por Crewe de presos interessados em jogar, no treino da equipa e no jogo propriamente dito.

É evidente que os presos aceitando jogar legalmente se desforraram dos seus carrascos de longa data. Para vingar a humilhação diária, eles aceitam unir-se, jogar em equipa, forma um bloco. Ouvem os treinos onde aprender o lícito e o ilícito. Onde todas as artimanhas são bem-vindas. Onde a violência irá explodir respondendo à violência que quotidianamente se encaixa, sem forma física de a ela se impor. No jogo, nesse lapso de tempo determinado, presos e guardas de igual para igual. E o grande ajuste de contas, mesmo que saibam que o campo se encontra rodeado por metralhadoras, mesmo que não esqueçam que, no dia seguinte, irão pagar bem caro a afronta. Mas há quem diga que esse gesto de libertação vale bem a pena.

Com uma segurança implacável, dentro dos cânones tradicionais americanos, **Golpe Baixo** é a fluência, o ritmo certo, a cadência de «espectaculo», com todas as virtudes limitadas que um tal pressuposto implica obviamente. Aldrich em plena forma sem todavia a sensibilidade discreta de umas **Folhas de Outono**, sem a generosidade vigorosa de um **Apache**, sem a fogosidade intempestiva de um **Ataque** ou de um **Reino da Calúnia** virtudes de uma meninice que se não esquecem já, pelo menos se descobre distante. Resta o «ofício» que é muito e um grupo de actores que funcionam, eles também num admirável espírito de equipa. O que faz desta «máquina danada», uma verdadeira «máquina».

A EVITAR

Para completa elucidação do leitor, aqui se referem meia dúzia de títulos, presentemente em exibição em salas de estreia, e que nada mais justificam senão o esquecimento: uma dolorosa revelação para principiar. Blake Edwards, um belíssimo cineasta dirige a esposa, Julie Andrews, e o canastrão Sharif, numa comédia idiota, com amor e espionagem de permeio **Sementes de Tamarino** De Itália assinada por Paolo Cavana **Virilidade,** uma comédia de subentendidos e sentidos duplos, onde se discute, e especula, com a potência e impotência, de cada um.

Filme com «cenas eventualmente chocantes» é **As confidências dum Leito Muito Acolhedor** de Michel Lemoine, francês onde pontifica Olga-Georges Picot, e nada mais merece referência especial.

Entre os filmes de aventuras, um **western** italiano de John Wood **(O Meu Cavalo, a Minha Pistola, A Tua Viúva...)** e um filme de Hong-Kong, com Kung fu e piratas, por isso mesmo chamado **O Pirata**, de Chang Cheh. **A evitar...**

Dos filmes que valerá a pena **não perder** entre os que se encontram presèntemente em estreia nos cinemas de Lisboa, podem citar-se:

BALBÚRDIA NO OESTE, de Mel Brooks (Apolo 70)

O REI DO CIRCO, de Joseph Peyney (Caleidoscópio);

FILME DE AMOR E ANARQUIA, de Ina Wetmuller (Cinebolso)

ADOLESCÊNCIA PERVERSA, de Jerry Skolimovski (Estúdio 444)

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS, se

Histórias extraordinárias, se Fellini (Europa)

QUE VIVA A REVOLUÇÃO dos Irmãos Tavini (Nimas)

O CIO, de Paul Morrissey (Satélite)

O DESTACAMENTO VERMELHO FEMININO, da República Popular da China (Universal)

Pode ainda ver:

ESPIÕES, de Irwing Kershner (Berna)

GOLPE BAIXO, de Robert Aldrich (Éden)

La BAMBINA, de Alberto Lattuada (Londres).

Como se pode ver não será uma semana brilhante, mas há por onde escolher. Deixando de fora tudo o que é exploração abusiva e especulativa de violência e sexo.

"BÃO": TEATRO PARA CRIANÇAS

. O grupo Comuna — Teatro de Pesquisa, recentemente regressado da Polónia, onde participou no Festival de Wroclaw, com os espectáculos «A Ceia» e «Bão», apresentar-se-á, com este último espectáculo, infantil, hoje, amanhã e depois, no seu Centro Cultural/Casa da Criança, na praça de Espanha e, no dia 9, domingo, em Moscavide, na rua António Maria Pais, 6.

«Bão» estará na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos em Lisboa, no próximo dia 16.

Mais coisas saberá o leitor se ligar o 762624.

"OS BONECREIROS" EM BEIROLAS

Hoje, o grupo de teatro «Os Bonecreiros» apresentará a peça «História Exemplar de um Traficante de Armas e Campeão da Ordem Nova» no Depósito Geral de Material de Guerra de Beirolas, satisfazendo o pedido feito nesse sentido pelos soldados que, encontrando-se de prevenção e de guarda às armas, há tempos que não abandonam a unidade.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

SEGUNDA CARTA ABERTA A V. Ex.ª

Esta vem a ser a segunda carta que escrevo a V. Ex.ª Não esperava fazê-lo tão cedo nem assim de maneira tão desencatada e ao mesmo tempo tão cautelosa. Logo à primeira carta, faiscou sobre mim seus raios o grande Júpiter, mas disso não cuido ao falar de cautela. Pretendo abdicar de mim, da minha natural maneira de ser que me pedia castigar sorrindo V. Ex.ª. Pretendo cingir-me aos factos, nada acrescentar de subjectivo, usar-me como uma câmara fotográfica. Os leitores gozarão menos. Mas talvez compreendam mais.

Neste acto singelo de dar a conhecer fez ontem a televisão portuguesa obra meritoria. Sem alardes, nem truques, sem diabólicas maquinações. Bastou-lhe colocar uma câmara na varanda de Faro, nessa mesma varanda onde V. Ex.ª e o dr. Mário Soares tão sorridentemente conviviam. Mais tarde, à vista dos telespectadores, surgiu a figura de Sá Carneiro, a quem me pareceu que V. Ex.ª se dirigia nos seguintes termos: «Olá agradeça aqui ao seu povo.. »

Ai aquela varanda, que espectáculo Charlot não faria melhor. Talvez os cineastas portugueses venham a inspirar-se nela para nos dar um «gag» de efeitos garantidos.

Aquela varanda com os presentes a fazer de claque, a iniciar as palmas, a reger a multidão, a orientá-la... Com o dr. Mário Soares a fazer ginástica de parapeito (cuidado, dr., olhe que assim ainda acaba por cair) e a fazer os maiores esforços para ficar no campo da objectiva, como aqueles populares que querem ficar ao lado dos ciclistas vencedores da etapa, na fotografia para a posteridade.

Aquela varanda com os seus trejeitos, com o esbracejar de V. Ex.ª ora à esquerda, ora à direita... Com aquele tique nervoso de V. Ex.ª de repuxar os lábios, tão... inestético. Pare com isso, por favor. Traz à lembrança certa personagem governamental de triste memória.

Ai aquela varanda...

Temos, assim, para começar, V. Ex.ª e a sua corte. Ao atracar-se às figuras emblemáticas, V. Ex.ª imediatamente se despe de quaisquer pudores partidários, manda deliberadamente às urtigas aquela sugestão de um papel suprapartidário que muitos portugueses desejariam fosse característica de um político de tal cargo. Para quem apela constantemente no sentido de se pôr cobro às querelas partidárias, não se pode dizer que seja um modelo de coerência...

V. Ex.ª sorri para Mário Soares, Mário Soares sorri para V. Ex.ª, V. Ex.ª diz umas banalidades, Sá Carneiro bate palmas, V. Ex.ª parece ficar todo satisfeito, V. Ex.ª diz «Neste contexto...» e faz uma pausa, repete «neste contexto...» e suspende, para exclamar «neste contexto...» olha em volta e diz «neste contexto...» para travar para continuar «neste contexto...» após o que nova pausa e «neste contexto...», V. Ex.ª aguarda uma aberta, V. Ex.ª pede à multidão se acalme, tenha paciência, a multidão agita-se freneticamente no contexto, no contexto, no contexto enquanto a multidão se agita, V. Ex.ª orienta a câmara do operador para a multidão, a câmara de uma televisão que pelos vistos não estava lá...

Digo **pelos vistos** porque a multidão perguntava «onde está a TV que o povo não a vê...» Claro que a televisão estava lá. Se a televisão não estivesse lá, como diabo podiamos nós estar a ver aquela reportagem da televisão? Não foi uma ilusão de óptica de muitos milhões de portugueses, julgo eu.

A multidão, essa, podia não dar pela presença da TV, instalada na varanda. A multidão podia não saber. Mas V. Ex.ª **sabia**, V. Ex.ª sabia que ao lado estava a televisão. Entretanto, V. Ex.ª incitava, com exaltados gestos, à repetição do **slogan**, V. Ex.ª incitava à criação de um mau ambiente à volta dos trabalhadores da televisão. Os portugueses viram, viram com os seus próprios olhos, V. Ex.ª fazer isso. Viram isso precisamente graças à televisão. À televisão que não estava lá. O povo português viu V. Ex.ª colaborar numa grave injustiça.

Não. Não era isto que o povo português deseja encontrar em alguém com o cargo de V. Ex.ª. Pessoalmente, senti-me humilhado, diminuído. Serei eu o único, nessas condições?

OUVIR — E SORRIR
OUVIR — E CALAR

Ora o público telespectador viu mais. Viu a multidão. E quem compunha a multidão. E os **slogans** da multidão. E as palavras da multidão. Tudo ali nas barbas de V. Ex.ª

V. Ex.ª fará o que melhor entender, andará na companhia de quem quiser, escolherá os seus amigos mais a preceito. É assunto que não me diz respeito a mim. Mas então não me venha com a rábula das disputas partidárias. V. Ex.ª assiste aos **slogans** estritamente partidários («Soares amigo, etc., etc.,») e acena e sorri, parece tão feliz, tão feliz, tão feliz... V. Ex.ª assiste ao ataque a outras figuras da política portuguesa — e fica impassível, deixa correr o marfim e o veneno, não tem um gesto, uma palavra, uma tentativa para meter um pouco de bomsendo na cabeça daquela gente, V. Ex.ª fica impávido e sereno, a repuxar palmaticamente os lábios. O povo português **ouviu** e **viu**, pelo que a emissão de ontem lhe deve ter sido muito proveitosa. Tudo graças a uma televisão — que não estava lá...

Os espectadores portugueses viram mais. Viram que V. Ex.ª não teve uma palavra contra as manobras «elpistas», não incentivou como convinha à vigilância popular, não concretizou a defesa efectiva da Revolução. Viram, em troca, V. Ex.ª entrar nos domínios da literatura, que visivelmente não domina, alinhavando meia-dúzia ridícula de lugares comuns a que, para cúmulo da audácia chamou **poesia**...

Será curioso verificar que, ao mesmo tempo que V. Ex.ª apela para a unidade dos partidos, as **reuniões** que V. Ex.ª marca na praça pública cada vez mais se parecem com comícios partidários. Isto foi o que mais uma vez o nosso povo teve ocasião de ver ontem, através da televisão. Através da televisão (caluniada na própria varanda onde V. Ex.ª se encontrava...) o povo português deve ter compreendido muita coisa.

Eu também. Só não sei onde foi V. Ex.ª encontrar a qualidade de grande poeta de Teixeira Gomes. Ignoro quem terá sido, na matéria, o conselheiro de V. Ex.ª. Recorde-se apenas o perigo de se escolherem mal os conselheiros. E não só na literatura.

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
Tel 55513 (AR REFRIGERADO)
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingos à tarde às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA

LISBOA ACORDOU...

Poema Eduardo Damas, Carlos Coelho, José Vilhena
Música João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Paião
MILÚ ★ CARLOS COELHO ★
AIDA BAPTISTA ★ OCTÁVIO DE MATOS
artista convidada
DELFINA CRUZ
atracção nacional
HELENA TAVARES
ao «compère» CARLOS MIGUEL
O internacional VIP BALLET
18 esculturais bailarinas
e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA AS DOENÇAS DA BOCA
USE-A 3 VEZES POR DIA

A C. P. INFORMA:

LEILÃO

Em 10 de Novembro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Expedidores e Consignatários das remessas e os donos dos volumes de que podem proceder à sua retirada até ao dia 7 de Novembro, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito, deverão ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.

Nas estações encontram-se afixados os Avisos correspondentes ao referido leilão.

Hoje

«Serviço Especial»

I PROGRAMA

- **19.00** Programa pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
- **19.30** **Telefutebol**
- **19.55** **Com todas as letras** — a obra de Celestin Freinet e o Movimento da Escola Moderna. Entrevistas com Ana Maria Alves, Victor Espadinha e Sérgio Niza.
- **20.30** **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- **21.00** **«Capitão Kloss»** — série filmada de origem polaca.
- **21.55** **Responder ao País** — frente a frente com Álvaro Cunhal e Mário Soares.
- **23.00** **Telejornal** — 3.ª edição

II PROGRAMA

- **21.00** Abertura e **Da Saúde e da Vida**
- **21.15** **Vivendo o Futuro**
- **21.308** **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
- **22.00** **«Serviço Especial»** — série policial com George Sewell, Patrick Mower e Paul Eddington.
- **22.45** **Sabe o que é um Hobby?** — 2.º programa apresentação e realização de Rui Ferrão.

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Capitão Kloss» (21.00)

II PROGRAMA

Série Policial — «Serviço Especial» (22.00

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1º Período** — **12.45**: Abertura e Saber não Faz Mal; **13.00**: Stop — programa da Prevenção Rodoviária Portuguesa por Joaquim Filipe Nogueira; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição, **13.30**: Largo do Pelourinho — um programa de Isabel Nobrega; **13.45**: Logo à Noite — cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa Porto e da TV: — **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Língua Portuguesa (2.º ano **14.35**: Matemática (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1 ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ano). **2.º Período** — **19.00**: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: «O Perigo e Minha Profissão»; **19.55**: Recital de piano por Olga Prats. No programa: Sonata n.º 3, de Lopes Graça; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.05** Algumas palavras do embaixador da U.R.S.S. e o filme «Uma Ponte Nova Sobre o Lena»; **21.20**: Afinal como é?; **21.55**: «A Queda das Águias» — um telefilme produzido por Stuart Burge para a B.B.C. e «Time-Life Films» — 6.º episódio: «Os Tempos» — com Charles Kay e Patrick Stewart **22.55**: Expedição; **23.15**: Telejornal — 3.ª edição: **23.35**: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e «O Perigo e a Minha Profissão»; **21.30**: Telejornal em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa; **22.00** Noite de Cinema — «Sábado Trágico» («The Violent Saturday») — um filme produzido em 1955 e realizado por Robert Flischer, com Victor Mature, Richard Egan, Ernest Borgnine e Lee Marvin; **23.40**: Fecho.

ATENÇÃO AO MONUMENTAL
CIRCO MEXICANO

INSTALADO
AV. DA REPÚBLICA
Junto à Feira Popular

ESTREIA AMANHÃ O SEU FABULOSO ESPECTÁCULO MÉXICO 75
LEÕES, TIGRES CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, ESCADA AÉREA, PERCHISTAS, ASTRONAUTAS em MEIA LUA, OS DIABLOS, ROLA ROLA

DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS — DUAS
E AINDA O MAIOR DA EUROPA
JOSÉ FREIXO
E O SEU PATO DONALTIN

TODAS AS NOITES ÀS 21,45
QUINTAS E SÁBADOS ÀS 16 HORAS «Matinées»
DOMINGOS 3 ESPECTÁCULOS ÀS 15 H., 18 H. e 21,45 H.

PARA REPARAÇÃO DO TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

UJPEST,3—BENFICA,1

TODOS OS TRUNFOS EM MÃO ALHEIAS

Por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

A história é simples: mal entrou em campo o Benfica tratou de entregar ao seu parceiro de espectáculo todos os triunfos: e ele soube-os aproveitar da melhor maneira chegando a fazer crer naquilo que poucos (ou nenhuns) julgavam possivel. Mas que esteve à beira de acontecer: a eliminação do campeão português.

Por muito contrariada que venha a ser, a ideia deste jogo fica espelhada nesta imagem nítida. No entanto, alguma coisa, algum recanto ficou por retocar, já que não é assim de ânimo leve, que uma equipa como a do Benfica se apresenta em qualquer lado do mundo e oferece, de mão beijada, todos os trunfos ao adversário (ou parceiro de espectáculo, para os que gostam de vestir o futebol de sempre com as roupagens novas da nova linguagem portuguesa).

Apenas e só porque no meio de tanta infelicidade o Benfica acabou por ter a sorte de, a escassos 15 minutos do apito, final do árbitro, ter conseguido marcar um golo. Por Nené, evidentemente, que entrou apenas na segunda parte, conforme o previsto e de certo modo anunciado por Wilson.

Temos assim, numa rápida e forçosamente deficiente crónica deste jogo disputado tão longe de Portugal, que o

A "MERCURY" ACOMPANHA O BENFICA NA HUNGRIA

Na sua já longiqua (e gloriosa) passagem por estes torneios europeus, já tive ocasião de ver a tuma rubra passar por todas as circunstâncias que uma eliminatória deste género pode proporcionar; já vi o Benfica passear a sua classe à sombra de uma eliminatória garantida, como já vi os jogadores da camisola encarnada defenderem-se de dentes cerrados quando a vantagem é minima para as suas cores. O que nunca vi (ou que me foi possivel ver agora) foi uma equipa chamada de senhora vir para o campo do sem parceiro de sorteio e entregar-lhe, logo após a escolha de campo, todos os seus trunfos. Nem um só ficou na bagagem portuguesa: porque foi logo aos 3 minutos de jogo que a defesa encarnada «ofereceu» o primeiro golo da tarde.

Permitido esse tento na sua extrema defesa, procurou a turma de Mário Wilson «segurar» o jogo a meio campo; na mente dos jogadores «encarnados», havia a vontade de mastigar o jogo, prender a bola, quebrar o novo ímpeto dos locais. Isso foi conseguido durante a primeira parte, que foi quando o primeiro golo deixava adivinhar a possibilidade de passar ao novo sorteio. Mas veio o segundo tempo e logo ao princípio a segunda grande oferta da tarde: José Henriques deixa roubarem-lhe a bola da mão e segundo tento no véu de noiva portuguesa.

No placard, na altura 2-0. Um resultado que ainda servia as aspirações do Benfica; todavia, uma marca que obrigava o Ujpest a forçar o ataque em busca do tento número 3. Que surgiu esse sim rotulado com o selo de conquista, se esquecermos que a missão de um defesa é evitar que o avançado contrario consiga cabacear um centro vindo de qualquer dos flancos.

Gelou aqui o sangue dos adeptos benfiquistas: porque os seus rapazes acabavam de permitir o julgado impossivel por todos quantos quiseram acompanhar a comitiva da Luz a Budapeste e todos os que aí ficaram a «ver» o jogo através do som do transistor.

Mas as ofertas do Benfica não se ficaram nestes três golos mais consentidos do que conquistados: quando o resultado estava em 1-0, Jordão deu-se ao luxo de desperdiçar uma grande penalidade; se isso não tem acontecido, outra história teriamos agora para contar já que com uma igualdade no marcador (1-1) com poucos minutos jogados ainda, certamente os homens de Budapeste não acreditariam no volte-face que esteve à beira de acontecer.

E não aconteceu porquê? Benfica «ofereceu» todos os seus trunfos a quem tinha a vantagem de actuar no seu terreno (muito conhecido, principalmente por irregular), perante o seu público que sabe vibrar e puxar pelos rapazes do emblema querido. Mais: não aproveitou a chance de cedo colocar os pontos nos «ii», transformando uma grande penalidade que poderia manter em respeito quem sonhava com uma eliminação para o seu parceiro de Zurique.

Temos pois e em breve resumo, que o Benfica mesmo oferecendo ao seu adversário todas as hipóteses de lhe ganhar afastando-o do torneio máximo da Europa a nível de clubes, soube ainda minar a extrema defesa contrária e desferir o golpe de misericordia exactamente quando nas bancadas já se ouviam cantos de vitória absoluta.

Este jogo de Budapeste deixa muitas histórias para contar: como nos fornece muita matéria para reflexão. Que muito naturalmente não poderá ser ditada de um quarto de hotel, com a mala por arrumar e os ponteiros do relógio a aproximarem-se perigosamente da hora do início do regresso. Fica a promessa de em próxima edição, aqui se espelhar toda a verdade deste jogo que fez sofrer os adeptos tanto de um clube como do outro.

Mário Wilson: serenidade e confiança no caminho a seguir

BOAVISTA, SPORTING, PORTO... ESFORÇO INGLÓRIO E UM CERTO SUSTO

Depois de apurado o Benfica para a eliminatória seguinte, esperava-se que tanto o Boavista, como o Sporting, conseguissem igualmente o passaporte para a terceira eliminatória; e isto por se ter como praticamente certa a passagem do Porto vencedor há 15 dias no campo do adversário...

No entanto não foi assim: se em alguns casos bem cedo ficou esclarecida a sorte da eliminatória, noutros a coisa esteve complicada e bastante; contemos...

Em Glasgow o Boavista começou por ter a sorte que o Benfica teve em Budapeste: ainda os músculos não estavam quentes e já um golo cantava na baliza de Botelho. Se na capital húngara os jogadores da camisola com águia, ainda conseguiram aguentar três minutos com 0-0 no marcador, em Glasgow os homens do Boavista mais cedo obrigaram o homem do marcador a meter a mão nos algarismos: íam decorridos apenas 40 segundos de jogo quando o guardião do Bessa foi obrigado a viajar ao fundo das suas balizas.

Um tento assim a frio, chegado depois de 90 minutos de jogo nulo na primeira mão, desmmoraliza muito. E terá sido isso que mais afectou os atletas da camisola xadrez. Que cometiam erros sobre erros, dando ao seu parceiro apoiado por público cantante, todas as hipóteses de somar golos a seu favor.

Foi assim que o 2-0 chegou: numa oferta da extrema defesa do Bessa que (dir-se-ia) matava todas as suas esperanças.

Mas no banco dos responsáveis portugueses, estava um homem do futebol: que sabe como contrariar a vantagem dos adversários e inverter posições de vantagens. Quando o Boavista alcançou o seu primeiro golo, pensou-se que seria possível (ainda) a reviravolta. Por isso se lutou: por isso se rematou. Mas, já perto do final, quando a sorte protegia Botelho há um ror de minutos, vem o terceiro golo dos escoses: e a eliminação do estreante nacional nestas andanças...

PORTO

Enquanto decorria a segunda parte do jogo de Glasgow, o F. C. do Porto entrava no seu relvado para (julgava-se) um mero cumprir de calendário. A vantagem era toda sua: no marcador, no ambiente, na força equiparada das turmas escolhidas pela sorte de Zurique.

Mas o F.C. do Porto parece que tinha apostado em não oferecer aos milhares que foram às Antas o espectáculo esperado. E mastigou o jogo, tornando o espectáculo monótono e sem interesse. Também a turma das Antas parecia disposta a oferecer ao seu parceiro, os trunfos com que se ganham os jogos: e foi assim que o Dundee (já na segunda parte) consegue inaugurar o marcador, lançando nas bancadas das Antas o espectro de uma surpresa.

Que não chega: porque rápido vem o golo da igualdade.

Claro que a eliminatória não estava de todo vencida: novo erro da sua defensiva e aí estava o feitiço virado contra o feiticeiro. Mas eis que as bancadas respiram fundo quando o árbitro assinala grande penalidade contra o Dundee: Cubillas marca... mas falha! Decididamente ontem foi dia não para o futebol português transformar grandes penalidades.

Chega o final do desafio: o mesmo é dizer que chega o fim de um pesadelo; que foi todo montado pelos homens da casa e que bem lhes poderia ter saído caro...

Continua na pág. 17

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 10, DE 9 DE NOVEMBRO DE 1975

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. FAFE-FEIRENSE	75	4	2	10	1	1	
2. ALBA-ESPINHO	18	30	33	3	4	5	
3. RÉGUA-PAREDES	61	12	8	9	2	1	
4. SALGUEIROS-VARZIM	26	41	14	4	6	2	
5. LOUROSA-GIL VICENTE	69	8	4	10	1	1	
6. MARINHENSE-FAMALICAO	50	16	15	8	2	2	
7. PENAFIEL-COVILHÃ	63	15	3	9	2	1	
8. SINTRENSE-UNIÃO LEIRIA	57	21	3	8	3	1	
9. JUVENTUDE-MONTIJO	25	28	28	4	4	4	
10. ESP.LAGOS-ORIENTAL	30	36	15	4	6	2	
11. UNIÃO MONTEMOR-CALDAS	22	31	28	3	5	4	
12. PENICHE-EST.PORTALEGRE	75	5	1	10	1	1	
13. BARREIRENSE-PORTIMONENSE	70	10	1	10	1	1	

a)Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será :

121 X11 11Xou2 XX11

Badaladas, 1x2 121 x12 2211; Sporting, 11x 111 111 1x11; Boa Nova, 111 x11 11x 1x11; Calvagada do Ritmo, 111 x1x 112 1x1x; O Distrito de Setúbal, 1x1 x11 1xx 1x11; Estação Rádio da Madeira, 1xx x11 111 xx11; Música e Desporto, 22x 1x1 11x xx11; Barlavento, 1x1 x21 x1x 11xx; Correio de Coimbra, 1x1 x11 112 1211; Correio do Vouga, 1x1 111 112 x111; A Defesa, 121 x11 1xx 1211; Diário de Coimbra, 121 x11 112 x111; Diário de Lisboa, 1x1 x1x 112 x21x; O Distrito de Portalegre, 121 1xx 111 xx21; Ecos de Cacia, 121 x11 1x2 x211; Estrela da Manhã, 1x1 x12 112 1x11; Eu Sei Tudo, x21 11x 112 2x1x; Folha de Domingo, 111 11x 111 1x11; Gazeta das Caldas, 12x x11 1x1 x211; Madrugada, 111 2x1 112 x211; Movimento, 1x1 211 1x2 x211; Jornal Desportivo, 121 221 1xx 2x11; O Jornal de Felgueiras, 12x x11 11x 2x11; Jornal de Santo Tirso, 1x1 112 11x 1x11; Jornal de Sintra, xx2 x11 1x2 x21x; O Mensageiro, 111 x11 xxx 1111; Linhas de Elvas, 111 x11 xxx 21x1; Litoral, xx1 21x 11x xx11; Manchete Desportiva, 121 x11 111 2111; Maria da Fonte, 111 212 11x xx11; O Norte Desportivo, 12x x11 111 xxx1; Notícias de Chaves, 121 x12 xx2 2211; Mundo Desportivo, 1x1 111 11x 1x11; Notícias do Douro, 1x1 x11 211 x111; Notícias de Évora, 1x1 x11 111 xx11; Notícias de Felgueiras, 1x1 x11 x1x 2211; Notícias de Gouveia, 1x1 2xx 122 x111; Notícias de Guimarães, 122 111 1x2 2211; Penalti, 111 111 111 1111; Póvoa do Lanhoso, 121 x11 11x x111; Presença Coimbrã, 1x1 11x 1x2 111x; Rádio Altitude, 121 x11 111 x111; Reconquista, 111 111 111 1x11; Renovação, 122 212 121 221x; Encontro Musical, 111 112 x12 1212; A Voz das Beiras, 1x1 xx1 x12 x111; A Voz do Domingo, 111 x11 1xx 111x; Tudo Pode Acontecer-1, 111 x1x 11x x211; Tudo Pode Acontecer-2, 1xx 112 112 xx11; Tudo Pode Acontecer-3, 112 211 11x x211; Tudo Pode Acontecer-4, 1xx x1x 112 xx11; Tudo Pode Acontecer-5, 112 x12 11x xx11; Alvo Desportivo, 1x1 111 111 2111; Auto Rádio, 12x x11 xx1 1x11; Boletim Desportivo, 111 111 111 1111; Clube do Ar, 1x1 x11 11x 1211; Diário do Porto, 121 111 x11 xx11; Estúdio 64, 12x 21x 111 1111; Miscelânea Musical, 1x1 212 x12 x111; Montra do Êxito, 121 212 xx1 121x; Música e Desporto, 121 11x 112 x211; Placard Desportivo, 121 x1x 221 2211; O Primeiro de Janeiro, 1x1 x12 11x x211; Programa da Manhã, 2x2 121 1x1 1211; Rádio Alvo, 121 x1x 1xx xx11; Panorama, 121 212 11x x111; Rádio Placard, 121 x11 xxx 1x11; Ritmo e Amizade, 121 111 211 xx11; Só Rádio, 1x1 x11 11x x211; Pajú Desportivo, 121 x1x 1xx 12x1; A Voz do Casa Pia, 121 x11 112 1x11; O Comércio de Leixões, 121 x11 1x1 2x11; Às 10 Espere por Nós, 1x1 xx1 x1x 2x11; Dos fracos não reza a História, x12 2xx 1x2 x2x1; Jornal da Graça, 121 111 111 1111; Programa Sem Nome, 111 112 x12 121x; Quadrante Desportivo, 1xx x11 11x 1211; Quadrante Norte, 121 112 112 x211; Repórter do Dia-Angola, 121 111 112 x111; Resenha Desportiva, 1x1 2x2 112 1x11; Voz dos Ridiculos, 12x 111 111 2111.

Geral

PRADO COELHO NO NORTE, PELA CULTURA

PORTO, 6 — Estudar as possibilidades da separação do sector cultural do Ministério da Comunicação Social para sua integração na futura Secretaria de Estado da Cultura e procurar encontrar os centros culturais do Porto para conhecer das suas dificuldades e potencialidades, foram os objectivos da visita que o recém-empossado director-geral da Acção Cultural, dr. Eduardo do Prado Coelho, realizou a esta cidade, durante dois dias. O novo director-geral, que neste primeiro contacto se preocupou sobretudo com o Teatro, o Cinema e as Artes Plásticas, teve reuniões de trabalho no T. E. P., no Centro Cultural Popular do Porto, na Cooperativa Árvore, no Teatro Laboratório e ainda no Cine-Clube do Porto e no grupo de teatro Seiva Trupe.

Ao fim da tarde de ontem, Prado Coelho reuniu-se com os representantes dos órgãos de Informação na delegação do M. C. S., tendo revelado que havia sido criada uma comissão instaladora para revitalização da actividade cinematográfica no Porto, constituída por Henrique Alves Costa, António Ruivo Mouzinho, André Oliveira e Sousa e Gonçalves Labrador, e ainda o director da delegação do Porto do M. C. S., dr. Luís Vale. Segundo o director-geral, os contactos com associações culturais do Porto vão prosseguir noutros campos, em novas visitas a esta cidade. O problema das casas de Cultura, o levantamento das salas e recintos utilizáveis para uma dinamização cultural, o uso das salas de espectáculos da Província, em dias não ocupados normalmente, para actividades daquele tipo, a dinamização da Cinemateca Nacional e a criação de uma delegação autónoma no Porto foram outros pontos abordados pelo dr. Prado Coelho. Foi finalmente referida a necessidade da criação de um Instituto Português do Livro para desenvolvimento da prática da leitura, divulgação do livro onde quer que se fale o português, e ainda no estrangeiro, para expansão do Livro e da Cultura portugueses. «A nossa actividade editorial neste momento, a avaliar pelas montras das livrarias», disse, «é bastante caótica».

QUARTA-FEIRA EUROPEIA

Continuação da pág. 16

SPORTING

Já com o Sporting a história é outra: é a história de ter tido o pássaro na mão e tê-lo deixado fugir.

Alvalade cheio como um ovo: público entusiasta a prometer apoio aos atletas vestidos às riscas verdes e brancas. Começa o jogo: o ataque pertence aos da casa; que não o recusam. Manuel Fernandes atira à barra: é a promessa. Os ataques sucedem-se; mas o golo tarda. Finalmente chega; bem perto da meia hora e com a assinatura de Manuel Fernandes. Entusiasmo que ganha galão novo; que cresce; que transborda para dentro das quatro linhas.

Mas vem o intervalo: com meia tarefa já cumprida. Falta a outra metade para tudo ficar satisfeito. E, às tantas, novamente a bola no fundo da baliza húngara: é o pássaro a poisar na mão leonina; mas que não se aperta, não segura, não faz nada. Ao invés, é o treinador do Vasas que faz sair força esgotada e inocula força virem na equipa: em dois pontos fundamentais. Quando toda a gente julgava que o pássaro estava seguro, vem uma sacudidela e faz a ave voar: é o golo dos visitantes, a garantia de que mais nada havia para ditar. Porque o Sporting já não tinha força para remar contra a maré e eram escassos os minutos ainda disponíveis.

Aconteceu ontem ao Sporting: ter o páassaro na mão e tê-lo deixado fugir.

AVIÃO MAIS CARO PARA O PORTO E ALGARVE

Mantendo os descontos que já oferecia a estudantes, jovens, grupos com interesses comuns, desportistas e jornalistas, a TAP aumentou as suas tarifas nas linhas do Porto e de Faro, que passam a ser, em classe económica, 670$00 e 650$00, respectivamente.

Este aumento verifica-se porque o anterior não tinha, sequer, dado para cobrir os encargos com combustíveis.

As novas tarifas são aplicadas sobre os bilhetes para as viagens que se realizarem a partir de 10 do corrente. No entanto, os passageiros que tenham comprado, ou comprem, bilhetes para os destinos acima referidos até ao dia 7, não são abrangidos por esses ajuntamentos.

INQUÉRITO ÀS EMPRESAS DE TRANSPORTES

Até meados de Dezembro, decorre os inquérito às empresas de transportes rodoviários de mercadorias no continente, iniciado em 22 do corrente pelo Instituto Nacional de Estatística.este inquérito visa colher daados indispensáveis ao planeamento do sector. Para assistência aos inquiridos, o INE dispõe de 15 brigadas de agentes, que contactarão todas as empresas.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

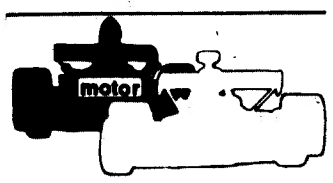
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mértola em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8/56608, arquivo 5460, para o estabelecimento do 1.º troço da linha aérea Mértola-Algodor a 15 kV com 13007 metros do poste n.º 23 da linha para a substação de Castro Verde no posto n.º 80, nas freguesias de Mértola e Alcaria Ruiva, concelho de Mértola.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Outubro de 1975.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins



SOCIEDADE COMERCIAL OREY ANTUNES, S. A. R. L.

Praça Duque da Terceira, n.º 4 — LISBOA - 2

Capital Realizado 60.000.000$00

DIVIDENDO DE 1974

Avisam-se os Snrs. Accionistas de que se encontra a pagamento, a partir do dia 17/11/75, na Tesouraria da Sede dos Bancos Credit Franco Portugais, Crédito Predial Português, Banco Português do Atlântico e Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa, nas horas normais de expediente, o dividendo relativo ao exercício de 1974.

A seguir se indica o montante do dividendo, por acção, e os respectivos impostos:

	POR ACÇÃO	
	Registadas	Não registadas
Dividendo Ilíquido	40$00	40$00
Imposto Cap. 7,28 %	2$91,2	2$91,2
Imposto S. e Doação 5 %	2$00	2$00
Imposto Compl. 24 %	—	8$90,1
Total Impostos	4$91,2	13$81,3
Líquido a receber	35$08,8	26$18,7

Para regularidade do serviço pede-se aos Snrs. Accionistas que utilizem recibos da própria empresa.

Os Snrs. Accionistas possuidores de acções ao portador registadas, para efeitos de imposto complementar, devem juntar aos recibos o respectivo duplicado da declaração do registo em seu poder.

Lisboa, 6 de Novembro de 1975

pela **Sociedade Comercial OREY ANTUNES, S. A. R. L.**

OS ADMINISTRADORES

Eng.º José Luís de Albuquerque d'Orey
Dr. Bernardo de Albuquerque d'Orey
Guilherme Aquilles de Albuquerque d'Orey
Ruy de Barros Vieira Ramos

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Santarém

CONVOCATÓRIA

SECTOR COMÉRCIO RETALHISTA — PLENÁRIO DE TRABALHADORES

Convocam-se todos os trabalhadores deste sector, abrangidos pelo CCT. Distrital, para um plenário com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1. Discussão e decisão sobre a revisão do CCT.
2. Dinamização Sindical
3. Informações

Local: Salão da INATEL (Campo da Feira) — Santarém

Dia: 7 de Novembro (Sexta-Feira)

Hora: 21.30

O SINDICATO SOMOS TODOS NÓS
COLABORA!
PARTICIPA!
DISCUTE!

Santarém, 30/10/75

A DIRECÇÃO

A luta da Maiombe ainda não está concluída

COMUNICADO:

O jornal o Século — que parece está dedicado a **assuntos sociais** — reproduz uma carta da minha autoria, por mim escrita e assinada, e dirigida à Comissão Administrativa que tomou **conta** da Maiombe. (In Seculo de 29.10.75, pág. 7)

A carta que o Século publica foi dirigida para uso próprio de indivíduos que não podem merecer um **mínimo de consideração** sejam a quem fôr, independentemente de qualquer filiação partidária, como vou a seguir explicitar:

1) Por denúncia de uma «Comissão de Trabalhadores da Maiombe Ltd.», capitaneada por **José Luís Cristovão Henriques** ajudante do guarda-livros da Maiombe, com vencimento mensal de quinze mil escudos — fui denunciado, pela prática de diversas e supostas irregularidades, cometidas na minha gerência na Maiombe, no **ano de 1973.**

2) O decreto-lei que veio a incriminar a prática dessas supostas irregularidades, supostamente cometidas por mim, tem a data de **2 de Maio de 1974.**

Porém,

3) E, no processo que me foi «armado» por aquele meu colaborador e por outros, os srs. Manuel Marques Ferreira, **João Duarte Ferreira e João José da Fonseca Paixão,** e entregue na Polícia Judiciária, **foram levados e retirados do escritório da Maiombe** diversos documentos, que segundo aqueles meus denunciantes, deveriam «comprometer» a minha actuação e, justificar a nomeação de uma comissão administrativa **que evitasse prejuízos à economia nacional.**

4) Quando tomei uma posição maioritária na Maiombe, Ltd.ª investindo as minhas economias e crédito a Maiombe — estava **tecnicamente falida.**

5) A esse respeito, o denunciante, **José Luis Cristovão Henriques** declarou: que tendo acesso aos elementos da escrituração e por isso pode confirmar **que o arguido José Galvão de Melo, ao assumir a gerência da empresa, cerca de 1970, a encontrou em situação realmente deficitária e tem ouvido falar que o défice da empresa era na altura superior a dez mil contos** — Tudo isto consta a fls. 265, do vol. do proc.º 1459 do 3.º Juízo de Instrução Criminal, agora pendente em recurso do signatário, no Venerando Tribunal da Relação de Lisboa.

6) O mesmo denunciante e «sus companeros» ainda me acusaram de desviar da Maiombe Ltdª, onde tenho largas centenas de contos, contabilizados em suprimentos e de que sou o maior quotista e era o único gerente — **cinquenta contos,** para adquirir em meu nome pessoal um estábulo para cavalos!!!

Contudo,

7) Está provado por declaração daquele **José Luis Cristóvão Henriques**, que a Maiombe Ltdª, na minha gerência pagou a seus empregados, sempre acima dos ordenados constantes dos contratos colectivos de trabalho e segundo a denúncia feita por aqueles meus colaboradores, **atribui-lhes aumentos «que podemos considerar únicos dentro deste país».**

8) Está provadíssimo que — o signatário como gerente único da Maiombe e seu principal quotista resolvia, dentro das possibilidades da empresa as «dificuldades» ou «aspirações» dos seus colaboradores. E, assim.

9) Ao sr. **José Luis Cristóvão Henriques,** concedeu-lhe licença para frequentar um curso Superior — como lhe tivesse demonstrado dificuldades de deslocação rápida, a Maiombe Ltd.ª, com o beneplácito do signatário, adiantou-lhe mais de setenta contos para a compra de um «Datsun» que logo ficou em nome dele, ficando o mesmo senhor a pagar à Maiombe mil escudos por mês;

10) Ao dito e repetido sr. **José Luis Cristovão Henriques** emprestou a Maiombe mais 372 mil escudos, para a compra de um andar importância que o mesmo sr. ficou de restituir logo que obtivesse um empréstimo hipotecário de entidade competente.

Já conseguiu, o empréstimo e não restituiu o dinheiro à Maiombe, Ltd.ª de que o signatário é o **maior quotista**, era o **único gerente** é credor por suprimentos.

11) Ao outro, o Paixão, deu a **Maiombe** madeira para uma casa e adeantou-lhe 40 contos, sem juros e sem restituição até esta data.

Sobre a competência professional destes dois «cabecilhas» os autos crimes, em recurso na Relação, transcrevendo declarações do dito José Luís Cristóvão Henriques relata o seguinte:

A pergunta:

«A industrialização das reservas florestais, além do condicionalismo legal, impõe logo na sua base operacional uma equipa de serradores com os conhecimentos necessários a utilizarem os mecanismos postos à sua disposição?

E ainda:

A direcção de um técnico que perceba do corte e da sua orientação e saiba distinguir as qualidades características da madeira que se pretende lançar no comércio?

Resposta:

Que desconhece tudo o que se refere a esta matéria e nada percebendo da matéria respeitante a este quesito.

13) Foi talvez, por tão francamente ter reconhecido a sua ignorância **na matéria do comércio que ia dirigir** que o sr. **José Luís Cristóvão Henriques** foi nomeado para a comissão administrativa **da Maiombe, por resolução do Conselho de Ministros de 24 de Junho de 1975.**

Em defesa da **economina nacional**?! Boa, vai ela!

A Maiombe Ltd.ª era uma empresa próspera, agora está **protestada**. Um, pelo menos dos seus administradores, deve-lhe dinheiro e não lhe paga... e se pagar será com o pêlo do mesmo cão, se tiver tempo.

Em conclusão:

14) O signatário está preso. O signatário sustenta que é infundada a acusação que lhe fazem. O signatário foi denunciado por colaboradores seus, embora falsamente.

Por pessoas com quem tratou sempre e generosamente: Para lhe retirarem do seu cofre e da sua empresa documentos — que no entender deles lhe favoreciam a denúncia — não precisaram de autorização. Abriram o cofre.

E, muito depois, com o signatário preso, por «escárnio» vieram dirigir ao signatário um ofício pedindo autorização para abrir o cofre!!!

Esperariam que o signatário que se sente defraudado no seu património e trabalho ainda colaborasse naquilo que considera uma espoliação e trocasse ternas palavras de cortesia com quem o espoliou?

Geral

BEIROLAS TEM APOIO

..«É tempo de dizermos basta à reacção. É tempo de aniquilarmos os E. L. P.'s e os M. D. L. P.'s. É tempo de mostrarmos à reacção que estamos decididos a não recuar um milímetro e fazer avançar a Revolução até à tomada do Poder pela classe operária» — disseram militares do R. A. C. na Conferência de Imprensa que ontem deram na sede da Comissão de Moradores de Moscavide.

..«Nós sabemos que a reacção até à independência de Angola tentará algo, mas estamos decididos a fazer-lhe frente» — declararam ainda. A demonstrar essa vontade de fazer frente à reacção, os soldados do R. A. C., de Oeiras, promovem esta tarde uma manifestação unitária de apoio aos soldados do Depósito de Material de Guerra de Beirolas que ali guardam vigilantes aquele material. A manifestação conta já com o apoio de várias comissões de moradores do Conselho de Trabalhadores de Santa Iria de Azóia.

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

CUNHAL FALA AMANHÃ NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

«A classe operária, os trabalhadores, as forças progressistas de todo o mundo vão comemorar amanhã o 58.º aniversário da Revolução Socialista de Outubro» — afirma-se numa nota da D.O.R.L. do P.C.P.

No nosso país, no momento em que as forças de direita e da reacção desenvolvem uma frenética actividade conspiratória e subversiva contra as conquistas democráticas do povo português, contra a nossa revolução democrática apontada ao socialismo, as comemorações do 7 de Novembro adquirem particular significado patriótico e internacionalista.

«A D.O.R.L. do P.C.P. organiza em todo o distrito de Lisboa, para comemorar o 58.º aniversário da Revolução russa, dezenas de sessões de esclarecimento, colóquios, exposições, etc., acerca da revolução de Outubro, do seu significado internacional e da sua influência sobre a marcha do movimento operário e revolucionário em Portugal».

Assim, amanhã, pelas 21.30 terá lugar no Pavilhão dos Desportos um comício com a presença de Álvaro Cunhal, secretário-geral do P.C.P.

RURAIS EXIGEM AO GOVERNO QUE CUMPRA PROMESSAS

«Os trabalhadores agrícolas já estão a perder a paciência face a promessas que não se cumprem» — eis o aviso feito pelos membros das Cooperativas de Alvalade-Sado em conferência de Imprensa ontem efectuada na Intersindical.

Quem assim falou foi Ermelinda Nunes, da Comissão Provisória da União de Cooperativas «Com União venceremos». E disse ainda: «Não nos fazem recuar, podem eles ter a certeza. Estamos firmemente dispostos a lutar até à última pinga de sangue para impedirmos que nos tirem as conquistas que com tanto sacrifício alcançámos.»

Presentes outros membros da comissão, designadamente representantes da Liga dos Pequenos Agricultores, das Cooperativas Fidel Castro, Humberto Delgado e Estrela Vermelha, e, ainda, das unidades fabris integradas recentemente na União, Orisul, Empresa de Concentrados de Alvalade, etc.

Sobre os acontecimentos de Santiago do Cacém, foram fornecidos elementos que põem os pontos nos «ii».

Assim, António Candeias, da Cooperativa Fidel Castro, afirmou:

«Se não fossem as ocupações efectuadas pelos trabalhadores, que começaram imediatamente a trabalhar as terras, o que haveria neste momento nas herdades, à mercê dos latifundiários?»

E com outro sentido:

«Os trabalhadores estão dispostos a fazer todos os sacrifícios para contrariar aqueles que se não cansam de invocar que o País está no caos económico. O que eles pretendem é que este País venha efectivamente a passar fome.»

Foi também acentuado pelos presentes que «a Reforma Agrária não começa nem acaba com a simples entrega da terra a quem a trabalha».

Assim, «é preciso criar ou aproveitar todas as estruturas que intervêm directa ou indirectamente na agricultura, quer antes das sementeiras, quer depois das colheitas. A comercialização tem de ser encarada de maneira séria».

Acentuou-se também que «os ex-grémios só à agricultura terão que servir». Censurou-se a actuação do Ministério da Agricultura sob certos aspectos — e afirmou-se que os alentejanos «não permitirão mais saneamentos, quer no Sul, quer no Norte do País».

«Nós é que sabemos o que queremos, não é o ministro» — foi ainda dito pelos elementos da União das Cooperativas.

E esclareceu-se:

«Pela primeira vez, os trabalhadores, através desta União, vão fazer o **controle**, desde a produção à comercialização dos produtos.

Não desconhecemos os perigos que vamos correr, as iniciativas reaccionárias que se irão levantar para impedir a concretização de um processo que envolve mil trabalhadores e quinze mil hectares de terras.»

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental havia nevoeiro em várias regiões e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	9º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	11º
FARO	16º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima **25,5º**

Figueira de Castelo Rodrigo
Mínima **6,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,5º
Atmosfera	12,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.41	**4,3 m**	11.22	**0,7 m**
18.09	**4,0 m**	23.36	**0,9 m**
Dia 7			
6.25	**4,1 m**		
18.55	**3,8 m**	12.05	**0,9 m**
Dia 8			
7.11	**3,9 m**	0.19	**1,2 m**
19.44	**3,5 m**	12.53	**1,2 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Bom tempo, com céu geralmente limpo e vento fraco; nevoeiro locais durante a noite e princípio da manhã.

AMANHÃ

NASCER ÀS 8.09
OCASO ÀS 18.31

DIA 10 — DIA 18 — DIA 26 — DIA 3

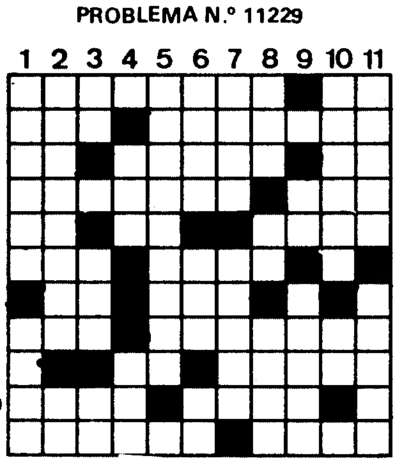
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11229

HORIZONTAIS

1 Acções virtuosas. Li
2 Estava. Moveria os remos
3 Niquel (s.q.). Leões da América. Crómio (s.q.)
4 Unimos por casamento. Claridade
5 Érbio (s.q.). Rio da Rússia. Grande desordem
6 Ruins. Registo de sessão de corporação
7 Neon (s.q.). Maior
8 Figura que simboliza o povo americano. Triturara
9 Bário (s.q.). Estacionar
10 Romance de Emilio Zola. Carta geográfica.
11 Rezaras. Metal precioso de cor amarela



VERTICAIS

1 Dominam. Remedeio
2 Árvore do Sertão (bras.). Aparência
3 Rádio (s.q.). Preposição. Sódio (s.q.)
4 O sustento. Botequim.
5 Espécie de palmeira (bras.)
6 Demónio Coragem. Manuscrito
7 Aves pernaltas. Intestino
8 Sadias. Aqui. Cubro
9 Quinto filho de Jacob. Astuto
10 Maus hábitos. Batráquio
11 Palmeiras de Amazónia. Nome de homem

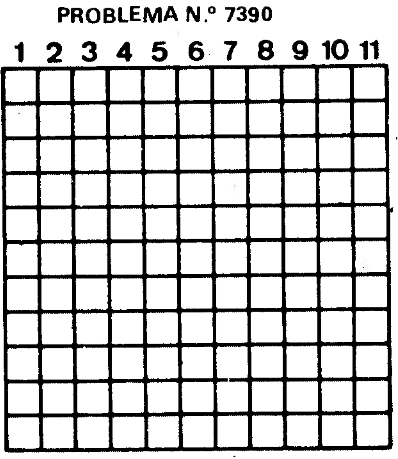
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7390

HORIZONTAIS

1 Nome antigo de Ceuta. Termina
2 Habitas. Aperfeiçoam
3 Base aérea portuguesa. Transpire. Falda
4 Batráquio. Pune. Brisa
5 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Chefe Etíope
6 Cobalto (s.q.). Mulher de baixa estatura. Artigo indefinido
7 Castigo (gír.). Proceder
8 Armadilha para pássaros. Agita
9 Idem. Satélite de Júpiter. Bismuto (s.q.). Antes do meio dia
10 Progenitores. O mesmo que todeiro
11 Gorgulhos tropicais. Estado de espírito.



VERTICAIS

1 Fruto da amoreira. Tapume
2 Obstáculo. Corda delgada
3 Cólera. Habito. Distar
4 Nota musical. Vossa Alteza. Desenrugo
5 Marca. Preposição e artigo definido
6 Despido (inv). Nosso Senhor
7 Aviva. Prefixo que designa afastamento
8 Cento e um em romano. Autores. Prendo com abita
9 Governanta. Chupa. Sufixo que designa estado
10 Molha com baba. Atormentada
11 Amargo. Borla de barrete

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11228

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Marra. Tarai.	1 Aan. Rosnado.
2 Au. Arcariam.	2 Au. Ser. Amor.
3 A. TAL. Ano.	3 Rapar. Asa.
4 Sam. Sr.	4 Ra. Mirem. Ad.
5 Repisaras.	5 Art. Sa. Pró.
6 Orara. Oleai.	6 Cara. Orai.
7 Re. Olhais.	7 TAL. Rol. Gap.
8 Na. Ora.	8 Ar. TALHO. Só.
9 Ama. Pag.	9 Ria. Seara.
10 Dosarias. Al.	10 Aans. Aia. At.
11 Orado. PORTA.	11 Imorais. Ela.

PROVÉRBIO: A TAL PORTA, TAL TALHO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7389

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Tapar. Tripa.	1 Trota. Sanar.
2 Riam. Atar.	2 Airara. Rota.
3 Oro. Cós. Use.	3 Pão. Aru. Sir.
4 Ta. Pá. Em. To.	4 Am. Pinto. Rã.
5 Arais. Datou.	5 Casa. Coas.
6 Arna. Ares.	6 Bo. Mel.
7 Ut. Cs.	7 Seda. Lear.
8 Ar. Ocelo. Pó.	8 Ra. Marco. Mo.
9 Nós. Olé. Sam.	9 Itu. Tês. Sam.
10 Atira. Amare.	10 Pastos. Pare.
11 Raras. Romeu.	11 Areou. Romeu.

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana** Variedades internacionais. **T.261461/164526/264596°264621/264946.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

rádio

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.25 Melodias
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
22.05 Tema de economia, por Filipe Felgas
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
03.05 Mini-teatro

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?
18.00 Sonata op. 18, para violino e piano, de Strauss
18.30 «Façade», suite de bailado, de William Walton
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.00 A grande música negra, por José Duarte
00.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Concerto em lá menor, para flauta e orquestra, de Carlos Filipe Emanuel Bach
21.00 Música sinfónica de Gustav Holst
22.00 Concerto de câmara
23.00 Sinfonia «As Bodas Aldeãs», de Karl Goldmark
23.45 Concerto para harpa e orquestra, de Boieldieu
00.00 Música de cena
00.50 «Canção da Juventude», de Stockhausen
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média, 290,13 m — 1034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 m — 782 KHz — EMISSÃO CONTÍNUA

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **10.00** e das **22.00** às **02.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Graça

Das **14.30** às **19.30**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1
TODA A NOITE

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944).

ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda), (Telef. 728277).

AMOREIRAS
Britânica, Travessa Légua da Póvoa, 5-B (Telef. 689250).

AREEIRO
Imperial, Avenida Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860).

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20-22 (Telef. 44995).

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, (Telef. 844361).

BAIXA
Oliveira, Rua da Prata, 240, (Telef. 321415).

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, (Telef. 703393).

LAPA
Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72, (Telef. 661010).

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, (Telef. 790332).

OLIVAIS-SUL
Nova dos Olivais, Rua Manhica, Lote 469, (Telef. 316402).

TURNO D-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74, (Telef. 866360).

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A, (à Praça Paiva Couceiro), (Telef. 843571).

ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A/B, (Telef. 725140); **Cartaxo**, Avenida da Igreja, 21-C, (Telef. 717958).

ANJOS
Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A, (Telef. 821973).

AREEIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B/C, (à Avenida Sacadura Cabral), (Telef. 770776).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187, (Telef. 326476).

AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, (Telf. 44158).

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38-40, (Telef. 638132).

BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A/B, (Telef. 780511).

S.BENTO
R.Poia S.Bento, 78 (T.6798..

CAMPOLIDE
Rualto, Ld.ª, Alto do Carvalhão, 5/A/B, (Junto ao Aqueduto das Águas Livres), (Telef. 651721).

CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A, (Telef. 688857).

MARVILA
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telef. 385264).

MOURARIA
Bastos Andrade, Calçada de Santo André, 107-111, (Telef. 860450).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)

DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)

QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045); **Correia**, L.do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D.António C.Sá, 50-E (T.957619)

CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Ardos, lote 1-B (T.2940781)

MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)

COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.212091)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 horas

OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 98 (T.2430090)

CARCAVELOS
Central. Toda a noite

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Até às 24 horas

S.PEDRO DE SINTRA
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052). Toda a noite

MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas

CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Até às 22 horas; **A.Costa**, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 39 (T.2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Alianca, E.Nacional, 178-B (T.2040302)

BARREIRO
Moderna, R.D.Henriqueta Gomes de Araújo, 259 (T.2073012)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)

MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 50 (T.2310032)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)

SETÚBAL
Marques, R.Arronches Junqueiro (T.22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (T.24558)

SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 1º

Até às 22 horas

Gondarém, Rua de Gondarém, 360 - FOZ; **Correia de Araújo**, Rua de Santa Catarina, 259; **Nova Avenida**, Avenida Fernão de Magalhães, 692; **Pinheiro Manso**, Rua São João de Brito, 25-29; **Santa Teresa**, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 1000 **Silva Pereira**, Rua de Costa Cabral, 293; **Alves**, Praça do Exército Libertador, 62; **Barros**, Rua do Loureiro, 104; **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80; **Cameira**, Rua do Heroísmo, 90; **Terreiro**, Rua da Reboleira 21.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Terreiro, Rua da Reboleira, 21; **Pinheiro Manso**, Rua São João de Brito, 25-29; **Santa Teresa**, Praça Guilherme Gomes Fernan-

COIMBRA

Dias erreira, R.do Brasil, 70 (T.26046); **Higiene**, R. Fernandes Tomás, 41 (T.22 634); **Santa Curz**, R.das Padeiras, 94 (T.23569)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»

COLISEU
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo

MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»

VILLARET
20.30 e 23.00 (13 anos)
«Pascoal»

CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Programa Final»

JARDIM
21.15 (13 anos)
«Matarei Um por Um»

IDEAL
21.15 (14 anos)
«A Casa da Barafunda»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«A Culpa Foi do Nero»

MOSCAVIDE
21.15 (10 anos)
«O Mundo do Circo»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«O Gato e o Rato»

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«Duelo de Punhos»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«O Último Dever»

DAMAIA
D.João
21.00 (18 anos)
«Escândalos de Bata Branca»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«As Bailarinas»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Noite de Silêncio, Noite de Sangue»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (13 anos)
«O Jovem Leão»

COVA DA PIEDADE
Clube
21.30 (18 anos)
«O Donzelo»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«La Bambina»

OÍLMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A M[illegible] e a Puta»

S.JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Engrenagem»

COLISEU
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Veredicto»

JÚLIO DINIS
21.15 (13 anos)
«Catherine, Um Só Amor»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»

ESTUDIO
221.15 (18 anos)
«A Máquina do Amor»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Matriarca»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«A Ameaça»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Volta de Billy Jack»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«O Trio Infernal»

SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«Contacto em Salisbury»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Primeira Noite»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
O OPORTUNISTA
ALVALADE
O A B C DO AMOR
S. JORGE
PROCESSO ARQUIVADO
ESTÚDIO

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

SPY'S
Espiões

N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme

4.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BALBÚRDIA NO OESTE

13.ª Semana

Às 24.00 Grupo D (18 anos)

O JOELHO DE CLAIRE

ROXY

T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

16.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

[illegible] Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 Estreia às 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Casadas, solteiras, ricas e pobres nenhuma escapava

O OPORTUNISTA

Um filme de Mike Vardy

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

QUE VIVA A REVOLUÇÃO

c/Marcelo Mastroiani

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
3.ª semana

Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

D. JOÃO V — DAMAIA

T. 971794 21.00

Grupo D (18 anos)

ESCÂNDALO DE BATA BRANCA

Na NAZARE o DIARIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

UNIVERSAL

T. 774402 15.17, 19.00, 21.00, 23.00

Não acons. a menores de 13 anos

O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR

Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

SEIOS DE GELO

Com Mireille Darc e Alain Delon
Um filme G. Lautner
hoje às 18.30

(Para maiores de 14 anos)

ENCONTRO EM BEAUY

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Grupo D - 18 anos

O novo tenómeno ao filme de acção

BIG BOSS

O IMPLACAVEL

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

«PAUL E MICHELLE»

2.ª semana

Amigos... e Amantes

Um filme de Lewis Gilbert

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

MADLY A OUTRA MULHER

Nas sessões das 15.30 e 21.15 reportagem da visita do Senhor Presidente da República à Roménia

CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

2.ª Semana

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O GATO E O RATO

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

OS 2 BOMBEIROS

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
2.ª Semana

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 2.ª Semana

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

ESTRANHA FORMA DE AMAR

Com Paul Geganff

SATÉLITE

T. 562632

Interdito a menores de 18 anos

Às 15.00 e 23.00 — **O VÍCIO**
Às 17.00 e 21.00 — **O CIO**
Às 19.00 — **O PROSTITUTO**

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
Às 24.00
O HOMEM DOS OLHOS DE GELO

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos maiores de 6 anos
Jerry Lewis é
O REI DO CIRCO
Um filme de Joseph Perney
2.ª Semana
Hoje às 19.00 Festival de Aniversário
Não acons. a menores de 13 anos
ÁRVORE SEM RAÍZES

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O riso dos anos 70, é...

O PROFESSOR NUDISTA

3.ª Semana

c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Int. a menores de 18 anos
Um filme de alto nível espectacular e passional

ISABELA DUQUESA DO DIABO

c/Brigitte Skay — a odisseia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

LA BAMBINA

Uma nova forma de amor...

S. JORGE

T. 54153/4 21.15 estreia

Não acons. a menores de 18 anos

O A B C DO AMOR

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 2.ª Semana

CARLOS MANUEL — SINTRA

21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O ÚLTIMO DEVER

CINEARTE

T. 660446 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

PECADO VENIAL

ESTÚDIO

T. 555135 Estreia às 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

PROCESSO ARQUIVADO

ESTÚDIO 444

T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
ADOLESCENTE PERVERSA
Com Jane Asher 4.ª Semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A BOFETADA

c/Lino Ventura e Annie Girardot

RESTELO

T. 610375 Às 21.00

Interdito a menores de 18 anos

A VERDADE DAQUELA NOITE

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
077 AGENTE INDECENTE
Pierre Richard e Mireille Darc

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

BEJA E PORTO

MAIS PETARDOS EM AUTOMÓVEIS

. Um petardo de fraca potência explodiu cerca das duas horas de hoje, em Beja, no automóvel do capitão da Força Aérea Júlio Bernardino Costa Anjos, que se encontrava estacionado junto da sua residência. Os estragos são de pouca monta.

Aquele ofical, na situação de reserva, é dirigente da comissão distrital do M.D.P./C.D.E., e presidente da comissão administrativa de Beja da Liga dos Combatentes.

Ontem, mais dois automóveis pertencentes a pessoas identificadas com partidos de esquerda, foram alvo de atentados à bomba, estes no Porto. Um deles visou o carro do militante do M.D.P/C.D.E., dr. António Filipe Aragão dos Santos, que se encontrava estacionado à porta da residência, na Rua do Monte Aventino; e o outro provocou danos na viatura de Francisco Manuel Pinto Moreira, domiciliado na Rua de Sá da Bandeira, em Gaia, este, militante do MÆS.

Sá Carneiro aos jornalistas

"O P.S. TEM DE ESTAR CONTRA O P.C."

...«O P. S. tem que clarificar a sua posição», disse Sá Carneiro, secretário-geral do P. P. D., numa conferência de Imprensa que esta manhã se realizou na sede desse partido.

..Caracterizada por uma linha de ataque ao P. C. («O P. C. e a F. U. R. são a guarda avançada da reacção») e pelo vincar do peso dos votos no prato da balança em que vive o P. P.D., a dissertação do ex-deputado da ala esquerda da Assembleia Nacional marcelista denunciaria, ainda, uma «certa ambiguide e incoerência do P. S., que não pode «admoester o P. P. D. o P. C. e alguns elementos das Forças Armadas, ameaçando com a formação de um Governo só de «pê ésses» e de alguns membros do M. F. A., como fez Mário Soares num comício, há dias, e publicar, ao mesmo tempo, um comunicado em que se acusava o P. C. apenas e não o P. P. D.»

..Afinal que estratégia é a do P. S.? Sá Carneiro acha que é a de fazer com que o P. C. não saia do Governo, numa tentativa de separar o P. C. daquilo a que Sá Carneiro chama a «extrema dita esquerda».

O dr. Sá Carneiro, acha isso impossível porque, a seu ver, «o P. C. não dispensa a F. U. R., os S. U. V., os A. R. P. E. etc. na sua estratégia, e estes grupos não podem viver sem o P. C.».

..Fundamentalmente, o líder do P. P. D. pretende que o P. S. se defina contra o P. C., partido que considera antidemocrático.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

40.496 — 5.000.000$00
41.826 — 1.500.000$00
49.018 — 1.000.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

40.495 — 41.500$00
40.497 — 41.500$00

PRÉMIOS DE 40 CONTOS

96; 1.068; 4.132; 7.899; 8.420; 11.695; 14.676; 16.167; 16.243; 17.518; 18.118; 18.249; 18.433; 20.009; 20.539; 22.764; 22.812; 25.665; 28.943; 29.922; 31.230; 34.144; 34.482; 37.374; 40.133; 40.360; 42.303; 45.283; 45.731; 46.325; 48.800; 49.465; 53.406; 54.589; 54.640; 59.134; 59.138.

PRÉMIOS DE DEZENA

Os números de 40.491 a 40.500 são contemplados com 25.000$; de 41.821 a 41.830 com 20.000$; e de 49.011 a 49.020 são contemplados com 15.000$..

PRÉMIOS DE 800$00 (CENTENAS)

40.401 a 40.500; 41.801 a 41.900 e 49.001 a 49.100

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 796 são contemplados com 10.600$; em cada bilhete, e os terminados em 037, 352, 408, 464, 468, 535 ou 637 com 10.000$;, em cada bilhete. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 03 ou 97 são premiados com 1.000$. Os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 6 têm direito a 600$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

VOLTE-FACE EM ANGOLA

Continuação da pág. 1

das F.A.P.L.A. a ofensiva contra as forças mercenárias e invasoras endureceu no sentido de limpar as províncias invadidas da presença do lixo de mercenários racistas sul-africanos e os ultra-fascistas do E.L.P. de Spínola.

Perante estes desaires as forças fantoches da U.P.A./F.N.L.A.-U.N.I.T.A.tentam agora ressuscitar politicamente, e o Rádio Clube do Uíge e o Rádio Clube do Huambo lançam para o ar atoardas dizendo que no próximo dia 11 haverá um Governo de Coligação, ao mesmo tempo que afirmam já estar em Luanda e terem conquistado a província de Benguela, bem como o porto de mar do Lobito.

É dentro destas atoardas que de Luanda se classifica a notícia esta manhã difundida pelas agências internacionais — que citavam Rádio Uganda — dando conta de que o M.P.L.A. e os dois movimentos rivais teriam concordado em formar um Governo de Unidade Nacional.

SETE MILHÕES DE DÓLARES FALSOS ENTRARAM NO PAÍS

Por informação de fonte segura chegada esta manhã à nossa Redacção, soubemos que entrou no País, pelo Algarve, grande quantidade de dólares falsos, em notas. A notícia foi-nos confirmada e, entretanto, tivemos conhecimento que a Comissão Sindical do Banco Português do Atlântico (Sul e Ilhas) dirigiu aos delegados sindicais uma nota, a título de muito urgente, anunciando terem dado entrada no País, pela zona do Algarve, entre 6 a 7 milhões de dólares falsos. Estas notas estão a ser vendidas principalmente a construtores civis, sendo a maior parte das transacções em notas de 100 dólares. A Polícia Judiciária está a investigar, tendo já detectado alguns defeitos visíveis nas notas de 20 dólares. Assim, a impressão das faces é bastante imperfeita; o papel é mais mole e de qualidade inferior; não constam nestas notas umas fibras vermelhas e azuis; no osso do desenho do céu há linhas suplementares mais grossas.

A Polícia Judiciária está neste momento a examinar as notas de 100 dólares.

Lembramos que este é um processo típico de sabotagem da economia de países cujo povo decidiu tomar o destino nas próprias mãos. O Chile não esquecerá.

APÓS O 11 DE NOVEMBRO

PORTUGAL RECONHECERÁ GOVERNO COM M.P.L.A.?

Não haverá qualquer conciliação entre o M.P.L.A. e os movimentos fantoches seus rivais até 11 de Novembro e, nesta data, a independência de Angola será unilateralmente proclamada pelo movimento dirigido pelo dr. Agostinho Neto, seja qual for a posição de Portugal. Estas determinações resultam de declarações proferidas em Dacar por Garcia Pires, do Directório Político do M.P.L.A., e pelo próprio dr. Agostinho Neto, numa mensagem ontem dirigida ao presidente da O.U.A.

Entretanto, surgem indicações de que Portugal, mantendo até 11 de Novembro a sua posição de reconhecer os três movimentos angolanos em pé de igualdade, após a proclamação da independência pelo M.P.L.A. poderá reconhecer apenas o Governo formado por este movimento. Tais indicações advêm de declarações do ministro Vitor Crespo. em Campala, ao afirmar que «a independência de Angola já estava reconhecida», sem especificar com que movimento, e acrescentando que «compete agora às forças políticas angolanas arranjar um Governo de Unidade Nacional **que qualquer dos movimentos reconheça como representando os legítimos interesses do povo angolano**. Outra indicação, ressalta de declarações ao «Diário de Notícias», do dr. Arménio Ferreira, do Órgão Coordenador do M.P.L.A. para a Europa, nas quais afirma acreditar que Portugal, no dia 11, **reconhecerá o Governo do povo angolano**.

Resta agora saber como encara o M.P.L.A. esta posição de Portugal, já que a mantida a té agora por Lisboa tem provocado àquele movimento enormes dificuldades, cujas consequências se farão sentir em Angola muito para além da independência. A isto, há ainda a adicionar as relações tensas com o VI Governo e com partidos portugueses com representantes no gabinete de Pinheiro de Azevedo, como é o caso dos do Partido Socialista e do P.P.D. Há ainda que acrescentar a posição assumida pelas Forças Armadas portuguesas em Angola, não só face às agressões estrangeiras de que aquele território vem sendo alvo como também no abandono de bases militares e de material à F.N.L.A. e U.N.I.T.A., nas zonas por estas ocupadas.

A REUNIÃO DE KAMPALA

A reunião na capital do Uganda do «bureau» da 12.ª Conferência da O.U.A., terminou ontem sem, como se esperava, fornecer qualquer solução para o problema angolano. Foram tornadas públicas algumas recomendações, tais como a de que os três movimentos formem um Governo de Unidade Nacional. mas não se espera que as mesmas tenham qualquer efeito na evolução dos acontecimentos. O ponto mais saliente das resoluções tomadas nesta reunião, resulta do reconhecimento pela O.U.A. da agressão estrangeira contra Angola, partindo da África do Sul e do Zaire.

FABIÃO E OTELO NO COPCON

. O general Fabião esteve ontem à noite no Forte do Alto do Duque onde teve uma reunião de carácter particular com o general Otelo Saraiva de Carvalho. Estiveram também presentes o capitão Marques Junior e outros oficais do Copcon.

Este encontro teve como finalidade perspectivar linhas de orientação comuns e procurar respostas para o avanço da direita.

Fontes bem informadas consideram esta reunião como «muito importante» realizando-se na sequência de uma outra havida na véspera e em que esteve o capitão Vasco Lourenço. A viagem de Carlucci ao Norte e as movimentações de retornados que no sábado fizeram uma importante reunião no Hotel Ritz, liderada pelo mesmo elemento que comandou a ocupação do Banco de Angola são motivo de particular atenção para o Copcon. Durante a referida reunião no Hotel Ritz, foram lançadas palavras de ordem com propostas para várias acções violentas tais como a neutralização da Carris, ocupação do I.A.R.N. e Banco de Angola, assaltos a casas comerciais, etc.

Por outro lado a notícia publicada pelo «Expresso» da realização de uma manifestação a nível nacional fornece um contexto propício à actuação de grupos contra-revolucionários e criação de um clima de agitação para criar a intranquilidade pública.

Década da U.R.S.S.

..Fortalecer a segurança europeia e a paz em todo o mundo são tarefas que se inscrevem no âmbito da Associação Portugal-U. R. S. S., assim afirmou ontem o embaixador soviético em Lisboa, Arnold Kalinine, na inauguração das novas instalações da Associação, Rua de S. Caetano à Lapa, 30.

..O acontecimento integra-se na «Década da U. R. S. S.» que actualmente decorre no nosso país com grande êxito, especialmente no Porto.

PETARDO EM VALPAÇOS

. VALPAÇOS, 6 — Um petardo explodiu, esta manhã, no Largo de Camões, destruindo o automóvel de Adriano Costa, membro do P.C.P. local e membro também da Comissão Administrativa da Câmara Municipal.

ÚLTIMAS

Marroquinos entram no Sara

RABAT, 6 — (FP) — A «Marcha Verde» passou a fronteira às 10.30 TMG, anuncia a agência MAP.

Nota à nota

À MODA ANTIGA

. O «velho» lutador antifascista Jaime Gralheiro, escolhido num plenário realizado em Maio de 1974 para presidir à C. A. da Câmara de S. Pedro do Sul, foi substituído por um retornado de Angola, Carlos Alberto Diogo Tavares.

Este indivíduo que ninguém conhece a nível concelhio, fez toda a sua vida na ex-colónia, voltou agora e foi guindado, nas costas do povo do concelho, à presidência da C. A. da Câmara depois de dois assaltos à mesma, nos princípios de Agosto passado, levados a efeito pelo P. P. D./C. D. S., com todo o apoio das cúpulas P. S.

Estranhamente, o novo presidente da C. A., logo que ia tomar as rédeas da governação concelhia, começou a agir, à velha maneira. Assim: construiu uma casa clandestina, isto é, sem as devidas licenças camarárias, e apertou um caminho público, levantando um canastro (espingueiro) igualmente sem licença e sem respeitar as distâncias regulamentares.

Com o fundamento de que não tinha sido escolhido pelo povo, Jaime Gralheiro foi saneado. Com o fundamento de que o povo não sabe escolher, Carlos Alberto Diogo Tavares foi nomeado sem que o povo para aí tivesse metido prego ou estopa! Um espanto!

A EMBAIXADA

..Segundo fontes da maior idoneidade ligadas aos meios moçambicanos, o Governo da República Popular de Moçambique teria manifestado o seu desagrado perante a existência de um diferendo na nossa embaixada que opõe o embaixador a alguns membros do pessoal superior da embaixada.

..Não, não prezado leitor. Não se preocupe porque não se trata de mais um embaixador fascista a criar problemas. Bem pelo contrário, e talvez porque o embaixador não é de carreira, passa-se exactamente o oposto. O nosso embaixador é um elemento em quem a Frelimo deposita total confiança.

..Segundo as mesmas fontes, o problema reside no facto de em Lourenço Marques ser classificada como de muito mau gosto a escolha de um ex-despachante oficial dos tempos colonialistas (com os envolvimentos inerentes) para em tempos e condições opostas desempenhar um cargo de adido comercial.

..Ao que parece, o Governo moçambicano, conhecedor do «curriculum» do referido elemento ao tempo em que exercia as funções de despachante oficial em Angola, parece pouco disposto a permitir a sua permanência naquele país. Isto sem prejuízo das boas relações que Moçambique deseja manter e manterá — com o povo português. Mas é preciso notar que o povo que os moçambicanos estimam, é aquele que era representado por um Governo que em 25 de Junho de 1975 foi convidado a estar presente nas comemorações da independência de Moçambique.